



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

MICHAEL JOHNATHAN FERNANDES

Dizer Deus numa era pós-secular

**Contributo da Educação Moral e Religiosa Católica a partir da
reflexão da Unidade Letiva 2 do 9º ano “Deus, o grande Mistério”**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:**

Doutor Paulo F. de Oliveira Fontes

Mestre Cristina Maria Ramos Cavalheiro de Sá Carvalho

Lisboa

2021

AGRADECIMENTOS

À comunidade docente da UCP com quem me cruzei neste itinerário

À Dr^a. Cristina Sá Carvalho e ao Doutor Paulo Fontes indispensáveis para a concretização do presente relatório através da sua orientação, apoio e disponibilidade abrindo horizontes de reflexão.

À EB 2/3 Pedro D'Orey da Cunha, de um modo especial na pessoa do Prof. José Luís Dias, pelo acompanhamento e apoio na orientação e desenvolvimento da Prática de Ensino Supervisionada.

A todos os colegas do mestrado pela sua amizade e motivação constante durante este percurso.

Ao meu Pai que, na companhia de Deus, me acompanha em cada passo.

À minha Mãe cujo exemplo de força e de coragem me inspiram

Aos meus irmãos, cunhadas e sobrinhos, pelo apoio constante.

À Teresa, minha companhia de viagem, pela paciência e apoio nesta caminhada.

ÍNDICE

Índice dos gráficos	6
Índice dos quadros	6
Resumo	7
Abstract	8
Abreviaturas e Siglas	9
Introdução	10
Capítulo 1 - Prática de Ensino Supervisionada	13
1. Enquadramento da PES	13
1.1. Caracterização da E. B. 2, 3 Pedro D’Orey da Cunha.....	13
1.2. Caracterização da turma A do nono ano	15
2. Experiência do percurso realizado: o antes e o depois	17
2.1. A nível do contexto escolar	17
2.2. A nível do contexto em sala de aula.....	19
3. A lecionação.....	21
3.1 Análise crítica à Unidade Letiva 2 do 9º ano “Deus, o grande mistério”.....	21
3.2 Planificações de aula e relatórios	24
3.3 Questões emergentes resultantes da lecionação e ponto de partida para a reflexão subsequente	69
Capítulo 2 - Dizer Deus numa era pós-secular	71
1. O fenómeno da secularização.....	71
1.1. Secularização e relativização da religião.....	71
1.2. Secularização e recomposição da religião.....	75
2. A religião no panorama cultural pós-secular.....	79
2.1. Religião como desejo de plenitude e sentido	79
2.2 As religiões ao serviço da fraternidade e da paz	83
Capítulo 3 - Dizer Deus: contributo da EMRC	89
1. Ensino religioso confessional no quadro de um Estado laico	89
1.1. Estado laico: clarificação conceptual	89
1.2 Legitimidade de um ensino religioso na Escola pública	91
1.3. Fundamentação para um ensino religioso: alguns contributos.....	94
2. Dizer Deus no Programa de EMRC: breve itinerário.....	100
2.1. Das finalidades da disciplina às metas curriculares	100
2.2. Um percurso de 12 anos	104
3. Dizer Deus na escola: lugar e relevância da EMRC	110
Conclusão	115

Bibliografia	120
1. Fontes e Documentos	120
2. Estudos e Ensaio.....	121
Anexos	124

ÍNDICE DOS GRÁFICOS

Gráfico 1 – Metas do Domínio 1 ao longo do percurso escolar.....	104
Gráfico 2 – Metas do Domínio 2 ao longo do percurso escolar.....	106
Gráfico 3 – Metas do Domínio 3 ao longo do percurso escolar.....	107

ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro nº 1 – Metas Curriculares presentes em cada Domínio de Aprendizagem.....	102
Quadro nº 2 – Síntese das Metas com maior frequência em cada Domínio.....	107

RESUMO

O presente Relatório final da Prática de Ensino Supervisionada (PES) elaborado no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas – especialização em Educação Moral e Religiosa Católica tem como objetivo expor uma reflexão sobre o contributo educativo da Educação Moral e Religiosa Católica no momento de dizer Deus numa era tida como pós-secular. A PES foi realizada na EB 2,3 Pedro D'Orey da Cunha e a lecionação incidiu sobre a Unidade Letiva 2 do 9º ano “Deus, o grande Mistério”.

A reflexão gira em torno das implicações que o processo de secularização introduziu na sociedade, sobretudo a Ocidental, e qual o lugar e contributo da(s) religião(ões) na atualidade cultural pós-secular. Articula-se, igualmente, o ensino religioso com a laicidade do Estado e do ensino, sublinhando a sua legitimidade e a fundamentação da sua presença na escola pública.

O estudo culmina com o contributo educativo que a Educação Moral e Religiosa Católica oferece ao explorar o fenómeno religioso capacitando os alunos para poder dizer Deus, através da pessoa de Jesus Cristo, máxima revelação do Pai, encontrando n'Ele as respostas às inquietudes e o sentido última da existência humana.

Palavras-chave: Deus; Secularização; Religião; Laicidade; Ensino Religioso; Escola pública; Fenómeno religioso; Educação Moral e Religiosa Católica; Jesus Cristo; Sentido da vida.

ABSTRACT

This final report of Supervised Teaching Practice (PES) elaborated in the scope of the Master's Degree in Religious Sciences - specialisation in Catholic Moral and Religious Education aims to expose a reflection on the educational contribution of Catholic Moral and Religious Education at the moment of saying God in an age considered as post-secular. The PES was carried out at EB 2,3 Pedro D'Orey da Cunha and the teaching focused on the 2nd Unit of the 9th grade "God, the great Mystery".

This reflection revolves around the implications that the secularization process has introduced in society, especially in Western society, and what is the place and contribution of religion(s) in the post-secular cultural actuality. Religious teaching is also articulated with the secularity of the State and of education, underlining its legitimacy and the justification for its presence in public schools.

The study culminates with the educational contribution that Catholic Moral and Religious Education offers by exploring the religious phenomenon, enabling students to be able to say God, through the person of Jesus Christ, maximum revelation of the Father, finding in Him the answers to the concerns and the ultimate meaning of human existence.

Keywords: *God; Secularization; Religion; Secularity; Religious Education; Public School; Religious Phenomenon; Catholic Moral and Religious Education; Jesus Christ; Meaning of life.*

ABREVIATURAS E SIGLAS

CIC – Catecismo da Igreja Católica

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica

FT – *Fratelli Tutti*

GS – *Gaudium et Spes*

NA – *Nostra Aetate*

NMR – Novos Movimentos Religiosos

PES – Prática de Ensino Supervisionado

UL – Unidade Letiva

INTRODUÇÃO

O tema escolhido para o presente Relatório final deve-se a um interesse constante e sempre renovado, fruto da minha condição de crente e da minha formação teológica, pela questão de Deus e a sua plausibilidade no contexto atual de indiferença em que se vive *etsi Deus non daretur* (como se Deus não existisse). Além do mais, sendo docente de Educação Moral e Religiosa Católica, tenho consciência de que é essencial, nos tempos de hoje, estar munido de toda e qualquer ferramenta possível de maneira a poder trabalhar o fenómeno religioso com os alunos, para poder dizer Deus e torna-lo “alcançável”, Ele que é transcendência e Mistério.

Ao iniciar esta exposição gostaríamos de nos apoiar num diagnóstico feito por Bento XVI sobre a situação atual de crise cultural da fé em Deus e que, no fundo, resume o tema a iremos desenvolver. Com grande acuidade o atual Papa emérito afirma que “no mundo ocidental vivemos hoje uma onda de um novo e drástico iluminismo ou laicismo, não importa o nome que se dê. Tornou-se mais difícil acreditar, porque o mundo em que nos encontramos é feito completamente por nós mesmos e nele Deus, por assim dizer, já não aparece diretamente. Não se bebe mais da fonte, mas daquilo que, já engarrafado, nos é oferecido. Os homens reconstruíram o mundo para si mesmos, e é difícil encontrar Deus por detrás deste mundo. Por outro lado, o mundo ocidental está influenciado vigorosamente por outras culturas, nas quais o elemento religioso originário é muito forte, e que ficam horrorizadas com a insensibilidade em relação a Deus que encontram no Ocidente. E esta presença do sagrado noutras culturas, embora esteja dissimulada de muitas maneiras, toca novamente o mundo ocidental, diz respeito a nós que nos encontramos na encruzilhada de numerosas culturas. E também do profundo do homem no Ocidente brota novamente a exigência de algo «maior». Vemo-lo na juventude na qual se

manifesta a busca de algo «mais»: de certa forma, o fenómeno religioso, está a voltar, embora se trate de um movimento de procura muitas vezes bastante indeterminado”¹.

Assim, e tendo como pano de fundo esta análise de Bento XVI, procuraremos, no primeiro capítulo, fazer um breve percurso pela Prática de Ensino Supervisionada, extraindo dela as questões emergentes e que servirão de ponto de partida para a reflexão subsequente.

No segundo capítulo abordaremos, num primeiro momento, o fenómeno da secularização numa dupla vertente: aquilo que se pretendeu com a secularização – a relativização da religião (já não tem relevo social) crente na utopia do seu desaparecimento e, conseqüentemente, o que isso veio provocar – a recomposição da religião (a religião não desaparece, apenas se transforma). Seguidamente veremos que, face ao fracasso das promessas libertadoras e emancipadoras das ideais iluministas secularizantes, a religião reaparece como desiderato de plenitude e de sentido e as diversas religiões constituem fortes impulsionadoras da fraternidade e da paz que se quer entre o género humano, independentemente da confissão religiosa.

No terceiro capítulo, tentaremos perceber o contributo da EMRC para se poder dizer Deus. No entanto, antes de aprofundarmos a especificidade educativa da disciplina, procuraremos uma clarificação concetual sobre a laicidade do Estado e como esse conceito, se despido da sua visão extrema (laicismo), garante uma sã convivência das religiões dentro de um estado aconfessional. Dentro do contexto de laicidade surge também a questão já antiga sobre a legitimidade de um ensino religioso numa escola pública laica. Veremos que não só é legítimo, como também encontraremos uma fundamentação clara e rigorosa para a sua presença na escola pública mediante alguns contributos de pensadores reconhecidos nesta área.

¹ Bento XVI. Entrevista a jornalistas alemães e da Rádio Vaticana em preparação para a viagem à Alemanha. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/august/documents/hf_ben-xvi_spe_20060805_intervista.html Consultado a 02/08/2021.

Entrando já na especificidade da disciplina de EMRC, faremos um breve percurso pelo Programa de EMRC, edição 2014, analisando as finalidades e as metas e como a sua exploração converge para o grande propósito da EMRC que é trabalhar a dimensão religiosa do aluno em que, ao ser confrontado com o fenómeno religioso, terá a capacidade de assumir uma posição face ao mesmo.

Por fim, tentaremos perceber o lugar e a relevância que a EMRC tem na e para a escola e qual é a sua especificidade na tarefa da educação integral dos alunos, em conjunto com as demais disciplinas.

CAPÍTULO 1 - PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

1. Enquadramento da PES

1.1. Caracterização da E. B. 2, 3 Pedro D’Orey da Cunha

O Agrupamento de Escolas da Damaia, localizado na freguesia de Águas Livres, concelho da Amadora, foi criado em 2004. Atualmente é constituído pelo Jardim de Infância da Damaia e pelas escolas básicas Padre Himalaia, Águas Livres, Cova da Moura e Professor Pedro D’Orey da Cunha, escola-sede. Desde 1996, o Agrupamento está inserido no programa TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária).

No ano letivo 2013/2014, de acordo com o Projeto Educativo, o Agrupamento foi frequentado por 165 crianças na educação pré-escolar (sete grupos), 591 alunos no 1.º ciclo (29 turmas), 300 no 2.º ciclo (15 turmas), 325 no 3.º ciclo (15 turmas), 43 nos cursos vocacionais (duas turmas) e 21 num curso de educação e formação de tipo II (uma turma), num total de 1445 crianças e alunos².

A escola sede deve o seu patronato a Pedro d’Orey da Cunha (1939-1995) licenciado em Filosofia (Braga, 1962) e em Teologia (Granada, 1968), obteve o grau de Mestre em “Counseling Psychology” no Boston College em 1973 e doutorou-se em Ciências de Educação pela Boston University, em 1983. Foi chefe de Gabinete do Ministro da Educação Roberto Carneiro e Secretário de Estado da Reforma Educativa entre 1978 e 1991. Deixou vários escritos sobre a deontologia da profissão docente, sobre a educação ética na família e na escola. Esteve sempre muito ligado à problemática das famílias migrantes e à integração destas nas

² Cf. Avaliação Externa das Escolas. Relatório Agrupamento de Escolas da Damaia – 2013/2014, p. 2. Disponível em http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE_2014_Sul/AEE_2014_AE-Damaia-Amadora_R.pdf. Consultado a 17-10-2017.

novas sociedades residentes. Equacionou para o sistema educativo português uma visão humanista e intercultural do ato educativo³.

Quanto à população escolar, a mesma é heterogénea. A percentagem de alunos⁴ de nacionalidade portuguesa corresponde a 86%, sendo que os restantes 14% com nacionalidade estrangeira têm como naturalidade os países dos PALOP, na sua maioria de Cabo Verde. No que se refere à ação social escolar, 47% beneficiam de auxílios económicos. Da sua totalidade, 58% têm computador e internet. Quanto às habilitações académicas dos pais e encarregados de educação dos alunos, 9% têm formação de nível superior e 31% secundário e superior. No que respeita à sua ocupação profissional, 13% exercem atividades de nível superior e intermédio.

Posto isto, verifica-se que parte significativa dos alunos provém de famílias com poucos recursos económicos, baixa escolarização e algumas debilidades ao nível da sua estruturação. São fatores que ajudam a compreender quer a falta de expectativas dos alunos em relação ao seu futuro, quer as dificuldades evidentes em interiorizar regras e limites.

Face a este cenário a E. B. 2, 3 Pedro D'Orey da Cunha tem como missão “promover o sucesso escolar e a formação pessoal e social dos alunos, num ambiente de trabalho onde prevaleçam a solidariedade e a cooperação entre todos os elementos da comunidade educativa. Acreditando que a criança e o jovem são uma realidade existencial, relacional e ética, pretendemos desenvolver um ensino inclusivo, que proporcione igualdade de oportunidades a todos os alunos, de modo a dotá-los dos conhecimentos e capacidades que lhes permitam uma plena realização pessoal e comunitária”⁵.

³ Cf. Projeto Educativo Agrupamento de Escolas da Damaia, *Uma escola de todos...a construir o futuro*, p. 6. Disponível em http://www.aedamaia.pt/media/media/Projeto_Educativo.pdf. Consultado a 17-10-2017.

⁴ Avaliação Externa das Escolas. Relatório Agrupamento de Escolas da Damaia – 2013/2014, p. 2

⁵ Projeto Educativo Agrupamento de Escolas da Damaia..., p. 19.

1.2. Caracterização da turma A do nono ano⁶

A turma que me foi confiada para lecionar é uma turma do terceiro ciclo, o nono ano, turma A, cujo horário de lecionação é à terça-feira, das onze e cinquenta e cinco, às doze e quarenta minutos, na sala A203.

A turma A, do nono ano, no ano letivo 2017/2018, é constituída por vinte e dois alunos. Destes, apenas treze estão inscritos em Educação Moral e Religiosa Católica. Dos treze alunos inscritos cinco são sexo masculino e oito do sexo feminino.

A média de idades é de 15 anos, sendo que, considerando o género, as raparigas são mais velhas que os rapazes (média de 15,2 anos vs.14,2 anos). Regista-se o facto de neste grupo haver três retenções e seis beneficiarem de apoio social escolar (ASE). A formação académica dos pais encontra-se entre o terceiro ciclo e secundário e poucos são os que têm licenciatura.

É uma turma cuja constituição é marcada pela diversidade, diversidade esta que se manifesta sobretudo através da etnia, cultura, língua, género e classe social dos alunos. De acordo com Richard Arends, estas diferenças constituem um desafio para o professor pois “compreender os alunos e a forma como estes aprendem em salas de aula diversificadas é um dos mais importantes desafios do ensino”.⁷

Aliados, ainda, em Richard Arends, procuremos esmiuçar um pouco cada uma destas diferenças e o papel que o professor tem ao confrontar-se com as mesmas. No que se refere à diversidade relacionada com a etnia e cultura, apesar de haver uma maior consciencialização global sobre a importância da tolerância e o seu papel decisivo para a vivência harmoniosa em sociedade, a escola como lugar de coabitação multicultural pode levar a que haja certos tipos de conflito baseados nesta diferenciação. Face a isto, o professor é chamado a entrar em contacto com as culturas e origens dos seus alunos, procurando conhecê-los, criando, deste

⁶ A caracterização da turma que se segue foi feita com base naquela que é apresentada no programa Inovar referente à turma em questão.

⁷ Arends, Richard. *Aprender a Ensinar*. Madrid, Editora Mc Graw-Hill Interamericana de Espanha, 2008, p.41.

modo, um sentimento de respeito pelas experiências de cada um, e uma valorização da diferença. Posto isto, cabe ao professor criar aulas que se mostrem relevantes a nível cultural e multicultural. É dever do professor educar para a multiculturalidade, procurando ensinar os alunos a respeitar e valorizar a diversidade.⁸

No que respeita a diversidade linguística, na E. B. 2, 3 Pedro D'Orey da Cunha um número considerável de alunos não tem o português como a primeira língua. Perante este cenário, o professor “deve reconhecer que a língua é um fator importante da escolarização e desenvolver formas de trabalhar com os alunos que têm línguas e dialetos diferentes como primeira língua”.⁹

As diferenças a nível de género são outro aspeto que os professores devem ver privilegiadas nas suas aulas. Isto porque é importante, não só para o professor, como também para outras vertentes da sociedade, saber em que medida diferem os homens e as mulheres, os rapazes e as raparigas. No seio familiar e no contexto escolar, os rapazes e as raparigas aprendem a tornar-se homens e mulheres. O preconceito sexual é, infelizmente, ainda uma realidade presente, embora se tenha verificado uma melhoria nas últimas décadas. Face a isto, o professor deve estar bem elucidado e preparado no que se refere ao trabalho com rapazes e raparigas, estando atento às suas necessidades em cada estágio do seu desenvolvimento.¹⁰

Por fim, sobre as diferenças a nível de classe social, Arends é taxativo:

“Muitas das estratégias recomendadas para trabalhar com alunos de diferentes raças e etnias, ou para lidar com as diferenças entre os géneros e as línguas, são apropriados para trabalhar com alunos de baixo ESE (Estatuto socioeconómico). Também estes alunos respondem aos professores que mostram respeito por eles independentemente da forma como se vestem e falam. Também eles beneficiam mais com o desafio do que com as baixas expectativas, assim como com uma instrução que é diferenciada para responder às suas necessidades e aspirações. Os professores eficazes esforçam-se por ajudar os alunos de baixo ESE a melhorar as suas

⁸ Cf. *Ibidem*, p.65.

⁹ *Ibidem*, p. 71.

¹⁰ Cf. *Ibidem*, pp. 75-78.

competências de pensamento e linguagem, e encontram formas de lhes transmitirem competência em capacidades que eles já possuem”.¹¹

2. Experiência do percurso realizado: o antes e o depois

2.1. A nível do contexto escolar

Abracei o desafio de fazer a profissionalização na docência da Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) para responder aos desafios que a educação nos dias de hoje nos apresenta, nomeadamente à disciplina de EMRC. Ciente da evolução que se tem verificado em vários aspetos da vida societária, creio que a educação, devido à enorme importância que apresenta na vida dos cidadãos, é uma das áreas fulcrais em que não se pode descurar a seriedade com que os professores encaram a sua profissão.

A minha experiência enquanto docente de EMRC situa-se em dois pólos antagónicos. Digo antagónicos pois as realidades a que me refiro são muito diferentes entre si, o que por si só justifica a pertinência de uma formação mais sólida e completa de forma a poder responder aos desafios com que a docência se coloca nos dias de hoje, sobretudo a docência da EMRC. Durante cinco anos (entre 2008 e 2013) fui professor de EMRC no Agrupamento Vertical de Escolas de Torre Dona Chama, vila localizada no concelho de Mirandela. Durante estes anos dei aulas sempre ao 2º ciclo. Salvo raras exceções, todos os alunos tinham EMRC. Esta grande afluência à disciplina justifica-se pelo facto de no norte interior a vivência religiosa ser uma componente muito forte na vida das pessoas. Se tivermos em conta a prática religiosa em Portugal¹², verifica-se que a zona norte do país apresenta uma prática muito maior em comparação com as restantes zonas do país. Daqui se depreende que nesta zona geográfica os pais façam questão de matricular os filhos na disciplina de EMRC.

¹¹ *Ibidem*, p. 81.

¹² Cf. Relatório de estudo *Identidades religiosas em Portugal: representações, valores e práticas*. Centro de Estudos e Sondagens de Opinião & Centro de Estudos de Religiões e Culturas da Universidade Católica Portuguesa, Coord. Alfredo Teixeira. 2012.

Entre 2013 e 2016 fiz um interregno na docência voltando à mesma no início do ano letivo 2016/2017. A realidade com que me deparei era muito diferente com que estava habituado. Já não estava a lecionar num meio rural. Estava num meio urbano, periférico da capital do país. Apenas parte dos alunos estavam matriculados em EMRC e as turmas tinham na sua constituição várias turmas. É aqui que noto o quão desafiante é ser professor de EMRC dado o contexto multicultural onde atualmente me insiro. E esta multiculturalidade é um fenómeno que tende a aumentar ao longo dos anos. Como afirma Richard Arends “as sociedades são constituídas numa fundação de suposições demográficas. Quando estas suposições se alteram, tal como acontece de quando em quando, o resultado é um enorme choque em toda a sociedade”¹³.

Posto isto, pretendi com este desafio a que me propus, desenvolver as minhas habilitações e capacitar-me com as ferramentas essenciais e fundamentais para a minha profissão docente. Estou certo que este ano foi fulcral na concretização deste grande objetivo, pelo que quis aproveitar esta oportunidade para aprender com a EB 2,3 Pedro D’Orey da Cunha, na Damaia, onde fiz o meu estágio pedagógico. Cada escola tem a sua particularidade e é certo que a maneira como funcionam varia (ainda que o organograma será idêntico em todas). A forma como se relacionam os professores, a relação da Direção com o pessoal docente, não docente, com os alunos e pais são aspetos que aguçaram a minha curiosidade em relação a esta escola.

Um professor não se faz sozinho. Além de ensinar, creio que o professor aprende muito com os alunos. Cada aluno é uma história e é essa aglutinação de histórias que enriquecem a experiência docente do professor. Esperei que os alunos a mim confiados me fizessem perguntas, que me desafiassem intelectual e pedagogicamente – assim estaria a aprender. Se conseguisse que os alunos me acompanhassem, se envolvessem na matéria lecionada e se

¹³ Arends, Richard. *Aprender a Ensinar*. p. 8.

conseguisse levar a cabo a planificação proposta, aprendia que estou a usar a metodologia e a didática adequada.

O professor cooperante foi o eixo fundamental na PES. A sua experiência profissional em muito contribuiu para que tirasse o máximo proveito da PES. Orientação, crítica construtiva, solidariedade e acompanhamento foram aspetos com os quais pude contar da parte do professor cooperante.

Esperava também poder aprender com a colega estagiária. Ainda que não lecionássemos o mesmo nível, esperei também aprender com a minha colega estagiária. Também ela teve algo a partilhar e que em muito enriqueceu-me a nível pedagógico e pessoal.

«Aprender a ser professor é uma viagem longa e complexa, repleta de desafios e entusiasmos. Começa com as muitas experiências que temos com os nossos pais, e irmãos, continua enquanto observamos professor após professor ao longo de dezasseis a vinte anos de escolaridade, e culmina formalmente com a formação profissional, continuando, no entanto, ao longo de uma vida inteira de experiência de ensino»¹⁴.

2.2. A nível do contexto em sala de aula

Todo o percurso efetuado ao longo da PES ajudou-me a perceber o quão importante é a tarefa do professor enquanto mediador das aprendizagens dos alunos. A tarefa de planificar deu-me uma oportunidade de aperfeiçoar alguns aspetos na prática letiva, tais como a escolha e a abordagem a fazer a determinados conteúdos face à observação prévia da turma, a criatividade na sua elaboração e verificar o nível de aprendizagem dos alunos ao longo das aulas. A gestão da sala de aula contribuiu para que se conseguisse implementar a planificação. A avaliação e reflexão feitas após a lecionação das aulas, permitiu verificar se cumpria os meus objetivos, se havia ou não aprendizagem da parte dos alunos, verificar a adequabilidade das

¹⁴ Ibidem. p. 15.

estratégias e pensar em melhorias, aspetos que determinavam a elaboração da planificação seguinte.

As temáticas desenvolvidas ao longo da PES e constantes no programa do 9º ano, foram alvo de uma planificação cuidada, de forma a não deixar nenhum assunto por abordar e permitiu estabelecer um fio condutor entre os conteúdos. Havia temas em que me sentia mais à vontade, dada a minha formação teológica, como também havia outros nas quais eu não estava totalmente à vontade e requereram um estudo aprofundado e uma pesquisa maior no momento de os abordar.

No que concerne a minha reflexão enquanto professor, realizei as respetivas planificações das Unidades Letivas com base no programa da disciplina. Articulei metas, objetivos, conteúdos, estratégias/recursos e avaliação. Sempre que necessário, fiz os devidos ajustes às referidas planificações de modo a tirar o melhor partido das aulas e a otimizar o processo de ensino/aprendizagem.

Diversifiquei, sempre que oportuno, os instrumentos e recursos utilizados nas atividades letivas. Utilizei, sempre, uma linguagem científica e didática correta, clara, objetiva e adequada ao nível etário dos alunos. Preparei diversos tipos de materiais didáticos adequados a cada unidade do programa, como por exemplo, apresentações *Powerpoint*, dinâmicas, *Powtoons*, *Prezi*, na tentativa de estimular/proporcionar uma maior interação com os alunos. Tentei incentivar os alunos na procura de informação no seu quotidiano para que adquirissem hábitos de pesquisa e gosto pelo aprofundamento individual e coletivo do saber que lhes é transmitido.

Recorri, muitas vezes, à internet com vários objetivos, no âmbito da disciplina. Planeei, portanto, várias pesquisas para esclarecer/clarificar dúvidas ou curiosidades surgidas no decorrer da aula. Ainda no que concerne às Tecnologias de Informação e Comunicação (T.I.C.), recorri às mesmas também para mostrar vídeos sobre os conteúdos lecionados.

Tendo em conta os objetivos específicos da disciplina de EMRC., procurei ainda inculcar nos alunos a amizade, o espírito de ajuda, a partilha de práticas e conhecimentos, bem como facilitar a descoberta de Jesus Cristo como modelo de vida e iniciador de uma proposta de caminho que conduz à felicidade. Posso, então, afirmar que, o conhecimento que tenho de cada aluno é bastante elevado e profundo e que isso se materializou numa relação de confiança recíproca.

3. A lecionação

3.1 Análise crítica à Unidade Letiva 2 do 9º ano “Deus, o grande mistério”

A opção por esta Unidade Letiva deve-se, em grande parte, a um interesse particular por esta temática, sobretudo o tema da questão de Deus numa sociedade cada vez mais secular¹⁵, que dispensa o religioso, ou que o remete para a esfera do privado, fora do contexto e da convivência social. Lara Ferraz, na sua reflexão “*Religião se aprende na escola*” afirma que o ensino religioso na escola deve ser orientado no sentido de formar para os valores que permitam uma autêntica relação com o infinito. Acrescenta ainda que deve ser uma “relação que envolva e comprometa toda a existência humana de modo a ser capaz de tocar e transformar a realidade na qual o homem está inserido”¹⁶.

A Unidade Letiva 2 *Deus, o grande Mistério* constante no programa de EMRC tem todo o interesse pedagógico pois aborda a dimensão religiosa/de fé inerente a todo o ser humano e a procura de um sentido da vida fruto dessa fé e da proposta que Deus faz a cada ser humano.

As metas curriculares (ver Quadro nº1) presentes na Unidade Letiva 2 do 9º ano têm como objetivo mostrar aquilo que é pretendido alcançar e oferecem ao professor uma visão mais abrangente no momento da escolha das estratégias a utilizar. A meta curricular A

¹⁵ Será o ponto de partida do tema do meu relatório final.

¹⁶ Ferraz, Lara. *Religião se Aprende na Escola*. Texto de apoio à disciplina de Didática em EMRC. Lisboa, 2016, p. 6.

(Domínio 1 – *Religião e Experiência Religiosa*) pretende levar o aluno a “compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa”. O objetivo patente nesta meta é fazer com que o aluno possa “equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal”. Para tal, o aluno é confrontado com a problemática da existência de Deus (fé e razão, a razoabilidade da fé), com as várias posições face à existência de Deus, quer sejam de aceitação (acolher e confiar no sentido último da vida), quer sejam de recusa (ateísmo, agnosticismo e relativismo). Por fim, estabelece-se um contacto com os diversos elementos que constituem o fenómeno religioso.

Com a meta curricular **C** (Domínio 1), o aluno deverá conseguir “identificar o núcleo central das diversas tradições religiosas”. É objetivo desta meta o aluno “identificar as representações de Deus no Judaísmo e em Jesus de Nazaré”. Para alcançar isto, o aluno toma conhecimento de como Deus é representado no Antigo Testamento (Judaísmo) e a novidade trazida por Jesus (Cristianismo) naquilo que, para Ele, Deus é: Deus, não apenas de um povo, mas um Deus universal e inequivocamente bom, que não faz aceção de pessoas, amando a todos por igual.

As metas curriculares **B** (Domínio 1) e **J** (Domínio 2 - *Cultura Cristã e Visão Cristã da vida*) pretendem que o aluno tome conhecimento da bondade e da grandeza de Deus, na proposta cristã. Para tal, mediante a mensagem de diversos textos bíblicos referentes a esta temática, o aluno conhece a imensidão da bondade de Deus, a fé como ato de entrega e de confiança e a coerência entre a fé e as obras, para que, no final, veja na fé cristã uma experiência de encontro, um convite à esperança mesmo em situações de desespero e um apelo para a construção de um mundo mais fraterno e solidário.

Com a meta curricular **I** (Domínio 2) o aluno deve ser capaz de “conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade”. De forma a poder atingir o objetivo de “descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé”, o aluno é confrontado com algumas personalidades cuja vida

foi um testemunho da presença de Deus nela, o que fez que vivessem vidas com sentido, sendo as mãos e o rosto de Deus no mundo. O aluno fica também a conhecer algumas instituições de origem religiosa empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade.

Posto isto, creio que as metas, os objetivos e os conteúdos propostos para esta Unidade Letiva fazem todo o sentido pois oferecem as ferramentas essenciais e adequadas para se tratar da questão de Deus. Isto porque, tendo em conta a faixa etária dos alunos do 9º ano que é uma fase da vida em que as interrogações são muitas, a questão religiosa é das mais debatidas e refletidas e porque, na maior parte das vezes, fica muito pouco esclarecida (independentemente da escolha pessoal de cada um). Refletir sobre uma dimensão inerente à sua condição humana é um grande fator de enriquecimento e de crescimento pessoal do aluno.

Esta Unidade Letiva, apresenta uma boa organização e o percurso efetuado ao longo da mesma obedece a uma sequência lógica, com sentido e elucidativo. As aprendizagens que esta Unidade Letiva oferece, possibilita que o aluno entre em contacto com uma proposta de vida e de felicidade, de forma a perceber a sua vida e a realidade à sua volta a partir de uma chave de leitura cristã.

Assim, as estratégias seleccionadas para trabalhar esta Unidade Letiva foram escolhidas e ajustadas tendo em conta a realidade da turma a mim confiada: as características socioculturais, o interesse, o empenho, a participação demonstrada pelos alunos em relação à disciplina de EMRC.

A prática pedagógica da unidade letiva decorreu entre o dia 09 janeiro e o dia 20 de março de 2018. A aula foi precedida de um intervalo o que facilitou a preparação, do espaço da sala de aula. Foi um momento importante para a preparação e experimentação dos recursos a utilizar (computador, videoprojector, colunas) para evitar imprevistos e para que nada prejudicasse o bom funcionamento da aula.

3.2 Planificações de aula e relatórios

A planificação serviu de orientação para aquilo que se quis trabalhar aos longos das aulas. Foram estabelecidas as metas, os objetivos, os conteúdos a abordar, as estratégias a utilizar e o tempo estipulado para a sua realização, o material pedagógico e os instrumentos de avaliação.

Ao planificar tive em atenção as características da turma. Logo, planificação das unidades letivas foram objeto de uma adaptação para que o processo de ensino e aprendizagem se tornasse eficaz, bem como a concretização dos objetivos estipulados.

Ao refletir nas atividades a desenvolver utilizei como critério orientador as necessidades dos alunos, os seus gostos pessoais, os diferentes ritmos de aprendizagem e as suas capacidades. A turma revelou muito interesse e empenho na concretização das atividades e mostrava um enorme espírito de entreajuda e de solidariedade.

Nem sempre foi possível cumprir as planificações e as estratégias delineadas para a aula. Isto provocava em mim um sentimento de insatisfação, pois não estava a conseguir gerir muito bem o tempo para as atividades e questionava a pertinência das mesmas. Ao refletir sobre isto, foi constatado que os alunos obedecem a ritmos diferentes de aprendizagem, pelo que é importante ir de encontro ao aluno e das suas necessidades e pensar em estratégias mais eficazes, diversificadas e apelativas. A diversidade de materiais e de estratégias possibilitaram um acréscimo na motivação dos alunos, pois sentiram-se coautores da sua aprendizagem e não apenas recetores de informação.

Aliado à sensação de ter cumprido os objetivos, está igualmente o facto de ainda ter muito a aprender no que se refere à planificação das aulas. O professor é muitas vezes confrontado com situações que exigem uma alteração na planificação e que não foram tidos em conta na reflexão inicial que se fez sobre a mesma.

Como aspetos positivos, apesar da adaptação à turma ter sido um processo que levou algum tempo, com o decorrer das aulas foi-se estabelecendo uma relação cordial, baseada no respeito mútuo. Os alunos colaboraram para o bom funcionamento das aulas, revelando interesse e empenho nas atividades propostas. A discussão sobre a prática letiva entre os professores estagiários e o professor cooperante após a lecionação foi um momento importante para rever estratégias e melhorar aspetos didáticos e pedagógicos constantes nas planificações.

Entre os aspetos a melhorar destaco a necessidade de saber gerir o tempo de aula, pensar em estratégias mais diversificadas que fomentem uma participação mais ativa do aluno, ir para lá do manual do aluno no momento de planificar e ir ao encontro das expectativas dos alunos no planeamento das atividades a desenvolver.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS
RELIGIOSAS

Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização no ensino da EMRC

PLANIFICAÇÃO DE AULA
UNIDADE LETIVA 2 – DEUS, O GRANDE MISTÉRIO
9ªA

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA DAMAIA
ANO LETIVO 2017/2018



Prática de Ensino Supervisionada em EMRC

Agrupamento de Escolas
da Damaia

Lição nº: 12 | Aula 1 de 10

Data: 09/01/2018

Sumário: Introdução à Unidade Letiva 2 – Deus, mistério de amor. A interrogação sobre Deus e as razões para acreditar e confiar.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45'	Recursos	Avaliação Formativa
A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.	1. Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.	<ul style="list-style-type: none"> ✓ A problemática da existência de Deus. ✓ Crença e razão ✓ Razões para acolher e confiar 	Acolhimento e sumário	5'	Quadro, marcador, caderno do aluno, caneta.	Assiduidade, pontualidade, material, registo do sumário.
			<p>Vídeo</p> <ul style="list-style-type: none"> - vídeo motivacional que contém os temas principais a tratar sobre a questão da existência de Deus; - diálogo com os alunos sobre as suas expectativas com base no vídeo. 	10'	Anexo 1, computador, projetor, colunas de som.	Atenção, participação, respeito pelos outros.
			<p>Powerpoint</p> <ul style="list-style-type: none"> - Deus, sempre foi uma questão humana; - As grandes questões humanas – 4 alunos vão escrever no PPT, 4 questões colocadas pelo Homem acerca da sua existência. - diálogo com os alunos sobre as 4 questões afixadas. 	10'	Anexo 2, computador, projetor, quadro.	Concentração, participação, respeito pelos outros, participação oral.
			<p>Diálogo</p> <ul style="list-style-type: none"> - complementaridade fé e razão em jeito de introdução; - o professor, em diálogo com os alunos, analisa as razões para se acreditar apontadas no manual do aluno. 	10'	Manual do aluno, p. 56.	Atenção, concentração, curiosidade, respeito pelos outros, exposição oral.
			<p>TPC</p> <ul style="list-style-type: none"> - ouve-se a música “Que Deus”, de Boss AC; - cada aluno leva para casa a letra e tentará responder a duas questões à escolha que o músico coloca a Deus. 	5'	Anexo 3, computador, colunas de som. Anexo 4.	Concentração, interesse.
		Síntese da aula		5'	Caderno do aluno, caneta.	Participação na síntese.

Síntese da aula: Deus surge como resposta às grandes questões que o homem coloca acerca da sua realidade.

Relatório de aula nº 1/10 | Lição nº 12 | 09/01/2018

Unidade Letiva 2 – Deus, o grande Mistério.

Esta aula foi a primeira de dez a serem lecionadas de acordo com a unidade de referência que escolhi – Unidade Letiva 2, *Deus o grande Mistério*. Consciente da dificuldade do tema em questão, toda a planificação e estratégias a usar nesta unidade tentarão ser o mais simples possível, de forma a não deixar os alunos com a sensação de não estarem a perceber nada e para os deixar motivados com o tema.

De forma a evitar constrangimentos de última hora, terei sempre em atenção a hipótese de um plano B, no caso de haver algo imprevisto e que afete a planificação pensada para a aula.

Tendo já dado aulas à turma no primeiro período, já tenho uma ideia mais ou menos clara daquilo que posso esperar deles e como trabalhar com eles. São na sua maioria alunos interessados, que intervêm de uma forma bastante pertinente e apresentam argumentos muito bem elaborados tendo em conta a faixa etária em que se encontram. Há um pequeno foco que desestabiliza um pouco a turma, mas não ao ponto de levantar problemas de maior.

A aula de hoje teve como finalidade trabalhar os conteúdos *a problemática da existência de Deus; crença e razão; razões para acreditar e confiar* tendo como objetivo *equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal*.

Reportando-me agora para a aula, os alunos entraram de uma forma ordeira na aula. Continuam a demorar a tirar o material da mochila e a entrar no ritmo da aula, pelo que foi necessário eu chamar a atenção para que se concentrassem para o início da aula.

Seguiu-se a escrita do sumário no quadro por um aluno. Há alunos que demoram a escrever o sumário e há alguns que nunca trouxeram o caderno diário. A maioria justifica dizendo que se esqueceram do caderno em casa. Assim, procurei que os alunos que não apresentaram caderno diário que passassem o sumário numa folha e que na próxima aula

trouxessem o caderno atualizado. Passado o sumário, dei início à aula fazendo referência à temática da unidade letiva que se vai tratar no segundo período. Alguns alunos expressaram o seu fascínio pelo tema. De seguida, apresentei um vídeo (Anexo 1) que continha os assuntos que iríamos abordar nas próximas aulas. Os alunos assistiram de uma forma muito interessada e iam comentando entre si alguma imagem ou frase que ia passando no vídeo. Após o vídeo iniciei um breve momento de diálogo em que procurei saber se tinham percebido o sentido e a “mensagem” do vídeo. Obtive um feedback que considero muito bom, pelo que creio que os alunos atingiram a finalidade que eu tinha pensado para esta estratégia. De seguida, e como mote para a segunda estratégia, fiz referência ao facto de o homem desde sempre procurar resposta para as grandes questões acerca da sua existência e da realidade que o rodeia. Assim, através do *PowerPoint* (Anexo 2), conduzi o diálogo para que os alunos dissessem quais seriam essas grandes questões que o homem ia colocando a si mesmo. Mais uma vez, os alunos mostraram-se muito participativos e aqueles que conseguiam uma resposta mais aproximada pedia-lhes que a fossem escrever ao quadro. Tendo já as quatro questões escritas no quadro, fui explorando as mesmas com os alunos, afirmando que nesta procura de sentido para a sua vida, Deus apresenta-se como resposta coerente, sendo o sentido último da vida e da história.

Contudo, não basta crer só por crer. A fé deve ter em conta a razão, ou seja, para ser vivida, a fé tem de ser pensada e fazer sentido. Por isso, introduzi uma chuva de ideias em que procurei que os alunos dissessem quais seriam, para eles, as razões para se acreditar em Deus. Nesta estratégia, já notei que alguns alunos se mostraram mais de pé atrás, ou seja, mais constrangidos para responder. Isto não invalidou que houvesse quem “arriscasse” a dar uma resposta. Vendo que estava a conseguir pouco dos alunos sobre o tema, avancei para as razões para acreditar em Deus que se encontram no manual do aluno, na página 56. Foi uma forma de os alunos conseguirem perceber melhor o lado de quem é crente e, de certa forma, a maioria identificou-se com as razões que o manual apresentava.

Na reta final da aula, sugeri que se ouvisse uma música de um *rapper* português, Boss AC, que se chama *Que Deus?* (Anexo 3) e comparei esta música com a “sede” que o homem tem em encontrar respostas para perguntas que ele coloca a si mesmo sobre a vida e o mundo. Os alunos ouviram com atenção a música e acompanharam a letra (Anexo 4). Deixei como trabalho de casa a tarefa de escolherem duas perguntas que o músico faz na canção e que respondessem como se as perguntas fossem dirigidas a eles. Ainda tive tempo para introduzir a matéria que será dada na próxima aula e para esclarecer algumas dúvidas que foram surgindo.

Posto isto, a avaliação que faço desta aula é positiva, na medida em que creio que atingi os objetivos propostos para a mesma. Os alunos mostraram-se bastante interessados e participativos e a temática desta Unidade Letiva é motivo de grande interesse para eles. Tentei não centrar a aula em mim, ou seja, tentei que a aula não fosse muito expositiva dando lugar e oportunidade de os alunos poderem participar e manifestar as suas opiniões e curiosidades acerca do tema da aula.

A professora Carolina iniciou a sua apreciação da aula referindo que gostou da mesma e da participação dos alunos, chamando a atenção para se tentar prestar atenção à intervenção dos alunos na aula, pois houve uma aluna que deu uma resposta bastante interessante, mas que eu não tive em conta. Gostou da dinâmica de os alunos irem escrever no quadro as perguntas que o homem coloca acerca da vida e reforçou a ideia de que poderia ter-se explorado mais em pormenor a letra da música.

O professor cooperante fez a sua apreciação à aula notando que os rapazes estavam mais participativos do que as raparigas quando, na maior parte das vezes, verifica-se o contrário. Gostou da aula, referindo que se deve prestar atenção à participação de alguns alunos de forma a sentirem-se valorizados e o cuidado a ter nas imagens que se escolhem para projetar pois as mesmas podem ser motivo de distração ou de confusão devido ao sentido ambíguo que podem ter. Referiu também que teria sido bom que se tivesse explorado a letra da canção com os alunos.

Nesta aula aprendi que o facto de preparar estratégias que favoreçam a participação dos alunos é uma boa forma de os conseguir manter atentos e interessados na aula. Terei de ter atenção no futuro e verificar se os alunos trazem o caderno e escrevem o sumário no período estipulado para tal, de forma a evitar atrasos na planificação da aula. Procurarei, também, estar atento às diversas intervenções dos alunos de forma a poder valorizar a sua participação.



PLANIFICAÇÃO DE AULA
UNIDADE LETIVA 2 – DEUS, O GRANDE MISTÉRIO
9ªA



Lição nº: 13 | Aula 2 de 10

Data: 16/01/2018

Sumário: Ateísmo, agnosticismo e relativismo: formas de negar Deus. Acreditar em Deus é acolher e confiar

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45'	Recursos	Avaliação Formativa
A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.	1. Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.	<p>✓ As várias formas de recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo.</p> <p>✓ Acreditar em Deus: acolher e confiar no sentido último da vida: testemunho da Guida.</p>	Acolhimento e sumário Revisão da matéria da aula anterior.	10'	Quadro, marcador, caderno do aluno, caneta.	Assiduidade, pontualidade, material, registo do sumário.
			<p>Prezi</p> <p>- exposição das várias formas de recusa de Deus. Cada forma é lida por um aluno diferente; - diálogo com os alunos sobre o tema.</p>	10'	Anexo 5, computador, projetor.	Atenção, interesse, respeito pelos outros, exposição oral.
			<p>Ficha de trabalho</p> <p>- entrega e explicação da ficha por parte do professor; - realização da ficha; - correção em conjunto.</p>	10'	Anexo 6, 6.1, caneta	Concentração, participação, respeito pelos outros, exposição oral.
			<p>Uma história de fé</p> <p>- três alunos lêem a historia na página 63 do manual. Ao mesmo tempo está a tocar uma música de fundo. - diálogo com os alunos, reforçando a ideia que Deus explica-se quando este se apresenta como o sentido da vida de quem o acolhe.</p>	10'	Manual do aluno, p. 63; Anexo 7; computador, colunas de som.	Atenção, participação, respeito pelos outros, exposição oral.
			<p>TPC</p> <p>- Será que precisamos de Deus?</p>	2'	Caderno do aluno, caneta.	Atenção às indicações do professor.
		Síntese da aula		3'	Caderno do aluno, caneta.	Participação na elaboração da síntese.

Síntese da aula: A fé dá sentido à vida de muitas pessoas, devendo respeitar-se as experiências de cada um.

Relatório de aula nº 2/10 | Lição nº 13 | 16/01/2018

Unidade Letiva 2 – Deus, o grande Mistério.

Antes da aula, dirigi-me mais cedo para a sala de aula de forma a poder preparar os materiais a serem projetados no quadro, evitando assim pausas na aula.

A aula de hoje teve como finalidade trabalhar os conteúdos *as várias formas de recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo; acreditar em Deus: acolher e confiar no sentido último da vida* tendo como objetivo *equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.*

Feito o acolhimento dos alunos, notei que um aluno não se encontrava presente e perguntei à turma se estava tudo bem com ele. Foi escrito o sumário por um aluno no quadro e passado para o caderno. Quatro alunos não trouxeram caderno diário. Alertei para esse facto e para a importância do material para a avaliação.

Após uma breve revisão dos conteúdos da aula anterior, iniciei a aula com a correção dos trabalhos de casa. A maioria dos alunos não fez, no entanto, houve quem tentasse responder na hora e eu tentei valorizar a participação dos que iam intervindo. Após uma breve explicação do sentido da música, passei para a visualização de um vídeo (Anexo 5) feito através do *software* Prezi, cujo conteúdo era uma exposição das diversas formas de recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo. Três alunos foram escolhidos para ler cada forma de recusa. Após a leitura, abri um pequeno espaço de diálogo com os alunos em que eu procurava reforçar mais o significado de cada conceito, de modo a que os alunos retivessem bem o seu significado. Os alunos mostraram-se interessados e participaram de um modo bastante satisfatório no diálogo, expondo dúvidas e querendo até exemplificar com casos que conheciam e como eles próprios se identificavam com os vários tipos de formas de recusa de Deus.

De seguida, tendo em atenção que não houvesse dúvidas da parte dos alunos sobre os conceitos trabalhados, introduzi a segunda estratégia que consistia numa ficha de trabalho (Anexo 6, 6.1). Nesta ficha, os alunos teriam de identificar diversas frases de personalidades célebres com o conceito correspondente (frase de um ateu: ateísmo; frase de um agnóstico: agnosticismo; frase de um crente: fé.). Dei um breve período de tempo para os alunos realizarem a ficha, durante o qual fui percorrendo a sala perguntando aos alunos se estavam com dificuldades. Terminada a ficha fiz a correção em conjunto com os alunos, notando que apenas alguns erraram na atribuição da frase a cada conceito. Notei da parte dos alunos motivação na realização da ficha tendo sido muito participativos aquando da correção da mesma.

Feita a correção da ficha passei para a estratégia seguinte. Na planificação da aula, eu tinha pensado em escolher três alunos para lerem o texto *Uma história de fé*, do manual do aluno, na página 63. Contudo, dado que enquanto se lia o texto havia uma música de fundo (Anexo 7), optei por uma leitura individual do texto, em silêncio, de forma a poder destacar a música e a interiorização. Após a leitura do texto, haveria espaço para um pequeno diálogo de forma a explorar o que de essencial se pode retirar deste texto. Os alunos aderiram bem à estratégia lendo o texto em silêncio. Assim, terminada a leitura individual do texto, abri um pequeno espaço para se poder falar sobre as impressões que o texto despertou nos alunos. Muitos sublinharam que o texto é uma história de como cresceu a fé na vida da autora do texto. Referi que a fé também nasce do testemunho de pessoas que convivem connosco e, nesse sentido, os alunos espontaneamente referiram os exemplos que a autora enumerou tais como a família, os amigos, o pároco e até mesmo os amigos que não acreditavam em Deus. De seguida, perguntei como é que a autora justifica a sua fé. A esta questão os alunos já tiveram alguma dificuldade em responder pelo que remeti a resposta para a última frase do texto: *Apenas sei que encontrei Jesus e que nele achei um sentido pleno para a minha vida*. Desta forma, quis mostrar aos alunos que aqueles que aderem a Deus encontram uma resposta que oferece um sentido definitivo para as suas vidas, ao passo que os não crentes, aqueles que negam Deus, não

encontram n'Ele justificação para o sentido da sua existência e daquilo que os rodeia, vivendo a sua vida apenas no plano existencial e material.

A apreciação que faço desta aula é positiva na medida em que os alunos aderiram bem às atividades propostas e apreenderam de uma forma satisfatória os conteúdos trabalhados. Notei os alunos bastante concentrados e focados na aula. A apresentação das formas de recusa de Deus despertou curiosidade nos alunos e o diálogo estabelecido com eles acerca dos significados de cada conceito evidenciou uma apreensão boa da parte dos alunos. A ficha de trabalho correu bem visto que a maioria identificou corretamente as correspondências (frase com conceito). Na leitura do texto, procurei que esta estratégia fosse um momento de interiorização e os alunos aderiram muito bem à atividade lendo o texto em silêncio. Quanto ao trabalho de casa, o mesmo não foi possível marcar pois, entretanto, tocou para a saída.

A professora Carolina, por sua vez, iniciou a sua apreciação afirmando que gostou muito da apresentação das formas de recusa de Deus, destacando a imagem escolhida como fundo da apresentação. Contudo, teria optado por pôr os alunos a registar no caderno diário duas ou três ideias referentes a cada conceito de forma a poderem interiorizar ainda melhor os mesmos. Notou que os alunos mais introvertidos estavam mais “soltos”, apontando que vão ganhando alguma confiança.

O professor José Luís gostou da aula, salientando que, se a aula corre bem, isso se deve aos alunos porque eles se sentem bem na aula. A turma é boa para se poder trabalhar. Quanto aos trabalhos de casa, notou que quase ninguém fez o trabalho de casa. Ao constatar isso, deve-se pensar num modo de se poder fazer de uma forma rápida na aula. Sugeri que se escrevessem duas frases da música no quadro e que se pedisse a alguém para responder. A ficha de trabalho funcionou bem, fazendo apenas alguns reparos à formatação da mesma. O texto escolhido para ser lido em silêncio pareceu bem pois era reflexivo e a sua exploração foi positiva. Contudo, achou que se deveria ter feito alguma referência à parábola do Filho Pródigo. Sobre a síntese da aula, a mesma deveria englobar todos os conteúdos trabalhados. Por fim, referiu que é

importante que os alunos sintam que a aula acaba antes do toque de saída e não com o toque, pois passa a ideia de que não foi bem planificada.

Nesta aula aprendi que é importante saber dosear os tempos das estratégias para que a planificação seja cumprida. Mesmo que o trabalho de casa não seja feito, é importante pensar numa estratégia para a aula que consiga colmatar essa lacuna.



Lição nº: 14 | Aula 3 de 10

Data: 23/01/2018

Sumário: O fenómeno religioso e seus elementos constituintes. Representações de Deus no politeísmo egípcio e greco-romano.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45'	Recursos	Avaliação Formativa
A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa. C. Identificar o núcleo central das várias tradições	1. Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal. 2. Identificar as representações de Deus no Judaísmo e em Jesus de Nazaré.	✓ Os vários elementos constituintes do fenómeno religioso. ✓ A fé em Deus e as representações de Deus: politeísmo egípcio e greco-romano.	Acolhimento e sumário Revisão da matéria da aula anterior.	10'	Quadro, marcador, caderno do aluno, caneta.	Assiduidade, pontualidade, material, registo do sumário.
			Powtoon – O fenómeno religioso - o professor apresenta o vídeo à turma que contém a noção e elementos constituintes do fenómeno religioso; - o professor explora os conteúdos do vídeo com os alunos, esclarecendo eventuais dúvidas.	15'	Anexo 8, computador, projetor.	Atenção, concentração, respeito pelos outros.
			Powerpoint – politeísmo egípcio e greco-romano. - o professor apresenta as características da experiência religiosa das antigas civilizações, esclarecendo o conceito de politeísmo. - os alunos, no mesmo powerpoint, tentam atribuir a função de cada Deus tanto grego como romano.	15'	Anexo 9, 9.1, computador, projetor.	Atenção, interesse, participação, respeito pelos outros.
			Síntese da aula	5'	Caderno do aluno, caneta.	Participação na elaboração da síntese.

Síntese da aula: O fenómeno religioso sempre acompanhou o ser humano e manifesta-se de várias formas.

Relatório de aula nº 3/10 | Lição nº 14 | 23/01/2018

Unidade Letiva 2 – Deus, o grande mistério.

Como costume, dirigi-me mais cedo para a sala de aula de forma a poder preparar os materiais que seriam utilizadas durante a aula.

A aula de hoje teve como finalidade trabalhar os conteúdos *os vários elementos constituintes do fenómeno religioso; a fé em Deus e as representações de Deus* tendo como objetivo *equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.*

Feito o acolhimento dos alunos, foi escrito o sumário e passado para o caderno. De referir que o sumário foi escrito passados dez minutos após o toque de entrada. Já se notou uma melhoria naqueles alunos que não traziam caderno. Pedi que fossem atualizando o caderno por forma a ser avaliado no último dia de aulas do segundo período.

Após uma breve revisão da matéria dada até ao momento, iniciei a aula com a apresentação de um *Powtoon*, elaborado por mim, com a noção de fenómeno religioso e os seus elementos constituintes (Anexo 8). Com esta estratégia, pretendi que os alunos retivessem que o fenómeno religioso acontece quando o homem coloca aquelas grandes questões acerca da sua vida e daquilo que o rodeia, e a partir do momento em que o homem reconhece no sagrado, na divindade, a resposta para essas questões, acontece, então, o que se chama de fenómeno religioso. Daí que o ser humano é de uma forma natural um ser religioso. Terminei a exploração da noção com a definição de fenómeno religioso que consiste no facto de o ser humano estabelecer uma relação com a divindade e a partir da qual orienta toda a sua vida. Posto isto, continuei a exploração do *Powtoon* identificando os elementos constituintes do fenómeno religioso. Pedi a quatro alunos que lessem, cada um, um elemento constituinte. Após a leitura

de cada elemento, dediquei um pequeno período a explicar melhor cada um para que os alunos percebessem bem o significado. Durante esta estratégia, os alunos mostraram-se interessados e atentos, intervindo quando solicitados e apresentando diversos exemplos referentes aos elementos constituintes do fenómeno religioso.

De forma a fazer a ponte com a estratégia seguinte, referi que o ser humano, a partir de momento em que reconhece a sua dependência em relação a um ser transcendente, sente a necessidade de representar aquilo que a divindade é para ele. Assim, introduzi a estratégia seguinte que consistiu na exploração de um *Powerpoint* com as representações de Deus no politeísmo egípcio e greco-romano (Anexo 9, 9.1). Tive o cuidado de situar geograficamente as diversas civilizações para que os alunos se pudessem situar. Explorei também o porquê de os deuses apresentarem determinadas características justificando este facto com o motivo de as pessoas naquele tempo só poderem representar as divindades com aquilo que conheciam quer fosse através de elementos da natureza quer através de sentimentos humanos. Notou-se que os alunos já tinham dado esta matéria em outras disciplinas pelo à vontade com que eles identificavam os deuses, as suas funções e o porquê de serem apresentados dessa forma. Nesta estratégia, procurei que os alunos se manifestassem com aquilo que já conheciam fazendo a ligação com os conteúdos preparados para esta aula. Tendo explorado as representações dos deuses nas antigas civilizações, terminei esta estratégia com um pequeno jogo que consistiu em completar um quadro que continha os deuses gregos e romanos e as suas funções. Este quadro foi adaptado do manual do aluno, na página 69. Apesar de não conhecerem alguns deuses, a maior parte dos alunos acertaram no preenchimento do quadro. Nesta estratégia os alunos estavam bastante interessados e participativos apresentando um bom conhecimento da matéria exposta.

Não foi possível fazer a síntese da aula, porque, entretanto, tocou para a saída.

A apreciação que faço desta aula é, no cômputo geral, positiva. Apesar de começar mais tarde a aula, os alunos mostraram-se interessados e participativos nas atividades. O *powtoon*

com a explicação do fenómeno religioso e seus elementos constituintes conseguiu “captar” os alunos para conteúdos que estavam a ser expostos. Muito facilmente conseguiram identificar os elementos constituintes, ao passo que para chegar à definição de fenómeno religioso por palavras suas, já mostraram mais dificuldade. Neste sentido, poderia ter pedido aos alunos para escreverem a definição para o caderno diário. O *powerpoint* com as representações de Deus no politeísmo egípcio e greco-romano também correu bem, na medida em que os alunos mostraram conhecimentos nestes conteúdos pois já deram noutras disciplinas. Tentei de uma forma simples e sintética identificar as representações de Deus para que os alunos percebessem bem o que estava ser exposto. O último slide do *powerpoint*, de carácter mais lúdico, foi propício a uma boa participação dos alunos. Durante a aula chamei a atenção a dois alunos, pois estavam a desestabilizar o bom funcionamento da aula e a postura de um deles não era a adequada para o contexto onde se encontrava.

A professora Carolina, por sua vez, iniciou a sua apreciação afirmando que gostou da aula. O *powtoon* foi muito interessante, sobretudo a exposição dos conteúdos. Acerca do *powerpoint*, a professora Carolina referiu que o facto de alunos já conhecerem a matéria de outras disciplinas, facilitou a abordagem aos conteúdos. Durante a aula, os alunos mostraram-se muitos interessados e participativos. Tal como referi na minha apreciação, também sugeriu que se passasse a definição de fenómeno religioso para o caderno.

O professor José Luís achou a aula muito expositiva, centrada em mim, sugerindo que diversificasse mais. Tendo em conta a hora em que a aula é dada, se a aula for muito baseada na exposição de conteúdos, os alunos tirarão menos proveito. Poderia apelar a uma maior participação dos alunos. Notou que não fiz uso do manual do aluno. Sobre o facto de perguntar, no início da aula, se está tudo bem com os alunos, o professor José Luís sugeriu outra estratégia neste sentido, pois pode dar a entender aos alunos que estou a perguntar por perguntar. Sobre a chamada de atenção ao aluno, achou que abusei um pouco, sobretudo na forma como falei com o aluno. Não devemos “envergonhar” os alunos quando os chamamos à atenção. É importante

identificar os alunos que não estão atentos, mas não “massacrá-los”, podendo ter perguntando a outro aluno que estava atento. Referiu que faltou, de facto, passar a definição de fenómeno religioso para o caderno. Sobre os animais associados aos deuses egípcios, poderia ter associado o nome de um animal com a respetiva imagem e era mais fácil eles identificarem. Achou bem ter identificado geograficamente o Egipto, Itália e Grécia, contudo faltou referir as épocas destas civilizações. De uma forma geral, o professor José Luís achou que já teve aulas melhores e mais interessantes.

Nesta aula aprendo que, se centrar a aula muito em mim, ou seja, se for muito expositivo, os alunos não estarão muito recetivos ao que está a ser tratado. Devo fomentar de uma forma regular a participação dos alunos nas estratégias trabalhadas em aula.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS
RELIGIOSAS

Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização no ensino da EMRC

PLANIFICAÇÃO DE AULA
UNIDADE LETIVA 2 – DEUS, O GRANDE MISTÉRIO
9ªA

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA DAMAIA
ANO LETIVO 2017/2018



Prática de Ensino Supervisionada em EMRC

Agrupamento de Escolas
da Damaia

Lição nº: 15 | Aula 4 de 10

Data: 30/01/2018

Sumário: Representações de Deus no Judaísmo e em Jesus de Nazaré.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45'	Recursos	Avaliação Formativa
D. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.	2. Identificar as representações de Deus no Judaísmo e em Jesus de Nazaré.	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Representações de Deus no Antigo Testamento: o Judaísmo. ✓ O Deus de Jesus Cristo: o Cristianismo. ✓ De um Deus de um povo até um Deus universal e inequivocamente bom. 	<p>Acolhimento e sumário Revisão da matéria da aula anterior.</p> <p>Trabalho de grupo</p> <ul style="list-style-type: none"> - divide-se a turma em dois grupos: um trabalhará as páginas 69 a 71 do manual do aluno acerca das representações de Deus no Antigo Testamento; o outro grupo trabalhará as páginas 72 e 73 do manual do aluno sobre o Deus de Jesus Cristo. - cada grupo tentará destacar as ideias principais a retirar dos respetivos textos estudados. - após um período de reflexão um porta-voz de cada grupo partilha o resultado e escreve no powerpoint. - o professor explora as conclusões de cada grupo com os alunos, sublinhando a evolução da ideia de Deus e a universalidade do Seu amor que se dirige a todos. <p>Síntese da aula</p>	10'	Quadro, marcador, caderno do aluno, caneta.	Assiduidade, pontualidade, material, registo do sumário.
				30'	Manual do aluno, p. 69-73, Anexo 10	Concentração, interesse, participação, respeito pelos outros.
				5'	Caderno do aluno, caneta.	Participação na elaboração da síntese.

Síntese da aula: Tanto o Judaísmo como o Cristianismo apresentam um Deus próximo que procura a felicidade do homem.

Relatório de aula nº 4/10 | Lição nº 15 | 30/01/2018

Unidade Letiva 2 – Deus, o grande Mistério.

A aula de hoje teve como finalidade trabalhar os conteúdos *representações de Deus no Antigo Testamento: o Judaísmo; o Deus de Jesus Cristo; de um Deus de um povo até um Deus universal e inequivocamente bom* tendo como objetivo *identificar as representações de Deus no Judaísmo e em Jesus de Nazaré.*

A aula de hoje iniciou mais tarde devido ao facto de os alunos demorarem a entrar na sala de aula. Tendo sido o sumário escrito e passado para o caderno diário, iniciei a aula fazendo uma breve revisão dos conteúdos trabalhos na última aula. Com esta revisão fiz a ponte para aquilo que seria trabalhado – as representações de Deus no Judaísmo e em Jesus de Nazaré. Assim, a estratégia pensada foi dividir a turma em dois grupos e cada grupo iria trabalhar cada uma dessas representações. Após a reflexão, um porta-voz de cada grupo iria escrever num *powerpoint* o resultado da sua reflexão. Esta estratégia tinha como objetivo fomentar o trabalho em equipa. Feita a divisão em grupos, indiquei as respetivas páginas do manual nas quais se iriam debruçar, de modo a valorizar o uso do manual do aluno, e estipulei o tempo necessário para a execução desta atividade. Durante o trabalho em grupo, tentei acompanhar a evolução dos trabalhos e responder a dúvidas que fossem surgindo. Notei os alunos interessados e empenhados na execução da atividade, embora, num dos grupos, houvesse alguns a causar algum ruído de fundo. Fui alertando sobre este facto, apelando para o bom senso no que se refere ao respeito pelos colegas. Os grupos demoraram algum tempo na realização da atividade, sobretudo no momento de escreverem a sua reflexão, pelo que aquando da apresentação, não foi possível escrever no *powerpoint* os resultados do trabalho de cada grupo. Assim, optei pela apresentação oral e após a intervenção de cada grupo, fui explorando os seus resultados de

forma a poder consolidar o que estava a ser exposto. Não foi possível fazer a síntese, porque, entretanto, tocou para a saída.

A apreciação que faço desta aula é que poderia ter corrido melhor. Isto porque, no momento da seleção de textos a serem lidos, poderia ter escolhido melhor os mesmos. Devido à demora na realização do trabalho em grupo, não tive tempo de poder deixar cada grupo escrever os seus resultados no *powerpoint*, de forma a valorizar a sua participação e protagonismo na aula. De uma forma geral, penso que os alunos conseguiram chegar às ideias principais, mostrando-se empenhados e concentrados (apesar de algum foco de desconcentração) na execução das estratégias propostas para esta aula.

A professora Carolina, por sua vez, gostou da dinâmica da aula e ao contrário de mim, não faria a seleção de textos, por forma a valorizar o manual. Acha que a turma trabalha lindamente e participa ativamente nas atividades da aula. Na parte final da aula, aquando da minha exploração dos resultados apresentados pelos grupos, reparou que havia alunos “desligados” do que estava a dizer. De facto, fez notar que faltou o momento de os alunos passarem para o *powerpoint* o resultado da sua reflexão, isto porque, entretanto, tocou para a saída. Sugeri que numa próxima estratégia que envolvesse trabalho em grupo, que fossem os alunos a escolher os colegas.

O professor José Luís iniciou a sua apreciação referindo que não é preciso esperar por todos para começar a aula, pois assim atrasa-se a aula e a planificação e também é uma forma daqueles que chegam mais tarde tomarem consciência do seu atraso. De qualquer forma, é preciso saber acolher os que chegam atrasados. No que se refere ao trabalho em grupo, achou que correu bem, pois os alunos trabalharam e apresentaram resultados. Contudo, sublinhou que se deve gerir melhor o tempo do trabalho em grupo e estar mais atento aos distraídos para que se concentrem no trabalho que estão a fazer. Sobre os textos seleccionados, retiraria a parte que se refere ao nome de Deus, fazendo apenas uma breve referência. Acerca da minha síntese dos trabalhos de cada grupo, sugeri que não se falasse mais do que aquilo que cada grupo

apresentou, isto porque a minha síntese foi muito exaustiva. Ainda acerca deste ponto, notou que insisti muito no Antigo Testamento e não referi a novidade que Jesus trouxe que é a universalidade de Deus.

Aprendi nesta aula que é importante os alunos registarem aprendizagens no caderno diário, pois é uma forma de valorizar o seu trabalho, bem como o próprio caderno. Aprendi, também, que é importante uma seleção cuidada dos textos a serem trabalhados em aula, pois a não compreensão dos mesmos pode levar a que haja uma demora na concretização das tarefas.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS
RELIGIOSAS

Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização no ensino da EMRC

PLANIFICAÇÃO DE AULA
UNIDADE LETIVA 2 – DEUS, O GRANDE MISTÉRIO
9ªA

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA DAMAIA
ANO LETIVO 2017/2018



Prática de Ensino Supervisionada em EMRC

Agrupamento de Escolas
da Damaia

Lição nº: 16 | Aula 5 de 10

Data: 06/02/2018

Sumário: A bondade de Deus e a confiança pela fé.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45'	Recursos	Avaliação Formativa
E. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. J. Descobrir a simbólica cristã.	3. Destacar a bondade e a grandeza de Deus.	<ul style="list-style-type: none"> ✓ A imensidão e bondade de Deus: Sir 43, 27-33. ✓ A fé como confiança e entrega: Sl 23(22). 	<p>Acolhimento e sumário</p> <p>Entrega do trabalho realizado em grupo: - o professor distribui aos alunos o resultado do trabalho realizado em grupo na aula anterior.</p> <p>Leitura: - o professor pede a dois alunos para lerem os textos bíblicos das páginas 77 e 78 do manual do aluno.</p> <p>Powerpoint – exploração dos textos: - após a leitura de cada texto bíblico, o professor explora o mesmo com os alunos e pede que cada um vá escrever uma palavra-chave relacionada com o texto diretamente no powerpoint. Os alunos passam as sugestões para o caderno. - o professor, no final, faz um apanhado de todo o conteúdo exposto.</p> <p>Síntese da aula</p>	<p>10'</p> <p>5'</p> <p>5'</p> <p>20'</p> <p>5'</p>	<p>Quadro, marcador, caderno do aluno, caneta.</p> <p>Manual do aluno, pp. 77 e 78.</p> <p>Anexo 11.</p> <p>Caderno do aluno, caneta.</p>	<p>Assiduidade, pontualidade, material, registo do sumário.</p> <p>Atenção, interesse, participação, respeito pelos outros.</p> <p>Interesse, participação, respeito pelos outros.</p> <p>Participação na elaboração da síntese.</p>

Síntese da aula: Deus é representado como sendo amor e protetor do seu povo.

Relatório de aula nº 5/10 | Lição nº 16 | 06/02/2018

Unidade Letiva 2 – Deus, o grande Mistério.

A aula de hoje teve como finalidade trabalhar os conteúdos *a imensidão da bondade de Deus; a fé como confiança e entrega* tendo como objetivo *destacar a bondade e a grandeza de Deus*.

A aula de hoje contou apenas com aproximadamente metade da turma. Acerca deste facto, perguntei aos alunos que estavam presentes o motivo de estarem tantos a faltar, não obtendo uma resposta objetiva.

Escreveu-se o sumário e foi passado para o caderno. Antes de iniciar a aula, entreguei aos alunos os resultados do seu trabalho de grupo da aula anterior, com base no anexo que tinha preparado e que não tinha sido concretizado (Anexo 10). Achei que foi uma forma de aproveitar o material preparado e os alunos terem nas suas mãos algo por eles produzido. Alertei que o que lhes estava a entregar era importante pois é matéria para a ficha de avaliação.

Reportando-me agora para a aula em si, iniciei a mesma com a leitura de dois textos bíblicos retirados das páginas 77 e 78 do manual do aluno. Para tal, escolhi dois alunos para lerem. Antes da leitura dos textos, fiz uma breve referência aos autores, para que os alunos se pudessem contextualizar com a mensagem do texto. Após a leitura, perguntei se haviam palavras que não tivessem percebido e fui respondendo às dúvidas que foram aparecendo.

Tendo como objetivo consolidar as ideias principais de cada texto, introduzi a estratégia seguinte que consistia em preencher um pergaminho referente a cada texto (Anexo 11), no qual os alunos escreviam a sua ideia sobre o significado do texto. Nesta estratégia, os alunos mostraram-se muito participativos e quase todos foram ao quadro escrever. Na sua maioria, todos conseguiram chegar às ideias principais presentes em cada texto, sublinhando a grandeza

e o mistério de Deus no texto de Ben Sirá e a sua presença fiel e protetora no Salmo 23 do Rei David. Em relação ao Salmo, em conjunto com os alunos, explorei a imagem do pastor, e tudo aquilo que a sua função lhe impõe, transportando essa imagem para Deus que, no fundo, é o que David quer representar: Deus como Pastor que guia o seu povo e faz tudo para cuidar e proteger. No final, apresentei um esquema elaborado por mim, em forma de resumo dos conteúdos a reter dos dois textos lidos.

Apesar de não estar planificada, e vendo que ainda restava tempo antes do toque de saída, decidi abordar um pouco a questão de Deus na arte. Após uma definição daquilo que é a arte e as diversas formas pelas quais ela se manifesta, apresentei o exemplo da Igreja da Sagrada Família, em Barcelona, do arquiteto espanhol Antoni Gaudí. Salientei o facto de Gaudí, sendo um cristão convicto, procurou através desta obra elevar a alma humana a Deus e decompor através da arte (neste caso, arquitetura) aquilo que Deus representava na sua vida, tal como os textos bíblicos lidos na aula tinham como objetivo (neste caso, na forma de literatura). Dei a conhecer aos alunos algumas curiosidades acerca da construção da igreja. Entretanto, tocou para a saída e não foi possível fazer a síntese da aula.

A avaliação que faço da minha aula é positiva na medida em que os poucos que estiveram na aula, participaram de um modo muito positivo nas tarefas propostas. De um modo geral, retiveram os conteúdos propostos para a aula. Na estratégia de irem escrever no quadro as ideias de cada texto, houve alunos que foram mais de uma vez o que se justifica pelo fato de serem poucos. Talvez fosse esse o motivo pelo qual acabei por cumprir a planificação algum tempo antes do toque, pelo que optei por falar de Deus na arte. Pegando nos textos bíblicos lidos, procurei explicar aos alunos que Deus representa-se em outras formas de arte, além da literatura. Destaco como pontos negativos, o facto de ainda não ter conseguido concluir a aula com a síntese, a fraca assiduidade dos alunos na aula de hoje e não ter preparado um “plano B”, devido ao facto de ter sobrado tempo de aula.

A professora Carolina, por sua vez, gostou da dinâmica da aula notando os alunos muito participativos. O *powerpoint* com os pergaminhos fez com que os alunos olhassem a sua participação de outra forma, ou seja, contribuíram com algo seu para o desenvolvimento da aula. Os textos trabalhados são um meio importante para se ter um contacto com a Bíblia, ganhando consciência da evolução das representações de Deus, sobretudo com Jesus, e que podem ser transportadas para os dias de hoje. Destacou a facilidade com que os alunos interpretaram a figura do pastor e das ovelhas. Sobre a arte, sugeri que podia ter pedido como trabalho de casa os alunos pesquisarem uma obra de arte que se referisse a Deus.

O professor José Luís iniciou a sua apreciação referindo que não gostou da aula. Teve a impressão que foi preparada à pressa, sem ser pensada e foi mais do mesmo da aula anterior. O facto de faltarem muitos alunos pode levar a pensar que, da minha parte, não estou a conseguir motivá-los para a aula seguinte. Perante isto, é necessário que as aulas sejam mais dinâmicas, participadas, apelativas e com estratégias mais cativantes. Fez notar, também, que ao longo da aula fui tendo pausas desnecessárias, como que estivesse a “mastigar” para que chegasse o toque de saída. Acerca da última parte da aula, sobre a arte, referiu que poderia ter apresentado como as diversas formas de arte constantes no manual evidenciam a função catequética da arte. Sobre o facto de não ter conseguido fazer a síntese, reforçou a necessidade de se ter de marcar os tempos da aula, não perdendo tempo em aspetos secundários. Apelou para um maior brio na planificação das aulas, sobretudo na variação de estratégias e com mais participação da parte dos alunos.

Nesta aula aprendi que é importante, em todas as aulas, motivar os alunos para a aula seguinte. É imperativo ir variando de estratégias e saber marcar os ritmos para as diversas estratégias de forma a não ocupar demasiado tempo nalgumas, em detrimento de outras.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS
RELIGIOSAS

Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização no ensino da EMRC

PLANIFICAÇÃO DE AULA
UNIDADE LETIVA 2 – DEUS, O GRANDE MISTÉRIO
9ªA

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA DAMAIA
ANO LETIVO 2017/2018



Prática de Ensino Supervisionada em EMRC

Agrupamento de Escolas
da Damaia

Lição nº: 17 | Aula 6 de 10
Data: 20/02/2018
Sumário: A fé e as obras de amor.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45'	Recursos	Avaliação Formativa
F. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. K. Descobrir a simbólica cristã.	4. Destacar a bondade e a grandeza de Deus.	<p>✓ A coerência entre a fé e as obras: Jr 7, 4-11 e Tg 2, 14-17.</p> <p>✓ A fé cristã: uma experiência de encontro; um apelo à esperança, contra todos os sinais de desespero; um apelo à construção de um mundo solidário.</p>	<p>Acolhimento e sumário. Revisão da matéria da aula anterior.</p> <p>Visualização de um vídeo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - o professor apresenta um vídeo como forma de motivação para o tema da aula; - o professor, em conjunto com os alunos, explora a mensagem do vídeo. - conclusão do professor. <p>Leitura texto bíblico: Fé com obras</p> <ul style="list-style-type: none"> - o professor pede a um(a) aluno(a) para ler o texto bíblico; - o professor, em conjunto com os alunos, explora o texto fazendo analogia com o vídeo visto anteriormente; - conclusão do professor. <p>Powerpoint: As obras de misericórdia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - o professor introduz as obras de misericórdia como formas de concretização de amor ao próximo; - apresentação das obras de misericórdia; <p>Encenação das obras de misericórdia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - o professor distribui a cada aluno um cartão com uma obra de misericórdia; - os alunos encenam essa obra tentando que os colegas adivinhem a qual se refere. 	5'	Quadro, marcador, caderno do aluno, caneta.	Assiduidade, pontualidade, material, registo do sumário.
			<p>Síntese da aula</p>	10'	Anexo 12, Computador, projetor, colunas de som,	Atenção, participação, respeito pelos outros.
				5'	Manual do aluno, p.80	Interesse, participação, respeito pelos outros.
				20'	Anexo 13	Atenção, participação, respeito pelos outros
			Anexo 14, 14.1	Participação, criatividade, respeito pelos outros.		
				5'	Caderno do aluno, caneta.	Participação na síntese.

Síntese da aula: A fé vive-se no amor ao próximo.

Relatório de aula nº 6/10 | Lição nº 17 | 20/02/2018

Unidade Letiva 2 – Deus, o grande Mistério.

A aula de hoje teve como finalidade trabalhar os conteúdos *a coerência entre fé e obras; a fé cristã: uma experiência de encontro; um apelo à esperança, contra todos os sinais de desespero; um apelo à construção de um mundo solidário* tendo como objetivo *destacar a bondade e a grandeza de Deus.*

A aula de hoje contou com nove alunos, sendo que faltaram quatro. Tendo sido escrito o sumário no quadro e passado para o caderno, iniciei a aula com uma breve revisão da matéria da aula anterior. Os alunos, de forma espontânea, foram referindo alguns tópicos tratados, salientando-se a referência, na sua maioria, à representação de Deus como pastor.

Feita a revisão passei para a primeira estratégia que consistia na visualização de um pequeno vídeo (Anexo 12) que consiste num anúncio de uma marca de refrigerante sob a forma de experiência social. Antes de apresentar o vídeo, tive o cuidado de referir que o mesmo consistia num anúncio de uma marca conhecida de refrigerantes, mas cujo conteúdo era pertinente para o tema que iríamos trabalhar na aula (a fé e as obras). O vídeo confronta pessoas acerca de situações do quotidiano que apelam uma ação concreta de ajuda. Optei por dividir o vídeo em duas partes, ficando a segunda parte para o final da aula, para servir de conclusão. Na primeira parte do vídeo, as pessoas são questionadas se ajudariam determinadas pessoas em situações que precisariam de ajuda. A maioria dos inquiridos ia respondendo que sim. No momento em que as pessoas são confrontadas, através de uma câmara oculta, acerca da coerência das respostas que deram, pausei o vídeo. Até aqui, os alunos acompanharam atentamente o vídeo, tendo alguns já tentado adivinhar o desfecho.

De seguida, introduzi a estratégia seguinte que consistiu na leitura de um texto bíblico constante no manual do aluno, na pág. 80 – *A fé e as obras*. Pedi a um aluno que lesse e, no final da leitura, explorei o texto em conjunto com os alunos, sublinhando a importância de haver coerência entre o que se professa com o que se pratica. Não basta dizer que se acredita se, no fundo, essa crença não é manifestada em atitudes concretas de amor ao próximo que, no caso dos cristãos, é um imperativo dado por Jesus. Os alunos, na sua maioria, conseguiram, por palavras suas, explicar a ideia principal por trás da intenção do autor.

No intuito de exemplificar que tipos de obras se podem pôr em prática, introduzi a estratégia seguinte que consistiu na apresentação de um *powerpoint* com as obras de misericórdia (Anexo 13). Referi aos alunos que estas obras são formas de concretização de amor ao próximo. Analisei as catorze obras explicando cada uma, dando exemplos de forma os alunos poderem perceber melhor o alcance de cada uma.

De forma a interiorizar as obras de misericórdia, passei à estratégia seguinte que foi uma encenação das obras de misericórdia (Anexo 14, 14.1). Os alunos, em par, tinham a tarefa de dramatizar uma obra de misericórdia corporal e outra espiritual, tentando que os colegas adivinhassem qual a obra que estavam a encenar. Por forma a facilitar a identificação das obras, deixei projetadas no quadro, todas as obras de misericórdia. À medida que foram identificando as obras, as mesmas eram riscadas para não dar azo a alguma confusão. Nesta estratégia, os alunos envolveram-se positivamente e empenharam-se para que a dramatização tivesse os efeitos desejados, mostrando que estavam a assimilar bem as obras de misericórdia. Terminada a encenação, apresentei a segunda parte do vídeo como que em jeito de conclusão da aula de hoje. Nesta parte do vídeo, através de uma câmara oculta, os inquiridos foram confrontados com o que realmente fizeram face às situações apresentadas. Daqui, os alunos depreenderam que não basta ficar pelas boas intenções. É preciso agir, ser coerente com o que se diz. A fé exige obras, senão é uma fé sem sentido, vazia, inútil até.

A apreciação que faço desta aula é positiva, pois os alunos mostraram-se muito interessados e participativos na aula. As estratégias que pediam uma participação ativa dos alunos tiveram boa adesão e notou-se o empenho dos mesmos na sua realização. Penso que os objetivos propostos foram cumpridos, pois os conteúdos tratados foram objeto de uma assimilação bastante satisfatória da parte dos alunos. Como ponto negativo, saliento o facto de não ter conseguido fazer a síntese da aula. A mudar algo na planificação, optaria por não ser exausto na exploração de cada obra de misericórdia, de forma a rentabilizar melhor a gestão do tempo.

A professora Carolina fez a sua apreciação crítica da minha aula salientando como ponto positivo o facto de os alunos se lembrarem do que se tratou na aula anterior. Gostou da ideia de se dividir o vídeo em duas partes, pois foi uma forma de manter os alunos concentrados no tema central da aula. A dramatização das obras de misericórdia deu destaque à criatividade dos alunos e estes empenharam-se muito na concretização da tarefa. Os conceitos trabalhados ao longo da aula tiveram eco positivo nos alunos, sendo estes muito assertivos. No geral, a professora Carolina considerou a aula dinâmica e com bastante participação.

Por sua vez, o professor José Luís, notou uma melhoria no que se refere à planificação e nas estratégias apresentadas para a aula de hoje. A aula foi mais dinâmica, melhor preparada. Em alguns momentos da aula, poderia haver mais diálogo, ou seja, mais exemplos para a explicação de alguns conteúdos. Fez notar que quando se colocam questões aos alunos, estas devem ser feitas de frente e não de costas, pois dá a sensação que o professor não está interessado nas respostas dos alunos. Acerca do vídeo, referiu que faltou decompor a temática da fé, pois a parte prática era a tónica forte do mesmo. Sugeriu que se explorasse mais o vídeo, fazendo perguntas. Sobre a dramatização das obras de misericórdia achou que a solução no quadro não foi tão bem pensada pois não levou a muito esforço na dramatização e a exclusão por partes facilitou a resolução. Referiu que é importante, no final de cada estratégia, fazer uma breve síntese, para que os alunos estejam em sintonia com a aula. Por fim, sublinhou que, ao

planificarmos, devemos pensar sempre em surpreender os alunos para melhor os cativar e prender a sua atenção.

Nesta aula aprendi que, mais uma vez, não devo alongar-me muito na exploração de algumas estratégias, pois corre-se o risco de não se conseguir cumprir a planificação. A utilização de estratégias que envolvam os alunos é para manter pois a adesão é bastante positiva.



Lição nº: 18 | Aula 7 de 10

Data: 27/02/2018

Sumário: Vidas transformadas pela fé e transformadoras da sociedade.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45'	Recursos	Avaliação Formativa
G. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.	4. Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.	<p>✓ Cada crente é o rosto e as mãos de Deus a atuar no mundo.</p> <p>✓ Vidas com sentido: S. João de Deus e o acolhimento ao doente mental; S. Vicente de Paulo e a opção pelos pobres; Aristides de Sousa Mendes perante o holocausto; Papa João XXIII, a relação Igreja-Mundo e o Concílio Vaticano II.</p>	<p>Acolhimento e sumário; Revisão da matéria da aula anterior.</p>	5'	Quadro, marcador, caderno do aluno, caneta.	Assiduidade, pontualidade, material, registo do sumário.
			<p>Chuva de ideias:</p> <ul style="list-style-type: none"> - o professor pergunta aos alunos como se pode ser o rosto e mão de Deus no mundo de hoje; - os alunos partilham a sua resposta no quadro e no caderno diário. 	5'	Quadro, marcador.	Interesse, participação, respeito pelos outros.
			<p>Trabalho de grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - o professor divide a turma em 4 grupos; - explicação do professor; - cada grupo estuda uma personalidade através de uma ficha de trabalho; - o porta-voz do grupo apresenta a reflexão; - conclusões em conjunto com os alunos. 	25'	Anexo 15, 15.1, 15.2, 15.3, caneta. Manual do aluno, pp. 82-86.	Trabalho em equipa, empenho, respeito pelos outros.
			<p>Trabalho de casa:</p> <ul style="list-style-type: none"> - o professor solicita aos alunos que pesquisem uma instituição cristã empenhada no bem comum: nome, objetivos e curiosidades. 	5'		Atenção às orientações do professor.
			Síntese da aula	5'	Caderno do aluno, caneta.	Participação na síntese.

Síntese da aula: A confiança em Deus ajuda as pessoas a empenharem-se no bem comum e a transformar o mundo.

Unidade Letiva 2 – Deus, o grande Mistério.

A aula de hoje teve como finalidade trabalhar os conteúdos *cada crente é o rosto e as mãos de Deus a atuar no mundo; vidas com sentido: S. João de Deus e o acolhimento ao doente mental; S. Vicente de Paulo e a opção pelos pobres; Aristides de Sousa Mendes perante o holocausto; Papa João XXIII, relação Igreja-Mundo e o Concílio Vaticano II* tendo como objetivo *descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.*

A aula de hoje contou com oito alunos. Feito o acolhimento, o sumário foi escrito no quadro e passado para o caderno diário.

Após uma breve revisão da matéria dada na aula anterior, introduzi a primeira estratégia que consistiu numa chuva de ideias. Assim, lancei a pergunta à turma sobre como se pode ser o “rosto” e a “mão” de Deus no mundo de hoje. Os alunos foram respondendo que era através de boas ações, como ajudar o próximo, sobretudo os mais necessitados, numa clara alusão aos conteúdos da aula anterior. De seguida, expliquei que ser “rosto” e “mão” de Deus no mundo é ter a capacidade de atuar no mundo, ser agentes de transformação da sociedade, de forma a construir um mundo mais justo e fraterno. Dessa forma, o cristão responde ao apelo do amor ao próximo que Jesus lança e é, no mundo, sinal de Deus. Esta explicação serviu de base para introduzir a estratégia seguinte.

Nesta estratégia, dividi a turma em quatro grupos de dois elementos, e cada grupo tinha a tarefa de estudar uma personalidade presente no manual do aluno (págs. 82 a 86) e, mediante a realização de uma ficha de trabalho (Anexos 15, 15.1, 15.2, 15.3), apresentar essa personalidade à turma. Após a explicação do pretendido nesta estratégia, os alunos deram início ao seu trabalho. Durante a execução da ficha de trabalho, fui passando pelos lugares de forma

a perceber se havia dúvidas ou alguma dificuldade sentida. Após a realização da ficha de trabalho, convidei os grupos a ir apresentar à turma o resultado da sua reflexão. Pelo que foi exposto na apresentação dos trabalhos, depreende-se que os alunos atingiram os objetivos propostos, tendo assimilado bem os conteúdos presentes no manual e pela capacidade de síntese que tiveram na apresentação aos colegas. Após a apresentação de cada personalidade, fiz uma breve apresentação em *powerpoint* (Anexo 16) com imagens alusivas à temática subjacente a cada personalidade. Terminada a apresentação dos trabalhos de grupo, expliquei que estas pessoas foram, à sua maneira, o “rosto” e a “mão” de Deus na sua vida, e foi a sua fé em Deus que os levou a serem agentes transformadores da sociedade do seu tempo.

Convidei, de seguida, os alunos a fazerem uma breve síntese da aula, em jeito de conclusão do trabalho de grupo. Fui apontando as contribuições dos alunos até chegar a uma frase que sintetizasse o essencial que foi tratado na aula de hoje.

Para a aula seguinte, pedi aos alunos que pesquisassem uma instituição cristã empenhada no bem comum, identificando o nome, os seus objetivos e alguma curiosidade relacionada com a instituição.

A apreciação que faço da aula de hoje é positiva pois creio que os alunos atingiram os objetivos propostos. A participação na chuva de ideias e o empenho na realização da ficha de trabalho e conseqüente apresentação, oferecem conclusões que favorecem a apreciação muito satisfatória da aula. Destaco como positivo o facto de ter conseguido fazer a síntese da aula.

A professora Carolina fez a sua apreciação crítica referindo que os alunos se mostraram interessados e motivados durante a aula. O resultado das fichas de trabalho deu a entender que os alunos compreenderam os conteúdos do manual e conseguiram expor, ainda que de forma resumida, as ideias principais sobre cada personalidade estudada.

Por sua vez, o professor José Luís referiu que o trabalho em grupo funcionou bem pois os alunos mostraram-se empenhados na realização da tarefa. Apontou que faltou situar

cronologicamente cada personalidade de forma a poder situar os alunos na época. O *powerpoint* conclusivo sobre cada personalidade funcionou bem. A síntese, em modo de conclusão do trabalho de grupo, poderia ter sido escrita no quadro. Em relação ao trabalho de casa, fez notar que não tinha de obrigatoriamente ser somente sobre uma instituição cristã e não era necessário exigir nos tópicos a trabalhar, pois quanto mais tópicos dermos, mais ajudamos e motivamos os alunos para a sua realização. A forma como “exigimos” / pedimos o trabalho de casa é que deverá ser simplificada.

Nesta aula aprendi que o trabalho em grupo é uma estratégia que funciona, pois, os alunos aderem bem e são empenhados na sua realização. Aprendi também que há pormenores a ter em conta de forma a completar informação e deve-se ir além daquilo que o manual sugere para trabalhar os conteúdos.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS
RELIGIOSAS

Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização no ensino da EMRC

PLANIFICAÇÃO DE AULA
UNIDADE LETIVA 2 – DEUS, O GRANDE MISTÉRIO
9ªA

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA DAMAIA
ANO LETIVO 2017/2018



Prática de Ensino Supervisionada em EMRC

Agrupamento de Escolas
da Damaia

Lição nº: 19 | Aula 8 de 10

Data: 06/03/2018

Sumário: Instituições de inspiração cristã dedicadas ao bem do próximo. Jogo: “Quem quer conhecer Deus?”

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45'	Recursos	Avaliação Formativa
H. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.	5. Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.	✓ Instituições de ordem religiosa empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade.	<p>Acolhimento e sumário; Revisão da matéria da aula anterior.</p> <p>Partilha do trabalho de casa: - os alunos apresentam os resultados da sua pesquisa sublinhando os objetivos por trás da atividade das instituições;</p> <p>Exploração da instituição “O Ninho” - o professor, em conjunto com os alunos explora a instituição “O Ninho”, explicando os objetivos por trás da mesma; - o professor pede a um aluno que leia o testemunho presente no manual, na pág. 91.</p> <p>Jogo “Quem quer ser cristão” (revisão da matéria): - o professor divide a turma em 2 grupos (equipas); - explicação do jogo; - a cada pergunta, cada equipa escolhe um elemento para ir responder; - ganha a equipa que obtiver mais pontos; - conclusão do professor.</p> <p>Síntese da aula</p>	<p>5'</p> <p>5'</p> <p>10'</p> <p>20'</p> <p>5'</p>	<p>Quadro, marcador, caderno do aluno, caneta.</p> <p>Quadro, marcador.</p> <p>Manual do aluno, pp. 90 e 91.</p> <p>Anexo 16, 16.1, 16.2, quadro, projetor.</p> <p>Caderno do aluno, caneta.</p>	<p>Assiduidade, pontualidade, material, registo do sumário.</p> <p>Interesse, participação, respeito pelos outros.</p> <p>Atenção, interesse, participação.</p> <p>Trabalho em equipa, empenho, respeito pelos outros, atenção às orientações do professor.</p> <p>Participação na síntese.</p>

Síntese da aula: Quem acredita sente-se chamado a ajudar os mais necessitados, contribuindo para a transformação da sociedade.

Relatório de aula nº 8/10 | Lição nº 19 | 06/03/2018

Unidade Letiva 2 – Deus, o grande Mistério.

Um pouco antes do toque de entrada, dirige-me à sala de forma a preparar os materiais audiovisuais que seriam utilizados na aula. Hoje faltaram quatro alunos, pelo que a aula contou com nove alunos.

A aula de hoje teve como finalidade trabalhar o conteúdo *instituições de ordem religiosa empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade* tendo como objetivo *descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé.*

Tendo sido escrito o sumário no quadro e passado para o caderno diário, iniciei a aula convidando os alunos a partilharem o seu trabalho de casa sobre instituições de inspiração cristã empenhadas no bem comum. Apenas uma aluna fez o trabalho de casa ao passo que os restantes justificavam-se referindo que se tinham esquecido. Pedi, então, à aluna que apresentasse a sua pesquisa, o que fez de um modo muito bom, visto ter feito uma pesquisa muito aprofundada sobre a instituição. Alguns alunos, numa tentativa de colmatar o facto de não terem feito o trabalho de casa, foram referindo instituições que conheciam apontando alguns traços gerais sobre as mesmas.

Para o caso de haver poucos alunos que fizessem o trabalho proposto para casa (o que, de facto, aconteceu), preparei uma exploração à instituição “O Ninho”, presente no manual do aluno nas páginas 90 e 91. Apoiei-me no *site* da instituição de forma a mostrar aos alunos a quem se destina e os seus principais objetivos. Salientei o facto de a prostituição ser ainda um flagelo que trespassa os dias de hoje e que muitas das vezes, quem se encontra nesta situação, dificilmente encontra um modo de fugir. Daí que exista esta instituição que procura denunciar

a prostituição, as suas causas e consequências, e pretende acolher e apoiar as mulheres e famílias vítimas desta forma de exploração sexual. Durante a exploração, os alunos mostraram-se atentos e interessados no assunto e foram intervindo de forma pertinente colocando questões e fazendo observações acerca da temática. De forma a terem uma ideia mais concreta de como se entra no mundo da prostituição e a finalidade d'O Ninho, convidei um aluno a ler o testemunho que se encontra no manual do aluno, na página 91.

De seguida, introduzi outra estratégia que serviu como revisão da matéria da desta Unidade Letiva, visto na próxima aula ser ficha de avaliação sumativa. A estratégia consistia num *powerpoint* inspirado no jogo “Quem quer ser milionário” e tinha como título “Quem quer conhecer Deus” (Anexo 16, 16.1, 16.2). Para tal, dividi a turma em dois grupos e expliquei o funcionamento do jogo. A cada pergunta, cada equipa teria de ser representada por um elemento do grupo. Durante o jogo, os alunos mostraram-se muito organizados, participativos e competitivos (no bom sentido). Entre as questões presentes no jogo, fui fazendo outras com base noutros conteúdos às quais os alunos iam respondendo satisfatoriamente. O jogo terminou com um empate, tendo ambas as equipas apenas errado numa questão. Quer isto demonstrar que, bastante satisfatoriamente, os alunos apreenderam bem os conteúdos e que estes estavam ainda bem presentes.

A avaliação que faço da aula é positiva, no sentido em que senti os alunos interessados e participativos na aula e na dinâmica da mesma. O interesse demonstrado pela temática da prostituição ao abordar a instituição O Ninho leva-me a concluir que os alunos se mostraram sensíveis e revelam possuir informação acerca do tema, quer por força das notícias, a que porventura tenham acesso, quer por conhecimento de algum caso concreto. O entusiasmo demonstrado aquando do jogo “Quem quer conhecer Deus?” bem como o à vontade nas respostas dadas às perguntas indicam que os alunos retiveram o essencial dos conteúdos trabalhados e mostram-se confortáveis com os mesmos. Daqui resulta um indicador de que a

ficha de avaliação sumativa a realizar na próxima aula possa revelar resultados muito satisfatórios.

Na sua apreciação à aula, a professora Carolina referiu que gostou da dinâmica da aula. Apesar de apenas uma aluna fazer o trabalho proposto para casa, notou que os que não fizeram conseguiram “chegar lá” oralmente, mostrando conhecer várias instituições. No que se refere ao jogo, apontou que poria uma ou duas questões com maior grau de dificuldade. De uma forma geral, sentiu os alunos confortáveis com a aula.

Por sua vez, o professor José Luís, referiu que, no que se refere à realização dos trabalhos de casa, é importante valorizar quem os fez e também quem não os tendo feito, procurou refletir e participar com o que já sabe. Acerca da exploração d’O Ninho sublinhou que a leitura do testemunho poderia ter sido feita por dois alunos, evitando uma certa monotonia na leitura e promovendo uma participação mais alargada. Em relação ao jogo, tal como a professora Carolina, referiu que as perguntas eram muito fáceis para este nível de ensino devendo ter aumentado o grau de dificuldade e a exigência do jogo. Na parte final do jogo, no último diapositivo onde se diz “viver o que se aprendeu”, teria dado uma explicação mais “desafiadora” no sentido de “vai e faz o mesmo”.

Com a aula de hoje, aprendi que mesmo quem não tenha feito o trabalho de casa, a sua participação pode ser valorizada por conhecer algum caso concreto. No futuro, se adotar alguma estratégia semelhante ao jogo, terei de ter em atenção aumentar o nível de exigência.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS
RELIGIOSAS

Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização no ensino da EMRC

PLANIFICAÇÃO DE AULA
UNIDADE LETIVA 2 – DEUS, O GRANDE MISTÉRIO
9ªA

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA DAMAIA
ANO LETIVO 2017/2018



Prática de Ensino Supervisionada em EMRC

Agrupamento de Escolas
da Damaia

Lição nº: 20 | Aula 9 de 10

Data: 13/03/2018

Sumário: Ficha de avaliação sumativa.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45'	Recursos	Avaliação Formativa
:	:	...	<p>Acolhimento e sumário</p> <p>Ficha de avaliação sumativa</p> <ul style="list-style-type: none"> - Distribuição da ficha de avaliação. - Leitura da ficha pelo professor. - Realização da ficha de avaliação. - Recolha da ficha de avaliação. <p>Trabalho de casa</p> <ul style="list-style-type: none"> - os alunos devem descobrir o significado da palavra Páscoa. 	<p>5'</p> <p>40'</p>	<p>Quadro, marcador, caderno do aluno, caneta.</p> <p>Ficha de avaliação, caneta.</p>	<p>Assiduidade, pontualidade, material, registo do sumário.</p> <p>Concentração, respeito pelos outros, material.</p>

Síntese da aula:

Relatório de aula nº 9/10 | Lição nº 20 | 13/03/2018

Unidade Letiva 2 – Deus, o grande Mistério.

A aula de hoje foi dedicada à realização da ficha de avaliação sumativa referente à Unidade Letiva 2. Estiveram presentes na aula nove alunos.

Desta vez, fui eu que escrevi o sumário no quadro de forma a não perder tempo. Passado para o caderno, passei para a distribuição das fichas de avaliação. Terminada a distribuição, li o enunciado de forma a colmatar qualquer dúvida que alguma pergunta pudesse colocar.

Os alunos mantiveram-se concentrados na execução da ficha. Durante este período, fui passando pelos lugares procurando junto dos alunos saber se estava a correr bem. Alguns alunos iam-me chamando devido a alguma dúvida que lhes ia surgindo. Pelo que ia observando, os alunos, na sua maioria, foram respondendo bem às perguntas do teste. Aos alunos que terminavam a ficha, pedi que relessem as respostas de forma a certificarem-se se estava tudo bem.

A avaliação que faço desta aula é muito positiva. Os alunos cooperaram para que assim fosse mostrando uma enorme seriedade na realização da ficha de avaliação. Mesmo estando alguns sentados lado a lado, não houve aquela “tentação” de espreitar a ficha do colega do lado. Com a ficha, tentei que todos os alunos fizessem todas as perguntas. Notei que a pergunta 2 foi a que revelou mais dificuldade na resposta. Quer isto dizer que, porventura, esse conteúdo não foi tão bem abordado por mim o que me desafia a rever a minha forma de abordar os conteúdos.

Por sua vez, a professora Carolina fez a sua apreciação elogiando a postura dos alunos durante a realização da ficha. Notou-os focados e empenhados na execução da mesma. Reparou, também, que a pergunta 2 era a que colocava mais dificuldade aos alunos.

O professor José Luís iniciou a sua apreciação crítica referindo que não era necessário ter sido escrito o sumário no início da aula. Poderia ser escrito na aula seguinte, ou no final da aula se todos os alunos terminassem antes do tempo. Na leitura do enunciado, não deveria ter sido tão demorado e optando por ler apenas as perguntas e não todas as alíneas, mas lê-las com a entoação devida. Fez notar que a pergunta 7 poderia ter sido formulada de outra maneira para não induzir em erro. Referiu como ponto positivo o facto de os alunos estarem concentrados e silenciosos enquanto realizavam a ficha de avaliação sumativa, bem como o acompanhamento silencioso e atento da minha parte.

Por fim, fez algumas considerações acerca da correção das fichas de avaliação assim como a avaliação/reflexão que é necessário sempre fazer, percebendo as questões onde os alunos revelaram mais dificuldades, refletindo se terá sido por falta de clareza nas questões ou a abordagem dos conteúdos em aula não foi feita da melhor forma. Em qualquer dos casos, é importante fazer uma correção que todos entendam e, se for caso disso, explicar outra vez esses conteúdos.

Nesta aula aprendi que é preciso alguma sensibilidade quando se fazem as questões da ficha de avaliação sumativa, pois a forma como são feitas podem induzir em erro. Aprendi também que, embora tenhamos a sensação de que os alunos apreenderam bem a matéria, é preciso ter em atenção que nem sempre poderemos ter sido claros ao explicar alguns conteúdos.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS
RELIGIOSAS

Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização no ensino da EMRC

PLANIFICAÇÃO DE AULA
UNIDADE LETIVA 2 – DEUS, O GRANDE MISTÉRIO
9ªA

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA DAMAIA
ANO LETIVO 2017/2018



Prática de Ensino Supervisionada em EMRC

Agrupamento de Escolas
da Damaia

Lição nº: 21 | Aula 10 de 10

Data: 20/03/2018

Sumário: Entrega e correção da ficha de avaliação sumativa. Auto e heteroavaliação. Diálogo com os alunos sobre a Páscoa.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45'	Recursos	Avaliação Formativa
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro. O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	Fomentar um clima de mútuo conhecimento e de diálogo.	✓ Semana Santa, costumes da Páscoa.	Acolhimento e sumário	5'	Quadro, marcador, caderno do aluno, caneta.	Assiduidade, pontualidade, material, registo do sumário.
			Entrega e correção da ficha de avaliação - o professor distribui as fichas de avaliação; - em conjunto com os alunos, o professor corrige a ficha de avaliação oralmente;	15'	Ficha de avaliação, caneta, caderno diário.	Concentração, respeito pelos outros.
			Autoavaliação - entrega da ficha de autoavaliação; - explicação da ficha de autoavaliação; - realização da ficha de autoavaliação; - avaliação dos cadernos diários;	10'	Anexo 17, caderno do aluno, caneta.	Capacidade de autocrítica.
			Powerpoint – A Semana Santa - contextualização da Páscoa pelo professor; - um aluno lê uma passagem da Bíblia ao mesmo tempo que é projetada uma imagem alusiva ao dia da Semana Santa; - conclusão em forma de diálogo com os alunos.	10'	Anexo 18, 18.1, computador, projetor, Bíblia.	Atenção, participação, respeito pelos outros.
			Síntese da aula	5'		Participação na síntese.

Síntese da aula: Para os cristãos, a Páscoa é a festa da vida.

Relatório de aula nº 10/10 | Lição nº 21 | 20/03/2018

Unidade Letiva 2 – Deus, o grande Mistério.

A aula de hoje contou com dez alunos. Os alunos passaram o sumário para o caderno, depois de este ter sido escrito no quadro. Um aluno, que não tinha comparecido na aula anterior, e apesar de não ter trazido enunciados por não achar que deveria dar-lhe essa oportunidade, o professor José Luís, tendo ainda um enunciado, retirou o aluno da sala e deu-lhe a oportunidade de o realizar num outro local.

Procedi à distribuição das fichas de avaliação e ao mesmo tempo felicitava os alunos pelos bons resultados obtidos. Cinco alunos tiveram a menção de Muito Bom, três tiveram Bom e houve apenas um Suficiente.

Aquando da correção, fiz uma lista de alunos que iriam responder às questões de acordo com a pontuação que tiveram nessa pergunta. Assim, fui pedindo a esses alunos que respondessem à questão que lhes estava destinada.

Após a correção do teste, procedeu-se à autoavaliação. Foi facultada aos alunos uma ficha de autoavaliação (Anexo 17) a qual os alunos preencheram de forma calma. Fui tirando algumas dúvidas que iam surgindo no preenchimento da ficha.

Terminada a autoavaliação, dediquei o resto da aula a explorar a Semana Santa, visto estar próxima a sua celebração. Antes, expliquei aos alunos como se calcula o dia de Páscoa, visto ser um feriado móvel. Expliquei que primeiro deve saber-se o dia em que acontece o equinócio da primavera. Sabendo esse dia, procura-se o dia em que se dá a primeira lua cheia após o equinócio. Por fim, o primeiro domingo após a primeira lua cheia posterior ao equinócio da primavera corresponde ao domingo de Páscoa. De seguida, com base num *powerpoint* (Anexo 18, 18.1) que preparei, juntamente com os alunos percorri os momentos principais que

os cristãos celebram na Semana Santa explicando o significado de cada um. É de realçar o conhecimento que alguns alunos manifestavam nesta temática. Infere-se daqui, claramente, que são alunos que frequentam a catequese. Para cada dia da Semana Santa constava na planificação a leitura de uma passagem bíblica que retratasse o dia. Contudo, com o tempo a escassear optei por não usar esta estratégia.

A avaliação que faço desta aula é bastante positiva dado que os alunos se mostraram interessados e bastante participativos nos conteúdos expostos. A correção do teste correu bem e os alunos tiveram o cuidado de anotar, quer fosse no teste, quer no caderno, a correção. A exploração da Semana Santa revelou da parte dos alunos um conhecimento bastante bom deste período importante para os cristãos. É, claramente, um indicador que favorece a ideia de a cultura portuguesa ser marcada fortemente pelo cristianismo.

A professora Carolina referiu que a aula foi calma e muito participada tanto na correção como na explicação da Semana Santa. Foi interessante ver da parte dos alunos o seu interesse em participar aquando da exploração da semana que antecede a Páscoa.

O professor José Luís iniciou a sua apreciação referindo que sobre o aluno fazer a ficha é uma forma de lhe dar uma oportunidade. Manifestei a minha opinião ao não concordar com esta abordagem pois os alunos que estiveram no dia da ficha poderiam sentir-se injustiçados. O professor José Luís explicou que pelo aluno faltar não se pode negar a realização da ficha pois pode ter a falta justificada. Reconheci o meu desconhecimento face a esta situação ao que o professor José Luís respondeu que é importante estar a par do regulamento da escola e da legislação em vigor. No que se refere à explicação de como se calcula o domingo de Páscoa, o professor José Luís destacou-a como positiva. Ainda que não se tenha usado a Bíblia, referiu que mesmo que se usasse não deveria ser muito exaustiva. Nesta aula, gostou da postura do professor, sobretudo na exploração do *powerpoint*, pois mostrou mais “garra” na forma como conduziu a aula e um à vontade maior com os conteúdos. Deverei adotar uma postura mais parecida com a desta aula, nas aulas subsequentes.

Nesta aula aprendi que se deve dar sempre uma segunda oportunidade a alunos que não puderam estar no dia da realização da ficha de avaliação (desde que a falta venha justificada). Aprendi também que a postura que apresento em conteúdos que domino melhor deve ser a mesma em conteúdos em que revelo menos à vontade.

3.3 Questões emergentes resultantes da lecionação e ponto de partida para a reflexão subsequente

Dizer Deus aos alunos de hoje, sobretudo os adolescentes e jovens, constitui uma tarefa que, à partida, parece ser difícil. Inseridos numa sociedade materialista e individualista, os adolescentes e jovens parecem não precisar da fé nem tampouco da religião para viverem e serem felizes. A mentalidade científica, herdada pela secularização, parece ser a única que oferece respostas para as grandes questões sobre a vida e o seu sentido. Por isso, creio ser necessário educar e acompanhar os nossos alunos na descoberta de uma dimensão que, muitas vezes, passa despercebida como é a dimensão religiosa. Educar o sentido de transcendência é ajudar os alunos a encontrarem um sentido para a sua vida que vá para lá do que é real e imediato. No fundo, a disciplina de EMRC pretende oferecer alternativas, uma outra proposta frente ao domínio de valores triviais e de ideais baratos. Tudo isto dentro de um ponto de vista religioso, concretizado numa chave de leitura cristã.

A UL *Deus, o grande Mistério* não se encontra no 9º ano por um simples acaso. No meu entender, a escolha desta UL para esta faixa etária justifica-se pelo facto de nesta idade os alunos estarem no processo de construção da sua identidade. Um mundo de dúvidas e de questões são colocadas em cima da mesa quando se procura aquilo que para eles constitui o sentido para sua vida. Por isso, nesta fase surgem as crises dentro da família, da sociedade e até crises de fé. Além do mais, no 9º ano, os alunos são chamados a fazer uma escolha e decidir qual o percurso escolar a adotar para o seu futuro em ordem a dar forma ao seu projeto de vida. Por isso, esta Unidade Letiva, aliada à UL seguinte *O Projeto de vida*, dota os nossos alunos com as ferramentas que possam contribuir para o esclarecimento das dúvidas e oferecer novas perspetivas para o seu horizonte de busca de sentido. Trabalhar a dimensão religiosa e a sua contribuição dentro deste processo de construção do *eu* permite aos alunos encontrarem na fé um aliado importante para a sua experiência de felicidade. As “feridas” próprias dos alunos

com esta faixa etária podem encontrar na linguagem religiosa a cura nesta sua aventura de busca de sentido.

Posto isto, as questões levantadas e que são a base da reflexão subsequente são: É possível dizer Deus aos alunos de hoje, imersos num ambiente secularizado? A secularização ditou o fim da religião? Em que medida a dimensão religiosa oferece um sentido e uma plenitude que nos dias de hoje é difícil de encontrar? Que importância exerce a religião para as sociedades? No meio de tanta “oferta” de felicidade efêmera, em que medida a fé em Deus assegura uma maior esperança ou confiança no futuro? Qual o contributo da EMRC face a todas estas perguntas?

CAPÍTULO 2 - DIZER DEUS NUMA ERA PÓS-SECULAR

1. O fenómeno da secularização

1.1. Secularização e relativização da religião¹⁷

De há muitos anos para cá, a secularização é um dos vocábulos que mais tem sido trabalhado, debatido e analisado não só em ensaios teológicos, mas sobretudo em muitas obras pertencentes ao território da sociologia e da história da religião. Dada a pluralidade semântica e aproximações atribuídas ao vocábulo, torna-se claro que existe uma certa dificuldade ou falta de concordância quando chega o momento de o definir de uma forma unívoca e consensual.

Numa primeira abordagem, e, refugiando-nos no auxílio da etimologia, procuremos descobrir o seu significado. O vocábulo “secularização” deriva do latim *saeculum*, que por sua vez, significa “século”. Em termos de latim eclesiástico, outro significado lhe fora atribuído, neste caso de “mundo”. Esta definição mostra a oposição que se quis sublinhar entre “mundo” e “Igreja”. De facto, os que se encontravam fora do círculo eclesial (constituído por religiosos e religiosas) eram considerados como aqueles que pertenciam ao “mundo” ou ao “século”¹⁸.

Feita esta primeira aproximação de ordem etimológica, podemos verificar que “secularização” terá como definição algo como “passar da Igreja para o mundo”.

Do ponto de vista histórico, ainda antes do uso da palavra “secularização”, foi assumido o termo “secularizar” para “qualificar a mudança do estado de clérigo para o de secular”¹⁹, ou seja, o regresso dos clérigos à condição laical (ponto de vista jurídico). Por sua vez, o termo “secularização”, terá aparecido em 1559 possuindo um significado político aplicado “ao arresto

¹⁷ Dada a complexidade de significados e implicações a que o termo está sujeito, limitar-me-ei a uma breve apresentação do fenómeno, sem ignorar os aspetos relevantes inerentes à secularização e que serão importantes para o objetivo do presente relatório final.

¹⁸ González-Carvajal, Luis. *Ideas y creencias del hombre actual*, Maliaño, Sal Terrae, 1991, p. 43.

¹⁹ Catroga, Fernando. *Entre deuses e césores. Secularização, laicidade e religião civil*, Lisboa, Almedina, 2010, p. 47.

dos bens da Igreja por parte da coroa”²⁰. O momento histórico que contribuiu para a afirmação do termo “secularização” encontra-se nas negociações da Paz de Vestefália, em 1648, que puseram termo à Guerra dos Trinta Anos. Neste contexto, o vocábulo foi usado para significar a transferência de territórios episcopais para o domínio régio, tratando-se, no fundo, da “secularização dos bens eclesiásticos”²¹.

O período da modernidade foi profícuo no que se refere à emancipação e concretização (ainda que de forma lenta e progressiva) da secularização. O período histórico anterior, a Idade Média, caracterizava-se pela cristandade. Este último conceito consistia na territorialização do cristianismo, ou seja, a sua ligação ao espectro político. Durante o período da Idade Média, o cristianismo era o único veículo que oferecia as respostas que o homem procurava. O teocentrismo ajudava o homem a compreender-se a si e a vida que o rodeava. Com o advento da modernidade, a razão e o sujeito passam a ser o centro e a referência última dos fenómenos do mundo e dos acontecimentos.

O Iluminismo, com o seu aparecimento, veio modificar de uma forma radical o panorama cultural até então em vigor. A filosofia, a história, a política, a educação, o direito e a ciência estão libertas da autoridade da qual dependiam até então. No fundo, procura-se minar o cristianismo desde os seus alicerces. Jean-Paul Willaime, sociólogo da religião, refere que a “*cristianidade*, quer dizer, esta formatação, esta forte impregnação das estruturas socioculturais das sociedades ocidentais operada pelo cristianismo, está desconstruída”²². Esta constatação aparece reforçada por Peter Berger quando apresenta a secularização como um “processo pelo qual alguns sectores da sociedade e da cultura são subtraídos ao domínio das instituições e dos símbolos religiosos”²³. A tutela religiosa deu lugar à tutela secular. A este propósito, Charles

²⁰ Ibidem, p.56

²¹ GONZÁLEZ-CARVAJAL, Luis – *Ideas y creencias...*, p. 43.

²² Willaime, Jean-Paul. *As condições socioculturais da religião na ultramodernidade contemporânea*. In Borges, Anselmo (Coord.) – *Deus ainda tem futuro?* Lisboa, Gradiva, 2014, p. 33.

²³ Martínez, Jesús Romano. *Cultura atual e pastoral juvenil*, Porto, Edições Salesianas, 2018, p. 24.

Taylor faz uma análise a respeito da perda de relevância do religioso no espaço público e que se revela muito significativa: “uma interpretação de secularidade é, então, feita em termos de espaços públicos. Estes foram alegadamente esvaziados de Deus ou de qualquer referência a uma realidade última. (...) as normas e os princípios, que seguimos, as deliberações em que tomamos parte, geralmente não nos levam a referir a Deus ou a quaisquer crenças religiosas; as considerações com base nas quais atuamos são inerentes à «racionalidade» de cada esfera – o máximo lucro na economia, o maior benefício para o maior número na área política, e assim por diante. O que está em profundo contraste com os períodos mais remotos, quando a fé cristã estabelecia prescrições autoritárias, frequentemente pela boca do clero, que não podiam ser facilmente ignoradas em nenhum desses domínios, como a interdição da usura ou a obrigação de fazer cumprir a ortodoxia”²⁴.

Este fenómeno decorre de forma mais evidente na Europa, em que a religião cristã passa a ser categoria de escolha e já não é religião por herança. Jean-Paul Willaime concretiza este diagnóstico salientando que, com o fim do período de *cristianidade*, assiste-se ao “desaparecimento do cristianismo como cultura englobante da sociedade, mesmo na forma secularizada, e a evolução para um cristianismo como uma subcultura particular na sociedade global. Não se trata apenas de separação entre política e religião, em particular a separação entre Igrejas e Estado, é também a separação da cultura global e da religião”²⁵. Desta forma, o cristianismo enfrenta um ambiente social e cultural completamente diferente e do qual não estava habituado. Willaime continua a exposição realçando que “a globalização e a desterritorialização do fenómeno religioso dão origem à sua reconfiguração sob a forma de subculturas e comunidades-rede em sociedades secularizadas e pluralistas”²⁶. O cristianismo passa a constituir, na diversidade das suas expressões confessionais, uma subcultura onde os seus membros encontram um sentido que lhes permite orientarem-se numa sociedade pluralista,

²⁴ Taylor, Charles. *A era secular*, Lisboa, Instituto Piaget, 2012, p. 14.

²⁵ WILLIAME, Jean-Paul – *As condições socioculturais da religião...*, p. 45.

²⁶ Trataremos deste assunto no ponto seguinte.

um grupo de referência, uma cercadura protetora feita das convicções que cada indivíduo escolhe individualmente”²⁷.

De facto, a modernidade foi secularizadora. O poder social que a religião possuía foi-se desvanecendo. De categoria universal com enquadramento englobante, a religião passou a categoria particular, uma entre outras, ou seja, foi relativizada. A Igreja e a fé são reduzidas à esfera do privado e são objeto de escolha individual. O poder temporal já não garante o apoio público, pelo que o cristianismo ou outra forma de expressão religiosa são remetidos para a intimidade da fé individual.

Posto isto, conclui-se que a secularização não significa abolição da religião. A este respeito, o sociólogo Rafael Díaz-Salazar verifica, com base nas seis aceções do processo de secularização de outro sociólogo Larry Shiner²⁸, que “não existe nem declínio da religião, nem dessacralização do mundo, nem passagem linear e irreversível de uma sociedade sacral a outra secular. Existe, sim, uma maior privatização da religião, uma transposição do sagrado e, sobretudo, uma maior conformidade com este mundo. De alguma forma, a religião esvazia-se e transforma-se, adquire novas caras e figuras”²⁹. Com uma abordagem mais simples, Danièle Hervieu-Léger, socióloga francesa, fala em recomposição do crer, quando se refere ao processo de secularização. E é com base nesta análise de Hervieu-Léger que passaremos ao ponto seguinte para abordar a secularização enquanto fenómeno que propicia a recomposição da religião.

²⁷ Ibidem.

²⁸ 1 - Declínio da religião; 2 – dessacralização do mundo; 3 – passagem linear e irreversível de uma sociedade sacral a outra secular; 4 – maior privatização da religião; 5 – transposição de categorias sagradas a conceitos seculares; 6 – maior conformidade com este mundo. In MARTÍNEZ, Jesús Romano – *Cultura atual e pastoral juvenil*, Edições Salesianas, Porto, 2018, p. 24.

²⁹ Ibidem, pp.25-26.

1.2. Secularização e recomposição da religião

Do que foi analisado anteriormente, a secularização propiciou um entorno social cada vez mais diversificado e complexo. O indivíduo encontra-se perante uma pluralidade de opções e tem de construir-se mediante a “oferta” com que é confrontado.

Dentro desta mundividência que se caracteriza pela complexidade e diversidade e, no que ao religioso diz respeito, verifica-se “uma passagem da religião herdada à religião escolhida, das identidades herdadas às identidades escolhidas”³⁰. Este fenómeno assiste-se de forma mais evidente na Europa, em que a religião cristã passa a ser categoria de escolha e já não é religião por herança.

Ao invés de se assistir ao fim da religião, preconizado pelos diversos paradigmas de teorias da secularização de cariz mais radical, assistimos antes a uma nova interpretação do religioso e que se traduz em recomposição do religioso. Ao invés de se verificar menos religião, o que se evidencia, antes, é religião diferente. Para Charles Taylor, “a modernidade secular não significa necessariamente «a ausência de religião», mas antes que «a religião ocupa um lugar diferente» na experiência e na imaginação das pessoas”³¹. Quer isto dizer que a modernidade “tornou possível uma «forma alternativa da presença de Deus», mais pessoal ou espiritual, menos institucional, menos exclusivamente transcendente ou escatológica”³².

Na visão de Jean-Paul Willaime, verifica-se uma “religião menos enquadrada institucional e culturalmente, (...) tanto em termos de base social como em relação ao seu impacto social, o que não corresponde nem a um drástico declínio da religiosidade nem a um aumento espetacular do ateísmo”³³.

³⁰ Ibidem, p. 36.

³¹ Gallagher, Michael P. *Mapas de fé. Dez exploradores religiosos de Newman a Joseph Ratzinger*, Braga, Frente e Verso, 2015, p. 165

³² Ibidem.

³³ Willaime, Jean-Paul, *op cit.*, pág. 37.

O fenómeno religioso, uma vez que se encontra neste ambiente social de individualização dos comportamentos e crenças e de globalização das trocas, transforma-se quer, de facto, fazer valer o seu enquadramento cultural.

É dentro deste contexto de nova religiosidade que surgem os Novos Movimentos Religiosos (NMR), enquanto fenómeno que expressa a recomposição do fenómeno religioso. Para melhor perceber a metodologia dos NMR, torna-se adequado, antes de mais, analisar o que se pretende afirmar com os termos «Novos», «Movimentos» e «Religiosos» e que, no fundo, resumem a essência dos mesmos. A Comissão Episcopal da Educação Cristã apresentou uma reflexão sobre os NMR onde sublinha que “a expressão tem a seguinte designação: «novos», porque se apresentam como novas formas e novos modelos simbólicos e ideológicos que se afastam dos sistemas religiosos institucionais; «movimentos», por serem realidades dinâmicas e fluidas; «religiosos», num sentido amplo, por abarcarem dimensões espirituais (procura de uma elevação e de alimento para o espírito) e dimensões transcendentais (tentativa de ir mais além no conhecimento de si e do divino)”³⁴.

Apesar de apresentarem um cunho de combate contra a modernidade, os NMR vão buscar elementos próprios da modernidade. Quer isto dizer que estes “novos grupos religiosos questionam o que consideram como perversões da modernidade: o desconhecimento das raízes dos indivíduos na natureza, a negação da afetividade nas relações humanas, relações reduzidas somente à dimensão funcional numa sociedade compartimentada em múltiplas instituições especializadas”³⁵. No entanto, encontram-se dentro das fronteiras da própria cultura, o que é expresso no “seu pragmatismo, o seu modo de considerar a tradição religiosa como uma 'caixa de ferramentas' que somente se utilizam os instrumentos quando úteis para o processo pessoal,

³⁴ Comissão Episcopal da Educação Cristã. *Alicerces - Os Novos Movimentos Religiosos*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2009, p. 20.

³⁵ Procópio, Carlos Eduardo. *Uma interpretação da sociologia da religião de Danièle Hervieu-Léger*. In CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, ano 3, ed. 7, mai./ago. 2009. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17119> (Consultado a 06/01/2021).

concedendo a primazia à experiência ao desenvolvimento pessoal e a sua maneira de buscar o bem-estar espiritual da comunidade e de cada um de seus membros”³⁶.

Estes NMR, embora tenham elementos em comum entre si, são classificados de acordo com diversas tipologias. Socorrendo-me em Danièle Hervieu-Léger, enumero o que para ela são os quatro tipos de movimentos:

“1º tipo – movimentos evangélicos, fundamentalistas e pentecostais fervorosos, tanto no seio da Igreja Católica e protestante quanto sob a forma de novas seitas; 2º tipo – religiões orientais (hinduísmo, budismo, sufismo, etc.); 3º tipo – grupos e movimentos orientados para a maximização do «potencial humano» (Grupo Est, cientologia, meditação transcendental, etc.). Esses grupos desenvolvem potencialidades inexploradas da personalidade individual, utilizando diversas técnicas de conscientização, de desinibição. Combinam aquisições de uma psicologia vulgarizada e simbologias, práticas de ascese, de meditação e de contemplação, hauridas nas mais diversas místicas orientais e diversamente interpretadas. Enxertam-se nesses sincretismos psico-orientais outros elementos de correntes higienistas, mais ou menos antigas, de saberes e práticas naturopáticas; 4º tipo – seitas ou cultos autoritários, centrados frequentemente na pessoa de um líder carismático, dotado de poder considerável sobre os adeptos e fortemente contestados socialmente”³⁷.

Por sua vez, Juan Martin Velasco apresenta o que para si constitui a tipologia no que se refere aos NMR e distingue três grupos: “um tipo surge das religiões autóctones do Terceiro Mundo. Manifesta reação à cultura e religião mais avançada dos colonizadores. Um segundo grupo caracteriza-se como movimentos de renovação no interior das grandes tradições religiosas pelo contacto destas com novas condições socioculturais modernas. E um terceiro grupo procede de raízes filosófico-religiosas: gnósticas, esotéricas, ocultistas”³⁸.

³⁶ Ibidem.

³⁷ Libânio, João Batista. *A Religião no início do milênio*, São Paulo, Edições Loyola, 2002, pp. 31-32.

³⁸ Ibidem, p. 32.

Como características destes NMR, podemos distinguir as seguintes: “respondem a novas necessidades da atual situação, o que as instituições religiosas não fazem. Mantêm consciência aguda nos membros da situação de indigência por causa da marginalização social, solidão, falta de comunicação, enfermidade, carência de horizonte para a vida. Apresentam oferta de salvação presente de forma renovada ao individuo concreto, devolvendo-lhe cura, alegria, segurança, companhia, entusiasmo. A sua qualidade religiosa é garantida pela verdadeira busca de salvação e a referência a um mais além do humano como fonte única de salvação. Buscam contacto com o outro mundo pela via da experiência de si ou transmitida por outros. A comunidade aconchegante ocupa o lugar central com ou sem presença de líder carismático. Alguns conservam a sede proselitista. Nem sempre perdem a vinculação com o grupo religioso de onde vieram”³⁹.

Em jeito de conclusão quanto a este primeiro ponto, no contexto da pós-modernidade, o que está a acontecer é uma adaptação das várias religiões e práticas religiosas ao mundo de hoje. Assiste-se a um reencantamento do mundo como oposição à celebre frase de Nietzsche “Deus está morto”. A religião é, portanto, uma dimensão permanente e estruturante da realidade social. Já não se crê no seu desaparecimento, mas procuram-se formas de entendimento com ela. Oferecem-se novas oportunidades ao cristianismo nesta sociedade pós-secular. O diálogo com as outras religiões, com os ateísmos humanistas e diferentes cosmovisões será um elemento constitutivo do cristianismo do século XXI.

³⁹ Ibidem, p. 33.

2. A religião no panorama cultural pós-secular

2.1. Religião como desejo de plenitude e sentido

Para o filósofo canadiano Charles Taylor, a modernidade está marcada pelo “fim de um mundo mais antigo de identidade religiosa estável, marcada por «penetração social» e uma imagem hierárquica do mundo. Implica um novo momento da história em que os indivíduos são vistos como responsáveis por imaginar e escolher o seu próprio sentido do eu”⁴⁰.

A religião não desaparece, ocupa antes um lugar diferente. Isto vem ao encontro daquilo que Taylor defende quando sublinha que não existe uma subtração da religião com o advento e consequente processo de secularização. Aliás, a religião é de tal forma uma dimensão importantíssima e crucial da humanidade que “ignorar esta possibilidade implica um sério empobrecimento não só espiritual, mas também antropológico”⁴¹.

Dotado de inteligência, liberdade e vontade, o ser humano situa-se na natureza, numa história e numa cultura. E é dentro deste quadro que interroga e se interroga. Confrontado com o limite da sua fragilidade humana que se materializa na doença, sofrimento e morte, o homem não pode deixar de se interrogar. Além disso, o mal e o pecado, a ausência de paz e de amor, de felicidade e de realização suscitam no homem interrogações sobre o seu ser e estar no mundo.

Nos dias que correm, o homem contemporâneo vive num contexto de constante experimentalismo. A sua existência é vítima de um assédio levado a cabo pelo universo consumista que o aprisiona perante uma mundividência de experiências. O momento presente é regido pela mentalidade de se experimentar tudo para, depois, no fundo, nada escolher. Isto, obviamente, traz os seus efeitos. Maria Clara Bingemer traça essas mesmas consequências: “a volatilidade dos compromissos em geral, sejam eles profissionais, amorosos, religiosos ou de qualquer pertença; o consumismo em escala geometricamente progressiva, que se põe e propõe

⁴⁰ Gallagher, Michael P. *Mapas de fé*. p. 164.

⁴¹ *Ibidem*, p. 174.

como fim em si mesmo; o horizonte cada vez mais curto dos campos de experimentação e a atrofia dos fins para os quais essa experimentação é dirigida”⁴².

Esta cultura de assédio (de ideias, de sentimentos, de propostas, de religião) determina a viciação e aprisiona os sentidos, instrumentos através dos quais a (verdadeira) experiência pode acontecer levando-nos em direção a uma vida mais plena. O ser humano vê a sua identidade ferida pois “já não sabe quem é, pois só é e só existe em relação à sua sede perpétua de novos objetos a consumir. (...) O risco de experimentar tudo, de ceder ao assédio da cultura que se instalou nas nossas sociedades ocidentais, é descobrir-se com uma identidade nebulosa, sem ataduras afetivas firmes, sem referências sólidas, sem alternativas de pertença e de escolha, sem capacidade de tomar decisões sobre a própria vida”⁴³.

Não podemos ignorar o facto de que no homem sempre existiu e sempre existirá este desejo de experimentar. É uma característica inata e é um fenómeno natural do ser humano. Porém, nos dias de hoje, ele é um agente passivo neste desejo de experimentar. Ou seja, o desejo de ir ao encontro de novas experiências não parte do homem, mas sim é a cultura em que vivemos que muitas vezes o estimula.

Daí que o homem se encontre, atualmente, num cenário que o faça perder de vista o sentido da vida. O materialismo e consumismo não oferecem as respostas definitivas para as grandes questões da vida. Assumindo-se como um ser inacabado, o ser humano encontra-se aberto, inquieto, sempre em busca de um mais além de si mesmo. Não se satisfaz com o imediato, com o que lhe é proposto como garante de felicidade e de realização. Pelo contrário, satura-se com tanta (suposta) oferta de sentido e, com o tempo, vai tomando consciência de que não passam de experiências e sensações voláteis, efémeras, passageiras.

⁴² Bingemer, Maria Clara. *Experiências de Deus na contemporaneidade*, Prior Velho, Paulinas, 2018, pp. 16-17.

⁴³ *Ibidem*, p. 17.

Querendo romper com aquilo que não o satisfaz, o homem encontra o seu chamamento a ser plenamente, a encontrar a sua plenitude. Sente-se incompleto, limitado e finito. E chega a esta conclusão através deste desejo de ser mais. Impelindo-a ser mais, a crescer enquanto pessoa, a autotranscender-se, “o desejo sussurra ao ouvido da pessoa humana, incessantemente, qual a sua condição: ser criatura, humana, finito e limitado. Mas capaz de desejar o Ilimitado, o Infinito”. Por isso, “o desejo subjetivo de Transcendência e a abertura para a interioridade, para o Mistério, podem ser a força capaz de romper o obstáculo escravizante da materialidade e do consumismo”⁴⁴.

Esta sede de Transcendência, que nas religiões reveladas se apresenta com o nome de Deus, mostra os limites e a inaptidão desta sociedade de consumo em oferecer a chave da verdadeira felicidade para o homem contemporâneo. O Catecismo da Igreja Católica (CIC) inicia justamente com esta consideração: “O desejo de Deus é um sentimento inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus. Deus não cessa de atrair o homem para Si e só em Deus é que o homem encontra a verdade e a felicidade que procura sem descanso” (CIC, 27). O homem tem consciência da sua “pequenez” perante a “grandeza” daquilo com que é confrontado nesta abertura à Transcendência e que envolve toda a sua existência. Daí que este voltar para a interioridade, ao espírito contemplativo, à meditação cada vez mais presentes na sociedade constituam um verdadeiro movimento contracultural. Parece até mesmo ser uma provocação no âmbito do indiferentismo da cultura ocidental secularizada. Isto porque, como afirma Bento XVI, “muitos nossos contemporâneos poderiam objetar que não sentem minimamente tal desejo de Deus. Em amplos sectores da sociedade Ele já não é o esperado, o desejado, mas sim uma realidade que deixa indiferentes, face à qual nem sequer se deve fazer o esforço de se pronunciar”⁴⁵.

⁴⁴ Ibidem, p. 33.

⁴⁵ BENTO XVI, Audiência Geral de 7 novembro 2012, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121107.html (Consultado a 10/02/2021)

Neste movimento de transcendência, o homem assume-se como criatura que se sabe criada, reconhecendo desta forma que há um dador da sua vida. Por isso, podemos considerar ser possível, na nossa época insensível à dimensão transcendental, traçar um caminho para um sentido religioso da vida.

O “de onde” e “para onde” configuram indicadores de sentido para o ser humano. O *homo religiosus*⁴⁶ intui através destes dois indicadores aquilo que determinará o sentido para o seu existir. O ser humano sente-se impelido a procurar obter não só as respostas que colmatem os seus limites enquanto ser, mas sobretudo “a plenitude final do ser pela superação da própria morte e a participação final na plenitude do ser do doador”⁴⁷. Nas palavras de Charles Taylor, a verdadeira plenitude “significa que a vida eterna e a morte são aceites com naturalidade”⁴⁸. Significa que o homem reconhece que não é no “aqui” e “agora” frenético da sociedade atual que reside o núcleo do sentido e plenitude ansiados.

Posto isto, a religião comporta a criação de um universo simbólico integrado que garante sentido à existência do ser humano. Aqui, o religioso articula três conotações da palavra «sentido»⁴⁹:

- sentido como significação (horizonte de sentido);
- sentido como orientação (caminho a seguir);
- sentido como sensação (sensibilidade do coração, do ouvido, da vista e dos outros sentidos).

A linguagem religiosa conecta-se com a questão do sentido. Ela “não fala de «objetos» sobrenaturais que podem ser apreendidos através de conceitos ligados a raciocínios que

⁴⁶ É consensual que todo o ser humano é religioso, na medida em que é confrontado com as grandes questões existenciais (de onde venho? para onde vou? o que há além da vida? a morte é o fim?). Só poderíamos falar de irreligiosidade no caso de alguém se contentar com o imediato material e empírico, recusando todo e qualquer movimento de transcendência.

⁴⁷ Coutinho, Jorge. *Caminhos da razão no horizonte de Deus*, Coimbra, Tenacitas, 2010, p. 26.

⁴⁸ Gallagher, Michael P. *Mapas de fé*, p. 167.

⁴⁹ Willaime, Jean-Paul. *As condições socioculturais da religião...*, p. 45.

originam doutrinas complicadas. Antes, formula em relatos, símbolos, parábolas, a necessidade de sentido; abre pistas para as buscas empenhadas que atravessam a vida de todas as pessoas; sugere respostas que geram esperança”⁵⁰.

A esperança, que constitui uma virtude teologal na especificidade católica, não encontra a sua fonte na imanência, mas sim na transcendência. Daí que não é no “aqui e agora” a que o ser humano é reduzido e chamado a realizar-se. A esperança cristã impele o homem a mudar o olhar para o transcendente.

Com assertividade, Eduardo Azpitarte sublinha que “para o cristão não termina tudo com a morte, já que a revelação é muito clara e explícita neste ponto: há mais um além, definitivo e eterno, para o qual caminhamos ao longo da nossa existência. O que significa que a vida só adquire sentido pleno e íntegro quando se focaliza nesta visão transcendente, sem que elimine o compromisso e a entrega às tarefas deste mundo. Negar este dado supõe destruir, num aspeto básico, o conjunto da revelação”⁵¹. De modo análogo, Tomas Halík, enfatiza a mesma ideia quando afirma que “a esperança de que não nós, mas a própria Verdade, terá a última palavra, sempre me impressionou como sendo muito libertadora”⁵².

2.2 As religiões ao serviço da fraternidade e da paz

“Ao questionar-se sobre a incidência pública da religião, é preciso distinguir diferentes modos de a viver. Tanto os intelectuais como os jornalistas caem, frequentemente, em generalizações grosseiras e pouco académicas, quando falam dos defeitos das religiões e, muitas vezes, não são capazes de distinguir que nem todos os crentes – nem todos os líderes religiosos – são iguais. Alguns políticos aproveitam esta confusão para justificar ações discriminatórias. Outras vezes, desprezam-se os escritos que surgiram no âmbito duma convicção crente, esquecendo que os textos religiosos clássicos podem oferecer um significado para todas as

⁵⁰ Velasco, Juan Martín. *¡Ojalá escuchéis hoy su voz!*, Madrid, PPC, 2012, p. 141.

⁵¹ Azpitarte, Eduardo. *Para uma nova visão da ética cristã*, Sal Terrae, Santander, 2003, p. 242 In Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Manual de Educação Moral e Religiosa Católica, Unidade Letiva 02 – Valores e ética cristã*, SNEC, Lisboa, 2015, p. 96.

⁵² Halík, Tomás. *A noite do confessor*, Prior Velho, Paulinas, 2014, p. 303.

épocas, possuem uma força motivadora que abre sempre novos horizontes, estimula o pensamento, engrandece a mente e a sensibilidade. São desprezados pela miopia dos racionalismos. Será razoável e inteligente relegá-los para a obscuridade, só porque nasceram no contexto duma crença religiosa? Contêm princípios profundamente humanistas que possuem um valor racional, apesar de estarem permeados de símbolos e doutrinas religiosos”⁵³.

Esta afirmação do Papa Francisco põe em evidência a importância que as religiões têm enquanto reguladoras dos anseios, comportamentos e propósitos de quantos os que livremente as seguem, independentemente da especificidade confessional. Anos antes, já São João Paulo II realçava que as religiões “são muitas e variadas, e refletem o desejo do homem através dos tempos de entrar em relação com o Ser Absoluto”⁵⁴.

No seu discurso de boas-vindas por ocasião do Encontro de Assis, em 27 de outubro de 1986, São João Paulo II refere as religiões de uma forma positiva e apesar de cada religião conceber de forma diversa a relação existente entre «aquela Realidade que está para além de nós e o dom da paz, todos afirmamos que uma tal relação existe»⁵⁵.

Muito antes, já os padres conciliares se debruçaram sobre a importância do diálogo com as diferentes religiões não cristãs, tal como o diálogo ecuménico com as outras tradições cristãs.

A declaração conciliar “*Nostra aetate*” (NA), sobre a Igreja e as religiões não cristãs, além de reconhecer o valor positivo das outras religiões, propõe encetar um caminho de diálogo fraternal com elas. Começando por sublinhar a unidade do género humano, o texto refere que, criados por Deus, todos os homens procuram encontrar respostas para o mistério da sua presença sobre a Terra. Essas respostas para os enigmas da condição humana encontram-nas nas diversas religiões. E, seguidamente, sublinha que “a Igreja Católica não rejeita absolutamente nada daquilo que há de verdadeiro e santo nestas religiões. Considera, com

⁵³ Papa Francisco. *Evangelii gaudium*, n° 256.

⁵⁴ Silva, José Antunes da. *O Encontro de Assis; marco simbólico do diálogo inter-religioso*. In THEOLOGICA, 2.ª Série, 41, 2 (2006), p. 284

⁵⁵ *Ibidem*.

sincero respeito, esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que, embora, em muitos pontos estejam em discordância com aquilo que ela afirma e ensina, muitas vezes refletem um raio daquela Verdade que ilumina todos os homens” (NA 2).

É dentro deste contexto que o diálogo inter-religioso, verdadeiramente vivido, pode contribuir para reintroduzir no espaço público (cada vez mais secularizado) as interrogações fundamentais do homem. Estas interrogações “recaem sobre a verdade e o sentido da vida, sobre a dignidade da pessoa humana e sobre todos os direitos, sobre a fecundidade da diversidade das culturas e do diálogo das civilizações. Neste sentido, pode falar-se de uma verdadeira responsabilidade histórica das religiões relativamente ao futuro da humanidade”⁵⁶. Não cabe às religiões constituírem uma frente comum contra a secularização. Seria até insensato agir de tal maneira. O que antes podem fazer é unir forças e provar que “podem realmente ser vetores de paz, recusando os recuos identitários que geram fanatismos integristas, e favorecendo a aprendizagem do encontro e do diálogo das culturas. E isso no respeito das pessoas e da sua liberdade, com firme convicção de que Deus não está mais próximo do homem crente do que do homem secular”⁵⁷.

Por sua vez, o movimento ecuménico deve procurar a unidade de todos os que reconhecem Cristo como o fundamento da sua fé. Não é cair no uniformismo anulando as diferentes tradições cristãs e impor um único modo de celebrar e viver a fé, como se de uma fusão se tratasse. Isso não seria ecumenismo. O diálogo (ecuménico e inter-religioso) só é possível mediante a recusa do relativismo e do fundamentalismo, através da escuta de opiniões divergentes da nossa, da abertura a novas formas de ver e pensar o mundo e a fé, desde que ordenadas à verdade.

Como foi visto anteriormente, as religiões não podem ser mensageiras de paz e de fraternidade, se entre elas tal não se verificar. Ainda que no mundo haja uma maioria

⁵⁶ Chenu, Bruno; Neusch, Marcel. *Deus no século XXI*, Lisboa, Instituto Piaget, 2002, p. 286.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 290.

populacional que se declara crente, o Papa Francisco alerta que “isto deveria levar as religiões a estabelecerem diálogo entre si, visando o cuidado da natureza, a defesa dos pobres, a construção duma trama de respeito e de fraternidade”⁵⁸. Ainda por mais em sociedades marcadas pela secularização e pelo pluralismo, onde as temáticas anteriormente enunciadas por Francisco constituem pontes entre a sociedade e as religiões, é de todo urgente e imperativo as religiões reaprenderem a transmitir a sua mensagem/conteúdo tanto na forma (a sua verdade) como na expressão (impacto social). A este respeito, João Batista Libânio é contundente a concluir que “o futuro das religiões dependerá da maneira de dialogarem entre si, da capacidade de se inculturarem nas diferentes culturas e na cultura atual em profundas modificações, de modo legítimo de lidarem com o sincretismo, da capacidade de articularem criticamente a própria identidade com as diferenças culturais e religiosas em circulação no atual momento de pluralismo e pulular religioso”⁵⁹. Hans Kung, figura incontornável do diálogo inter-religioso é perentório a afirmar que “não haverá paz entre as nações sem paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões sem diálogo entre as religiões. Não haverá diálogo entre as religiões sem critérios éticos globais. Não haverá sobrevivência do nosso planeta sem um *ethos* global, um *ethos* mundial”⁶⁰.

Na sua recente encíclica *Fratelli Tutti* (FT), o Papa Francisco mostra a sua convicção de que todas as religiões dão testemunho daquilo que constitui o fundamento e o mandamento principal de todas elas: o amor, a misericórdia, a paz, a fraternidade. Por isso, sublinha: “Como crentes das diversas religiões sabemos que tornar Deus presente é um bem para as nossas sociedades” (FT 274). No entanto, para que as religiões possam desempenhar eficazmente os seus propósitos e as pessoas viverem pacificamente o seu credo, é exigida a liberdade

⁵⁸ Papa Francisco. *Laudato Si*, n° 201.

⁵⁹ Libânio, João Batista. *A Religião no início do milénio...*, p. 198.

⁶⁰ Citado por Borges, Anselmo (Coord.). *Deus no Século XXI e o Futuro do Cristianismo*, Porto, Campo das Letras, 2007, p. 14.

religiosa⁶¹. Neste aspeto o Papa Francisco é contundente em afirmar “a brutalidade a que pode conduzir a privação da liberdade de consciência e da liberdade religiosa, e como desta ferida se gera uma Humanidade radicalmente empobrecida, porque fica privada de esperança e de ideais.” Quando se expulsa Deus da sociedade, independentemente da confissão religiosa, “acaba-se adorando ídolos e bem depressa o próprio homem se sente perdido, a sua dignidade é espezinhada, os seus direitos violados” (FT 274).

O Papa Francisco sublinha a importância de se reconhecer que “entre as causas mais importantes da crise do mundo moderno, se contam uma consciência humana anestesiada e o afastamento dos valores religiosos, bem como o predomínio do individualismo e das filosofias materialistas que divinizam o homem e colocam os valores mundanos e materiais no lugar dos princípios supremos e transcendentos” (FT, 275). Para Francisco, as religiões ocupam um lugar com igual legitimidade em relação a outras forças vivas do espectro social. Ignorar o contributo da religião seria defraudar a sociedade de elementos “que provêm de um fundo religioso que recolhe séculos de experiência e sabedoria” (FT, 275). O Papa Francisco concretiza esta ideia sublinhando que “os textos religiosos clássicos podem oferecer um significado para todas as épocas, possuem uma força motivadora” (FT 275). Assim, a religião não pode ficar à margem no que se refere à construção de um mundo melhor. Os “frutos espirituais” das religiões oferecem elementos que fecundam toda a vida social.

Todo este manancial positivo e valioso das religiões é confrontado, ainda hoje, com a ideia de que a religião não está desligada do seu potencial violento⁶². Contra esta ideia, o Papa Francisco defende que “a violência não encontra fundamento algum nas convicções religiosas fundamentais, mas nas suas deformações” (FT 282). E continua sublinhando que “as convicções religiosas sobre o sentido sagrado da vida humana consentem-nos «reconhecer os valores

⁶¹ Para salvaguardar a liberdade religiosa de todos, é pertinente que o Estado adote uma posição neutra, não podendo ter uma religião oficial. É o chamado princípio da laicidade, e não o seu extremo - o laicismo (a religião é remetida para a esfera do privado, ignorando a relevância pública da religião).

⁶² Esta associação entre religião e violência é, muitas vezes, motivo pela qual pessoas se declarem não crentes.

fundamentais da nossa humanidade comum, valores em nome dos quais se pode e deve colaborar, construir e dialogar, perdoar e crescer, permitindo que o conjunto das diferentes vozes forme um canto nobre e harmonioso, e não gritos fanáticos de ódio»” (FT 283).

Para se construir uma sociedade de paz, de justiça e de fraternidade, não se exige exclusividade de religião. A “civilização do amor” pede o contributo de todas as religiões. Se quisermos encontrar o ponto em comum entre todas as confissões religiosas, encontramos-la na regra de ouro. Esta concretização no amor ao próximo como núcleo essencial do agir de cada uma das religiões é a base sólida com que as mesmas podem reivindicar o seu lugar no espaço público como fomentadoras de paz e de fraternidade.

CAPÍTULO 3 - DIZER DEUS: CONTRIBUTO DA EMRC

1. Ensino religioso confessional no quadro de um Estado laico

1.1. Estado laico: clarificação conceptual

Quando nos referimos a Estado laico, designamos um Estado que se posiciona de forma neutra no que à religião diz respeito. É o que se entende comumente como laicidade do Estado. A laicidade, como consequência do processo de secularização, corresponde ao “reconhecimento e afirmação de um paradigma de pluralidade onde, podendo existir proselitismo, não é legítimo qualquer forma de coação direta ou indireta para impor qualquer tipo de quadros de convicções, muito menos utilizando a autoridade do Estado”⁶³. Desta forma, a laicidade tem como alcance “limitar as formas de dominação que impeçam o desenvolvimento e o exercício da liberdade individual, não por se tratar de um fim em si, mas porque essencial para a convivência dos indivíduos em sociedade, reconhecendo e respeitando as suas diferenças”⁶⁴.

Entendida dentro dos parâmetros atrás expostos, a laicidade é percebida como sendo uma laicidade positiva. Persiste, infelizmente, a ideia de que laicidade significa a exclusão da esfera social de qualquer assunto referente com o tema da religião. Esta forma de conceber a laicidade corresponde antes ao seu extremo que é o laicismo. Este último conceito propõe viver a vida sem religião não reconhecendo desta forma a sua relevância nem o seu significado cultural e social. É uma visão totalitária cujo desiderato é fazer desaparecer a religião enquanto tal. Por sua vez, e ao contrário do laicismo, a laicidade, no intuito de evitar qualquer forma de totalitarismo, privilegia a pluralidade como base da sociedade. Seguindo esta lógica, o historiador e investigador António Matos Ferreira sublinha a ideia de que a “laicidade garante a liberdade da crença e da não-crença, a liberdade das instituições religiosas, mas

⁶³ Ferreira, António Matos. *Laicismo ideológico e laicidade*. In *Theologica*, 2ª Série, 39, 2 (2004), p. 318.

⁶⁴ *Ibidem*.

simultaneamente garante a liberdade individual diante de qualquer coação ou prepotência exterior ao indivíduo desenvolvida por qualquer forma da instância religiosa ou não-religiosa que pretenda impor comportamentos, credos ou ideias”⁶⁵. Assim sendo, e face a equívocos conceptuais, é claro e notório que a laicidade não é incompatível com a vivência religiosa. Com a laicidade, a experiência religiosa que se encontra inscrita na experiência humana, na pluralidade das suas manifestações, vê-lhe facultada o seu lugar e relevância na sociedade. A laicidade possibilita a paz social, não ignorando que à partida haja rivalidades, e promove uma reelaboração religiosa “onde o fundamental não é a hegemonia sobre os outros, sobre a sociedade, mas a cooperação para cada um poder dizer-se melhor e tornar-se mais humano, sem excluir, sem aniquilar”⁶⁶.

Todas as formas de totalitarismo tanto a nível religioso como a nível político, atentam não só contra a liberdade de expressão, mas sobretudo sobre as diversas formas de expressão humanas e existências individuais. Por isso, uma realidade social marcada pela liberdade religiosa contribui para uma vivência pacífica entre as religiões que compõem essa mesma realidade.

No entanto, os sistemas religiosos nas sociedades vêm-se confrontados com outros elementos concorrentes, outras realidades (por ex.: economia, modelos de desenvolvimento, conhecimentos científicos) que, com igual legitimidade, têm a sua autonomia e a sua forma de definir o *modus vivendi* e as relações entre os cidadãos na sociedade. Isto coloca um desafio às religiões na sua forma de “partilhar o palco” com outras vontades e paradigmas. O conflito que daqui poderá surgir é constitutivo da realidade de uma democracia, porém, a sua gestão não conduz à violação dos direitos fundamentais das pessoas porque consegue “por mecanismos de alternância na gestão do poder e de deliberação legislativa, considerar adquiridos que permitem

⁶⁵ Ibidem, p. 323.

⁶⁶ Ibidem, p. 324.

conciliar liberdade individual, justiça social, pluralidade de convicções e de opções, possibilitando o entrosamento entre a imanência e a transcendência como referências⁶⁷.

Posto isto, com a laicidade assume-se a pluralidade, identificam-se e gerem-se conflitos. Em termos de religião, a experiência religiosa não é do domínio privado (eterno desiderato do laicismo), mas ocupa lugar no panorama social. A liberdade religiosa é garantida a cada indivíduo e o Estado deve fazer prevalecer essa liberdade de acordo com a legalidade que impede toda a forma de opressão e aniquilação dessa mesma liberdade. Por fim, “a laicidade como experiência de liberdade não é uma redução, mas uma oportunidade de dialogar, de cooperar e de abertura à complexidade da condição humana cujo traço característico da sua interrogação diz respeito ao viver em sociedade, com outros”⁶⁸.

1.2 Legitimidade de um ensino religioso na Escola pública

O ensino da religião num contexto de escola pública tem sido, ao longo dos tempos, um tema bastante debatido tendo em consideração que – e agora remetendo-nos para o contexto português – o Estado se considera laico. Embora na Constituição da República Portuguesa, aprovada em 2 de abril de 1976, não se encontrar uma referência explícita quanto à laicidade do Estado, na prática a assunção de uma posição neutra face ao fenómeno religioso é a que caracteriza o enquadramento do Estado em relação ao mesmo. Quando nos referimos a posição neutra, queremos dizer que o Estado, ao não assumir determinada confissão no que à identidade religiosa nacional diz respeito, embora haja a evidência sociológica de que em Portugal a maioria da população se identifique como sendo católica e imbuída pela sua tradição, contribui para que as religiões presentes em território português tenham idêntico estatuto na sociedade, garantindo, assim, a salvaguarda dos direitos dos indivíduos que compõem o tecido religioso

⁶⁷ Ibidem, p. 329.

⁶⁸ Ibidem, p. 330.

plural no nosso país⁶⁹. Com razão, a Conferencia Episcopal Portuguesa faz notar que “a prática da laicidade do Estado não deve supor a laicidade da sociedade”⁷⁰. Aliás, no artigo 41º da Constituição da República Portuguesa, é garantida a inviolabilidade da “liberdade de consciência, de religião e de culto”⁷¹. No que ao ensino diz respeito, no ponto 5 do mesmo artigo é sublinhado que “é garantida a liberdade de ensino de qualquer religião praticado no âmbito da respetiva confissão, bem como a utilização de meios de comunicação social próprios para o prosseguimento das suas atividades”.

Com a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº46/86), promulgada a 14 de outubro de 1986, a tensão entre ensino religioso e escola pública encontra o seu período de pacificação em que se reconhece a possibilidade de coexistência entre o princípio da não confessionalidade do ensino público e o direito à educação religiosa nas escolas públicas.

A Lei da Liberdade Religiosa – Lei nº 16/2001 – publicada a 22 de junho de 2001 vem reforçar o que vem explícito na Constituição de que o ensino público em Portugal não será confessional. No entanto, no Capítulo II – Direitos individuais de liberdade religiosa, artigo 8º, dedicado ao conteúdo da liberdade de consciência, de religião e de culto, sublinha-se o direito de “informar e se informar sobre religião, aprender e ensinar religião” (alínea e). Esta Lei reitera o direito dos pais de educarem os filhos de acordo com as suas convicções e de estes, após os seus 16 anos, serem autónomos quanto às suas escolhas em matéria religiosa. No tocante ao ensino religioso nas escolas públicas (artigo 24º), este texto legislativo estabelece que:

“1 - As igrejas e demais comunidades religiosas ou, em sua vez, as organizações representativas dos crentes residentes em território nacional, desde que inscritas, por si, ou conjuntamente, quando para o efeito professarem uma única confissão ou acordem

⁶⁹ A este respeito, veja-se a Lei nº 16/2001 sobre a Liberdade Religiosa. <https://dre.pt/pesquisa/-/search/362699/details/maximized>. Consultado a 12/05/2021.

⁷⁰ Conferência Episcopal Portuguesa. *EMRC: um valioso contributo para a formação da personalidade*. In Pastoral Catequética, nº 5. (2006), p. 9.

⁷¹ As citações dos textos da Constituição da República Portuguesa são retiradas de: <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>. Consultado a 12/05/2021.

num programa comum, podem requerer ao membro do Governo competente em razão da matéria que lhes seja permitido ministrar ensino religioso nas escolas públicas do ensino básico e do ensino secundário que indicarem.

2 - A educação moral e religiosa é opcional e não alternativa relativamente a qualquer área ou disciplina curricular.

3 - O funcionamento das aulas de ensino religioso de certa confissão ou programa depende da existência de um número mínimo de alunos, que tenham, pelo encarregado de educação ou por si, sendo maiores de 16 anos, manifestado, expressa e positivamente, o desejo de frequentar a disciplina.

4 - Os professores a quem incumbe ministrar o ensino religioso não lecionarão cumulativamente aos mesmos alunos outras áreas disciplinares ou de formação, salvo situações devidamente reconhecidas de manifesta dificuldade na aplicação do princípio, e serão nomeados ou contratados, transferidos e excluídos do exercício da docência da disciplina pelo Estado, de acordo com os representantes das igrejas, comunidades ou organizações representativas. Em nenhum caso o ensino será ministrado por quem não seja considerado idóneo pelos respetivos representantes.

5 - Compete às igrejas e demais comunidades religiosas formar os professores, elaborar os programas e aprovar o material didático, em harmonia com as orientações gerais do sistema do ensino.”

A Concordata de 2004, acordo internacional estabelecido entre a Santa Sé e a República Portuguesa, vem dar legitimidade à presença de um ensino religioso na escola pública, como é o caso da EMRC. Além de garantir essa presença, ou seja, a sua oferta obrigatória, a tutela estatal compromete-se igualmente a prover a colocação dos professores. Por sua vez, fica a cargo da autoridade eclesial a elaboração dos programas e respetivos manuais e a certificação da idoneidade dos professores.

Esta forma de incorporar o ensino religioso dentro do sistema educativo corresponde ao modelo de um ensino confessional das religiões, apresentado por Jean-Paul Willaime⁷². Este modelo encontra-se implantado em países como o Áustria, Bélgica, Chipre, Espanha, Grécia, Malta, Polónia, Portugal, República Checa.

Pudemos constatar neste breve percurso histórico, fruto de um longo diálogo entre a Igreja e o Estado, e posteriormente com outras confissões religiosas através da Lei da Liberdade Religiosa, que o equilíbrio entre ensino religioso e escola pública foi sendo testado até tomar a forma atual. Este cenário é interpelador de uma reflexão sobre a importância do fenómeno religioso no espaço público e, conseqüentemente, nas escolas públicas. Sendo a sociedade cada vez mais plural e em crescente abertura à pluralidade religiosa, reconhece-se que o ensino religioso em muito contribui para a formação dos alunos e para o exercício das suas responsabilidades dentro desta mundividência multifacetada.

1.3. Fundamentação para um ensino religioso: alguns contributos

Um dos fatores tidos em consideração para se conhecer a identidade cultural de um povo é a sua dimensão religiosa. Neste ponto teremos em consideração os contributos de João Duque, Flávio Pajer que, a nosso ver, oferecem reflexões pertinentes abrindo horizontes e novas perspetivas sobre a importância de um ensino religioso na escola pública.

Ciente da elementar importância de um ensino religioso na escola pública dentro de uma sociedade laica, João Duque apresenta três argumentos (que o autor reconhece que podem ser sujeitos a debate) que, a seu ver, lançam pressupostos pertinentes para que o ensino religioso tenha lugar na escola pública e laica: argumento em nome do espírito autocrítico ou científico;

⁷² Além deste modelo, Willaime apresenta outros dois de acordo com a geografia em que se concretizam: ensino não confessional das religiões (presente em países de matriz protestante); ensino transdisciplinar do facto religioso (específico na França). Cf. Willaime, J.P. *Escola Pública e religiões na Europa de hoje*, *Communio*. 32, (2006), pp. 403-410.

outro em nome do valor da humanidade; e, por fim, um em nome de uma determinada compreensão da experiência religiosa – o sentido do mistério⁷³.

O primeiro argumento da sua reflexão – espírito autocrítico ou científico – consiste em reconhecer que uma instituição educativa é fiel à sua função se composta por dois elementos fundamentais: o exercício da autocrítica e o respeito pela realidade, concretamente das pessoas e das suas identidades. Para o autor “estamos perante dois princípios que, pelo menos em certas circunstâncias, parecem opor-se, mas que, em realidade, deverão constituir duas faces da mesma moeda, caso contrário as identidades tornam-se ideologias encerradas sobre si mesmas e a crítica torna-se um exercício estéril e nihilista, sem qualquer finalidade pragmática – ou então transforma-se em exercício corrosivo, simplesmente destruidor”⁷⁴.

A sociedade ocidental é marcada pela multiculturalidade e pelo pluralismo daí que haja a necessidade de se respeitar as identidades de cada um, dos grupos e das pessoas. A escola é, por hipótese, o lugar onde se aglutinam diferentes identidades e proveniências. Logo, a escola não pode fugir à sua tarefa de acolher essa diversidade que a constitui bem como aos elementos que compõem a sua pluralidade. Dentro desses elementos, a dimensão religiosa não pode ser ignorada tendo de ser, por isso, acolhida e acompanhada. Isto porque “a fidelidade da escola ao princípio da verdade implica o acolhimento de todas as dimensões de todos os sujeitos que a constituem”⁷⁵. Os cidadãos deverão encontrar na escola pública um lugar onde se possa adquirir um espírito crítico no que à sua convicção e identidade religiosa diz respeito. O mesmo se estende à identidade de quem se assume ateu já que o espírito crítico também se refere a Deus e à crença, nomeadamente da sua existência ou da sua não existência. Para João Duque, “é no aprofundamento interno da identidade religiosa que se pode exercer permanente autocrítica sobre ela”⁷⁶. Através do desenvolvimento do espírito crítico, assente em critérios (articulados

⁷³ Cf. Duque, J.M. *O Ensino da Religião como resposta à laicização*. In *Theologica*, 2ª Série, 51, 2 (2016), pp. 11-20.

⁷⁴ *Ibidem*, p. 13.

⁷⁵ *Ibidem*.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 14.

entre a própria tradição religiosa e outras tradições), adquire-se uma visão do mundo que não hegemoniza a própria identidade e crença, evitando, deste modo, o seu crescimento inculto.

O segundo argumento – o valor da humanidade – apresentado pelo autor procura responder afirmativamente à questão de se os grandes valores de uma democracia estarão ligados a determinados percursos históricos que, por sua vez, estarão entrelaçados com determinadas tradições religiosas. A resposta apresentada sugere que “os princípios ou valores que subjazem à própria ideia de laicidade – partindo do pressuposto de que não se trata de um conceito negativo, mas da afirmação da dignidade do humano, contra todas as suas violações, também hipoteticamente em nome de ideias religiosas – são princípios originados numa tradição que consideramos religiosa e cuja transmissão e afirmação dependem, também, de identificações religiosas. Transmitir esses valores extraindo-os ao seu contexto originário poderá conduzir a um problema de fundamentação prática, na medida em que eles dependem de convicções pessoais e coletivas para subsistirem”⁷⁷. Na ótica de João Duque, e como conclusão deste segundo argumento, o ensino religioso é benéfico no sentido em que vem dar fundamento aos valores que alicerçam as sociedades democráticas através da mediação religiosa. Nesta linha de ideias, Alfredo Teixeira observa que a escola é um “espaço de laicidade mediadora que pode promover a socialização das diferenças, através de estratégias de reconhecimento, segundo vias que não encerrem as diferenças na genealogia dos comunitarismos, mas as integrem nos projetos comuns da cidadania participada. Neste quadro argumentativo, conhecer as religiões é aprofundar a democracia e cuidar o bem comum”⁷⁸.

O sentido do mistério é o último argumento na exposição de João Duque. Neste argumento, o ensino religioso favorece a abertura para uma mundividência além daquela apresentada pela visão empírica (educar o sentido do religioso). Por outro lado, é relevante ter consciência das fronteiras do que pode ser conhecido e de como o sentido de tudo foi trabalhado

⁷⁷ Ibidem, p. 15.

⁷⁸ Teixeira, Alfredo. *Guia para o estudo de Património Religioso e Transmissão Cultural* (Documento Policopiado, Lisboa, Faculdade de Teologia-Universidade Católica Portuguesa, 2017), p. 129.

por tantos pensadores ao longo da história (educar o sentido do poético). Em suma, “o ensino da religião, na escola pública, pode ajudar todos os cidadãos – mesmo os não explicitamente religiosos – a criar o hábito dessa lúcida atenção ao mistério da realidade que, permanentemente, nos interpela e, ao mesmo tempo, nos supera a todos, sem que ninguém nem nenhum grupo se possa assumir como seu proprietário, muito menos exclusivo. Desse hábito pode resultar a atitude de respeito pelo que é diferente de nós mesmos, na superação da auto-fixação e autoafirmação, que anulam a própria cidadania democrática”⁷⁹.

Por sua vez, Flávio Pajer apresenta a sua tese sustentando que ao invés de remeter o religioso para as circunscrições pastorais das instituições eclesiais, ou de o considerar um elemento sem importância para a pessoa e cidadão, existe a necessidade de se “reconhecer e trabalhar o religioso como uma dimensão historicamente indissociável das culturas, ou mais precisamente, como uma das maiores chaves de interpretação da história humana”⁸⁰.

A democracia de uma sociedade cada vez mais plural, pressuposta na liberdade de crença, encontra a sua validação se garante direito a conhecer o fenómeno religioso. Vimos atrás que a laicidade, erradicadas as suas conotações sectárias ou de identidade, vem dar valor ao dado religioso “como uma das componentes culturais que devem integrar-se na memória de uma sociedade europeia em busca de identidade”⁸¹ cujos fundamentos cristãos agora confrontam-se com outros credos, igualmente legítimos, de quantos compõem o tecido social dos países europeus.

Hoje, cada vez mais, as nossas escolas são compostas por alunos derivados de outras culturas o que, por si só, lhes confere o direito a serem respeitados devido à sua diferença identitária. O sistema educativo é composto, em número crescente, por alunos oriundos de contextos geográficos diferentes, logo portadores de culturas igualmente diversas. Daí que haja a necessidade de encontrar uma base sólida constituída por valores comuns partilháveis para se

⁷⁹ Ibidem, p. 17.

⁸⁰ Pajer, Flávio. *Educación escolar y cultura religiosa*, Cuadernos Mel, nº 6, p. 3. In https://www.lasalle.org/wp-content/uploads/2019/09/06cahier_mel_es.pdf. Consultado a 03/04/2021.

⁸¹ Ibidem, p. 10.

poder viver em conjunto, em sociedade. Ora, progressos nesse sentido não podem ser logrados se não se tiver em conta as mediações culturais, seja de que tipo forem. Entre as diversas mediações que se possam enumerar, encontra-se a mediação religiosa e é esta que, indubitavelmente, cimenta uma pedagogia da interculturalidade.

Para Flavio Pajer, a cultura religiosa apresenta um potencial cognitivo e ético. A religião é um veículo que “serve de chave de leitura de inumeráveis conhecimentos sobre o homem, as sociedades, a história dos povos e das civilizações”⁸². O ensino religioso procura a compreensão do mundo (busca de sentido; valor dos feitos humanos) e não apenas a sua explicação (âmbito das ciências). Na mesma linha que João Duque, Flávio Pajer defende que o ensino da religião oferece instrumentos conceptuais e materiais simbólicos, que ajudam a compreender o mundo e a si mesmo. O autor remata a sua exposição afirmando que “o conhecimento do fator religioso terá sempre uma importância capital, quer se trate de analisar o património cultural da história ou de confrontar-se com os grandes temas filosóficos da condição humana, quer se trate de aprender a adquirir e exercer a competência ética ou a viver os valores democráticos numa sociedade plural”⁸³.

Um importante contributo no debate sobre a presença de um ensino religioso numa escola laica é dado pelo sociólogo francês Régis Debray, no muito conhecido “Relatório Debray: O ensino do fenómeno religioso na escola laica”⁸⁴. Debray parte da constatação de que é opinião geral a necessidade de um acesso ao estudo do religioso na escola pública. Razão de fundo para esta conclusão subjaz no facto de as religiões serem entendidas como fenómenos de civilização.

Debray reconhece que existe “a ameaça cada vez mais sensível de uma perda coletiva, de uma rutura dos laços da memória nacional e europeia, onde o elo ausente da informação religiosa torna completamente incompreensíveis, isto é, sem interesse, os tímpanos da catedral

⁸² Ibidem, p. 14.

⁸³ Ibidem, p. 15.

⁸⁴ Cf. Mendes, P. M. *O ensino da Religião na Escola Laica. Uma leitura do relatório de Debray*. Revista Portuguesa de Ciência das Religiões. Lisboa: Lusófona, Ano XI, (2012), 11-30.

de Chartres, *A Crucifixão* de Tintoretto, o *Don Juan* de Mozart, o *Booz adormecido* de Victor Hugo e *A Semana santa* de Aragão”⁸⁵. Esta «incultura religiosa», porém, insere-se dentro de outra mais generalizada e que afeta todos os outros códigos culturais. A solução encontrada por Debray para “combater” este déficit de cultura histórica e humanística encontra-se na conjugação das áreas da história das religiões e das restantes disciplinas de humanidades tais como a filosofia, literatura, psicologia, arte, sociologia. Desta forma, a *cultura de extensão*⁸⁶ e consequente desequilíbrio entre tempo e espaço (duas âncoras imprescindíveis em qualquer estado de civilização) provocado pela mesma, encontra no ensino do fenómeno religioso um modo de «historicização» da mundividência, alicerçada na narrativa e na genealogia⁸⁷.

Debray tem clara consciência de que poderão surgir tensões entre os defensores da laicidade e aqueles que anuem a inclusão das questões religiosas no ensino público. Cada lado “joga na defensiva” fazendo valer a sua posição, impermeabilizando-se a qualquer objeção ou ameaça que atentar a sua validade. Por isso, Debray defende que “a laicidade não é uma opção espiritual entre outras, é o que torna possível a sua coexistência, pois o que é comum, por direito, a todos os homens deve sobrepor-se ao que os separa de facto. A faculdade de aceder à globalidade da experiência humana, inerente a todos os indivíduos dotados de razão, implica caminhar na luta contra o analfabetismo religioso e promover o estudo dos sistemas de crenças existentes”⁸⁸. Remeter o religioso para fronteiras aquém do espaço social, revela uma laicidade que possui ainda alguns complexos e preconceitos cujos contornos se assemelham a uma contra-religião do Estado. A convergência pacífica entre estado e religião assume-se quando se passa de uma *laicidade de incompetência* (o religioso, por definição não nos diz respeito) para uma *laicidade de inteligência* (é nosso dever compreendê-lo)⁸⁹. Por fim, o sociólogo francês

⁸⁵ Ibidem, p. 18.

⁸⁶ “Dá prioridade ao espaço sobre o tempo, ao imediato sobre a duração, tirando o melhor partido das novas ofertas tecnológicas (*sampling* e *zapping*, culto do direto e do imediato, montagem instantânea e viagens ultra-rápidas). Alargamento vertiginoso dos horizontes e redução drástica das cronologias. Contração planetária e pulverizada do calendário. Deslocamo-nos tão rapidamente como nos «des-historizamos».” Cf. Ibidem, p. 19.

⁸⁷ Cf. Teixeira, Alfredo. *A cultura religiosa na escola*. In Pastoral Catequética, nº 5 (2006), p. 54.

⁸⁸ Cf. Mendes, P. M. *O ensino da Religião na Escola Laica*, p. 23.

⁸⁹ Ibidem, p. 25.

termina o seu relatório propondo 12 recomendações ao ministro Jack Lang que contribuirão, a seu ver, para o desiderato de um ensino religioso na escola pública laica⁹⁰.

2. Dizer Deus no Programa de EMRC: breve itinerário

2.1. Das finalidades da disciplina às metas curriculares

A intenção por detrás do Programa de EMRC gira em torno de uma constatação do episcopado português no momento em que se aborda a dimensão religiosa da pessoa, quando inserida dentro de uma educação que se quer integral:

“O contributo da EMRC para o desenvolvimento das crianças, dos adolescentes e dos jovens, parte do reconhecimento da componente religiosa como fator insubstituível para o crescimento em humanidade e em liberdade. (...) A dimensão religiosa é constitutiva da pessoa humana. Por isso, não haverá educação integral, se a mesma não for tomada em consideração; nem se compreenderá verdadeiramente a realidade social, sem o conhecimento do fenómeno religioso e das suas expressões e influências culturais”⁹¹.

Tendo como base esta e outras considerações dentro do domínio da dimensão religiosa, em ordem a uma educação autêntica e integral, foram desenvolvidos trabalhos com vista à consecução de um Programa que respondesse aos desafios colocados não só a nível das políticas educativas, como também a nível cultural (pluralismo cultural) e humano (fluidez de valores) e dentro de um contexto de sociedade em constante mutação (globalização, sociedade de consumo, escolhas políticas). No fundo, e como afirma Cristina Sá Carvalho, “elaborar um programa de uma disciplina tem um contexto e começa com a passagem de um *projeto*

⁹⁰ Cf. *Ibidem*, pp. 26-29.

⁹¹ Conferência Episcopal Portuguesa, «Educação Moral e Religiosa Católica, um valioso contributo...», nº 6.

socioeducativo – que é a situação de um país, as opções políticas de um Estado, as características de uma dada sociedade – para um *projeto didático* significativo”⁹².

O resultado dos trabalhos deu forma ao Programa de Educação Moral e Religiosa Católica – Edição de 2014 (auxiliado e enriquecido pelo trabalho feito anteriormente para o Programa de 2007), cuja coordenação esteve a cargo do Secretariado Nacional da Educação Cristã, sendo posteriormente analisado e aprovado pela Conferência Episcopal Portuguesa. Com este Programa, procura-se “reforçar a missão particularíssima e fundamental para as escolas, e para cada um dos alunos inscritos, que é a da disciplina de EMRC”⁹³. Além do mais, reconhece-se a legitimidade da Igreja em se pronunciar sobre tudo o que diz respeito à humanidade, sendo sua vocação ser uma voz profética na leitura dos sinais dos tempos.

O Programa de 2014 está assente num ensino centrado em metas curriculares, conforme estipulado pelo Ministério da Educação, ao invés de um ensino vocacionado para a aquisição de competências. Estas metas curriculares procuram ser a concretização das finalidades da disciplina e espelham aquilo que se quer que o aluno aprenda. As finalidades propostas para o itinerário escolar de 12 anos são as seguintes:

- “-Apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular;
- Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;
- Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;
- Adquirir uma visão cristã da vida;
- Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso;
- Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;
- Apreender o fundamento religioso da moral cristã;

⁹² Carvalho, Cristina Sá. *Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica, edição 2014*. In Pastoral Catequética, nº31/32 (2015), p. 31.

⁹³ *Ibidem*, p. 30.

- Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã;
- Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;
- Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;
- Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência”⁹⁴.

Ora, tendo como base estas finalidades da disciplina de EMRC, as metas curriculares, dentro de cada unidade letiva (UL), contribuem para que se encontrem objetivos programáticos que, por sua vez, se articulam à volta de um conjunto de conteúdos. Desta forma, procura-se que os alunos se familiarizem e interiorizem as metas curriculares⁹⁵.

Domínio	Metas Curriculares
1 – Religião e Experiência Religiosa	<p>A: Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</p> <p>B: Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>C: Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.</p> <p>D: Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.</p>
2 – Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida	<p>E: Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.</p> <p>F: Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.</p> <p>G: Identificar os valores evangélicos</p> <p>H: Articular uma perspectivas sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.</p> <p>I: Conhecer o percurso da Igreja no curso do tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.</p> <p>J: Descobrir a simbólica cristã.</p> <p>K: Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.</p> <p>L: Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p>

⁹⁴ CARVALHO, Cristina de Sá, et al. Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC), 2014, p. 5.

⁹⁵ Cf. Ibidem, p. 9.

3 – Ética e Moral	<p>M: Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.</p> <p>N: Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p> <p>O: Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p> <p>P: Identificar o fundamento religioso da moral cristã.</p> <p>Q: Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p>
--------------------------	--

Quadro nº 1: Metas curriculares presentes em cada Domínio de Aprendizagem

Todas as metas curriculares da disciplina de EMRC podem-se resumir – e servindo-nos de uma analogia evangélica – numa “meta de ouro”: «aprender a posicionar-se perante o fenómeno religioso»⁹⁶. Independentemente de haver ou não crença, pretende-se que o aluno possa tomar uma posição no que ao fenómeno religioso diz respeito. Desta forma, contraria-se a indiferença religiosa e fomenta-se uma atitude crítica perante o fenómeno religioso aprendendo a agir com responsabilidade e coerência, qualquer que seja a opção face ao mesmo.

As metas estão distribuídas dentro de um conjunto de três domínios de aprendizagem: Domínio 1 – *Religião e Experiência Religiosa* (Metas A, B, C, D); Domínio 2 – *Cultura Cristã e Visão cristã da vida* (Metas E, F, G, H, I, J, K, L); Domínio 3 – *Ética e Moral* (Metas M, N, O, P, Q)⁹⁷. Estes Domínios correspondem a “áreas de ensino que a disciplina compreende e que agregam logicamente os padrões curriculares daquilo que o aluno deve conhecer (campos de conhecimento, conteúdo) e do que o aluno deve saber fazer (processos de competências); determinam-se a partir das suas Finalidades e do estatuto epistemológico da Teologia e das Ciências da Religião”⁹⁸.

⁹⁶ CARVALHO, Cristina Sá – *Pressupostos epistemológicos e pedagógicos...*, p. 48.

⁹⁷ Cf. *Ibidem*, p. 8.

⁹⁸ *Ibidem*.

2.2. Um percurso de 12 anos

Tendo em conta o objetivo do presente trabalho e o fio condutor seguido até aqui, faremos uma análise mais pormenorizada das metas curriculares A – *Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa*; B – *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história*; C – *Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas*; D – *Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos*. Analisaremos a sua aplicação em cada ciclo de ensino, destacando as Unidades Letivas onde essas metas são trabalhadas. Destacaremos, depois, as Metas dos outros dois Domínios que surgem com maior frequência, fazendo, num último momento, uma leitura interpretativa dos dados analisados e ver como vão ao encontro daquilo que se pretende com a finalidade e identidade da disciplina.

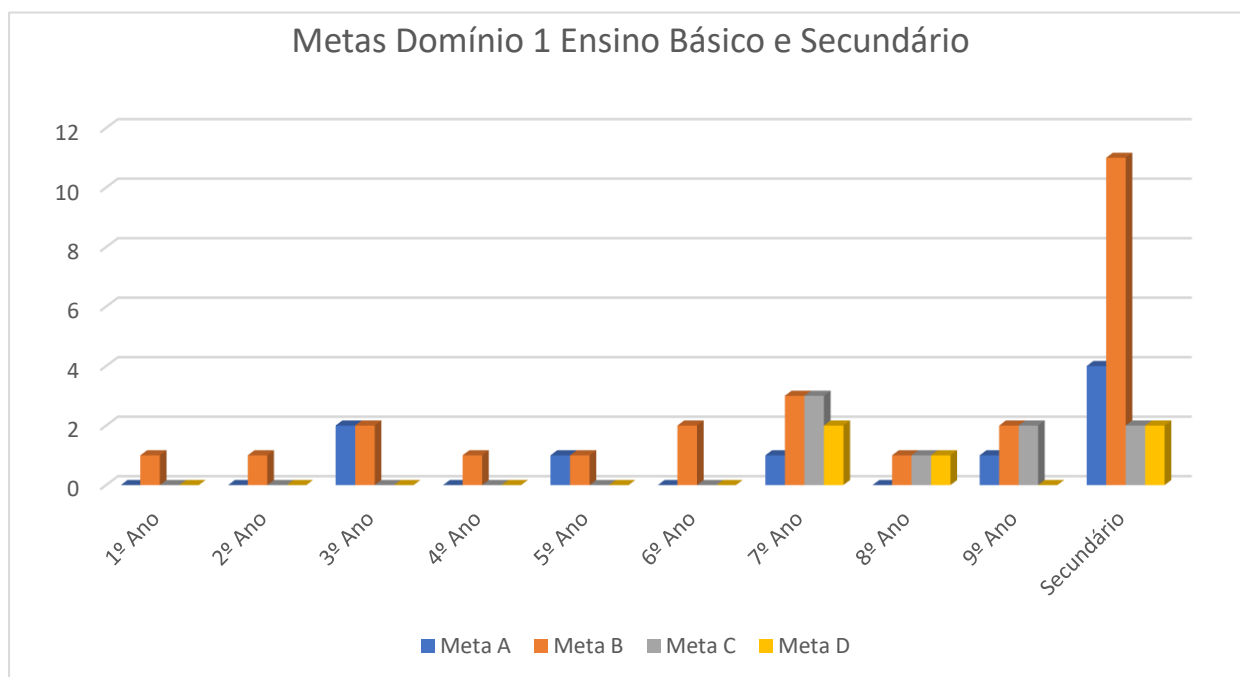


Gráfico 1 – Metas do Domínio 1 ao longo do percurso escolar.

Nos primeiros quatro anos do percurso escolar, correspondente ao 1º ciclo, apenas são trabalhadas as Metas A e B, sendo que as Metas C e D, não foram consideradas. As Metas A e B aparecem num total de 7 vezes ao longo de todo o programa do 1º ciclo. A Meta B tem

preponderância ao ser trabalhada 5 vezes, ao passo que a Meta A é apenas trabalhada 2 vezes. A Meta B é transversal a todos os anos que compõem o 1º ciclo, sendo encontrada no mínimo uma vez e apenas numa Unidade Letiva (1x UL 1 – 1º ano: *Ter um coração bondoso*; 1x UL 4 – 2º ano: *Deus é amor*; 2x UL 3 – 3º ano: *Diálogo com Deus*; 1x UL 1 – 4º ano: *Ser verdadeiro*). Por sua vez, a Meta A é apenas trabalhada uma vez em duas UL letivas do 3º ano: UI 3: *Diálogo com Deus* e UL 4: *A Igreja*.

Por sua vez, no 2º ciclo (5º e 6º ano), e tal como no 1º ciclo, as Metas C e D não foram considerados para este ciclo de ensino. De igual forma, destaca-se a preponderância da Meta B trabalhada 3 vezes (1x UL 1 – 5º ano: *Viver juntos*; 2x no 6º ano na UL 1: *A Pessoa Humana* e na UL 2: *Jesus um Homem para os outros*) enquanto que a Meta A é apenas trabalhada uma vez na UL 2 do 5º ano: *Advento e Natal*.

No que se refere ao 3º ciclo, a Meta A é a menos trabalhada: 1 vez na UL 2 do 7º ano: *As Religiões* e 1 vez na UL 2 do 9º Ano: *Deus, o grande Mistério*. Novamente surge a Meta B com maior frequência sendo trabalhada num total de 6 vezes: 1 vez nas UL 1, 2 e 3 do 7º ano: *As origens*; *As Religiões*; *Riqueza e sentido dos Afetos*, respetivamente; 1 x na UL 4 do 8º ano *Ecologia e Valores*; 1x nas UL 2 e 3 do 9º ano: *Deus, o grande Mistério* e *Projeto de Vida*. A partir deste ciclo de ensino as Metas C e D já são trabalhadas sendo a primeira abordada, tal como a Meta B, num total de 6 vezes: 1x na UL 1 do 7º ano *As origens* e 2x na UL 2 do 7º ano *As Religiões*; 1x na UL 4 do 8º ano *Ecologia e Valores*; 1x na UL 2 do 9º ano *Deus, o grande Mistério* e 1x na UL 3 *O Projeto de Vida*. Por fim, a Meta D surge 3 vezes e é trabalhada uma vez na UL 2 do 7º ano *As Religiões* e uma na UL 4 *A Paz Universal*; na UL 2 do 8º ano *O Ecumenismo* é trabalhada uma vez.

No último ciclo de ensino, o secundário, verifica-se uma abordagem maior no que à utilização das Metas do Domínio 1 diz respeito. Assim, a Meta A é trabalhada num total de 4 vezes: 3 vezes na UL 5 *A Religião como modo de habitar e transformar o mundo* e 1 vez na UL 7 *Ciência e Religião*. A Meta B mantém a tendência predominante sendo trabalhada num

total de 11 vezes: 1 vez na UL 3 *Ética e Economia*, UL 4 *A Civilização do Amor*, UL 6 *Um sentido para a vida*, UL 9 *A Arte Cristã* e UL 10 *Amor e Sexualidade*; 3 vezes na UL 5 *A Religião como modo de habitar e transformar o mundo* e UL 7 *Ciência e Religião*. Tanto a Meta C como a Meta D aparecem trabalhadas num total de duas vezes: uma vez na UL 4 *A Civilização do Amor* e na UL 5 *A Religião como modo de habitar e transformar o mundo*.

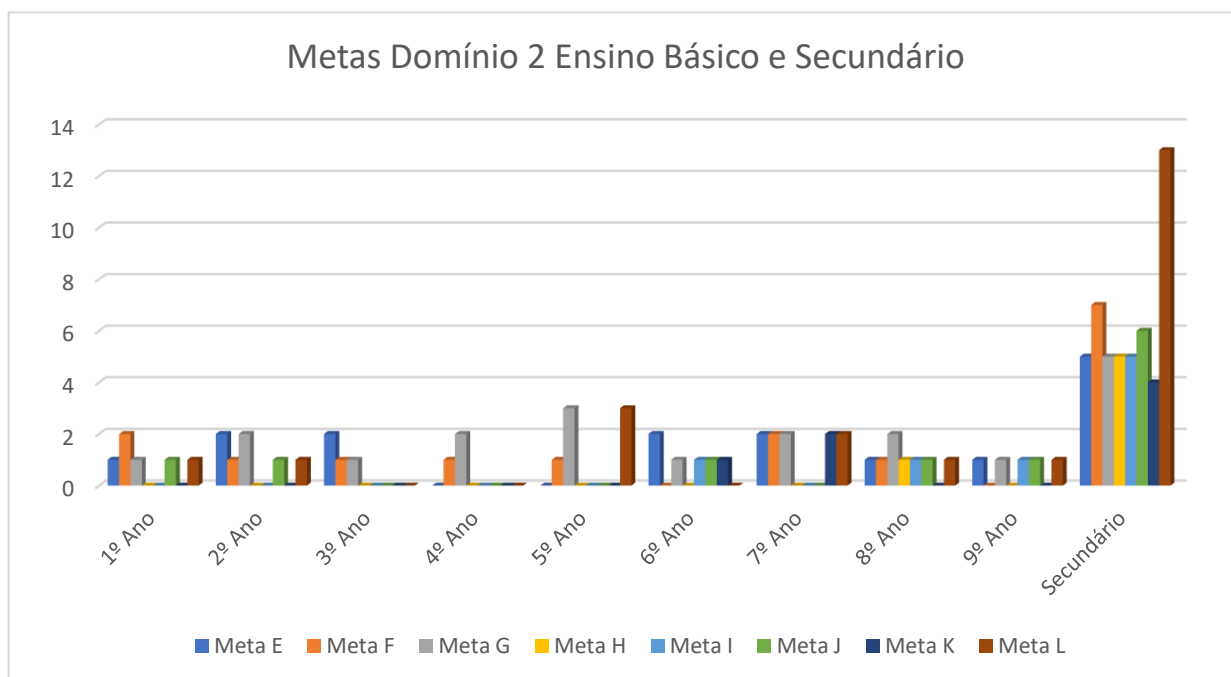


Gráfico 2 – Metas do Domínio 2 ao longo do percurso escolar.

As Metas do Domínio 2: *Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida* mais vezes abordadas são a Meta L *Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé* num total de 22 vezes, e a Meta G *Identificar os valores evangélicos*, trabalhada 20 vezes. A sua utilização é harmoniosa até ao 3º ciclo, dando um salto quantitativo a partir do secundário.

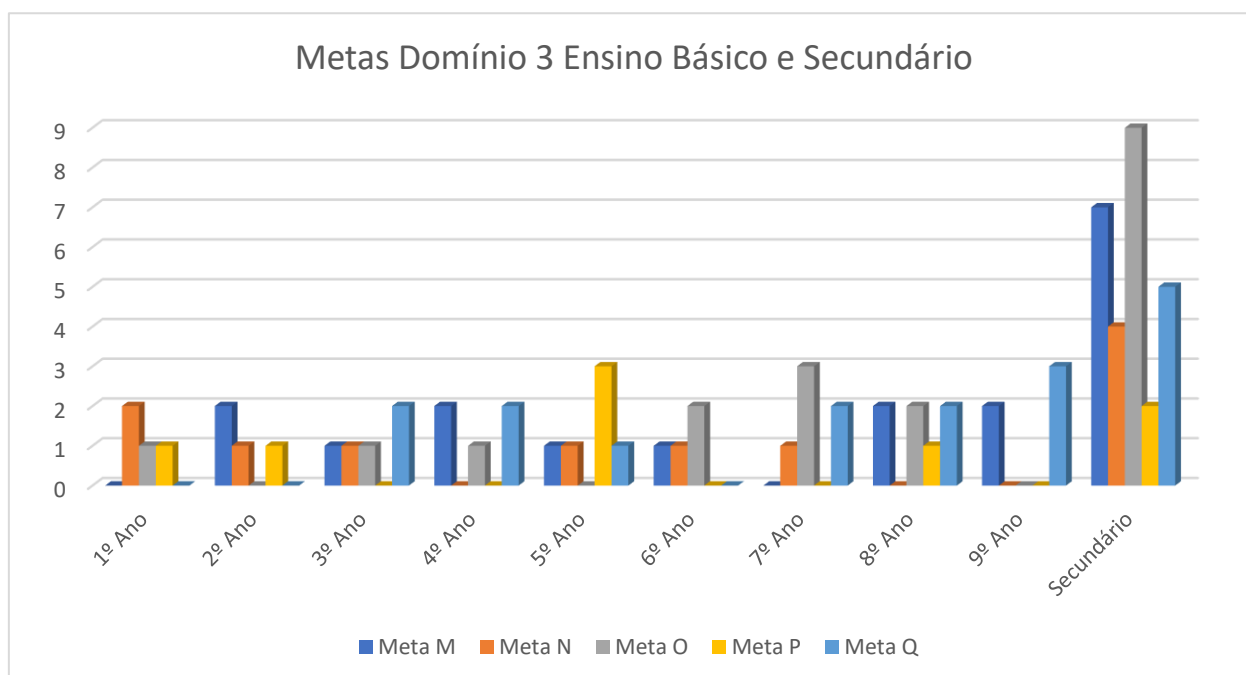


Gráfico 3 – Metas do Domínio 3 ao longo do percurso escolar.

Quanto ao último Domínio de Aprendizagem *Ética e Moral*, podemos verificar que as Metas mais vezes utilizadas são a Meta M *Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano* e a Meta O *Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo*. Tal como verificado no Domínio 2, há uma utilização equilibrada destas Metas até ao 3º ciclo, sendo que a partir do secundário são trabalhadas com maior frequência.

Domínio	Meta	Frequência
1 – Religião e Experiência Religiosa	<i>A: Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa</i>	9 vezes
	<i>B: Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história</i>	25 vezes
2 – Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida	<i>G: Identificar os valores evangélicos</i>	20 vezes
	<i>L: Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé</i>	22 vezes
3 – Ética e Moral	<i>M: Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano</i>	18 vezes
	<i>O: Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo</i>	19 vezes

Quadro nº 2: Síntese das Metas com maior frequência em cada Domínio

A partir do quadro 2, podemos obter uma visão mais geral sobre as Metas mais utilizadas em cada Domínio ao longo do percurso escolar. Não querendo desvalorizar as restantes Metas, podemos ver que a disposição que encontramos vem ao encontro daquilo em que consiste a finalidade e identidade da disciplina de EMRC.

Para Juan Ambrósio, a partir da disciplina de EMRC os alunos são convidados a fazer uma leitura da sua vida, da sociedade e da história mediante uma chave religiosa (Domínio 1 *Religião e Experiência Religiosa*). Ou seja, “é possibilitar aos alunos esse itinerário, ajudando-os a descobrir que a vida, a sociedade e a história também podem ser narradas a partir da dimensão religiosa”⁹⁹. Através das Metas A e B, os alunos são possibilitados de fazer essa leitura, reconhecendo, por exemplo, a dimensão espiritual da pessoa humana, relação com o transcendente como busca de sentido, o valor da vida humana, descobrir um Deus que é Amor. Dado o pluralismo cultural e religioso cada vez mais presente nos dias de hoje, é de salientar a presença das Metas C e D de forma a contrariar, de um modo geral, a iliteracia religiosa existente dando a conhecer as diversas tradições religiosas quer através de textos sagrados quer pelo contacto com as suas doutrinas e o seu papel na construção da fraternidade e da paz. Desta forma, oferecem-se ferramentas em ordem a uma convivência harmoniosa entre as diversas tradições religiosas presentes no nosso país e assente numa compreensão e respeito mútuos que devem servir de suporte para uma sã cidadania¹⁰⁰.

No entanto, esta leitura parece não ser suficiente. A partir da chave religiosa os alunos são também desafiados a intervir nessas realidades constitutivas do seu ser enquanto pessoas na linha da sua transformação (Domínio 3 *Ética e Moral*). No fundo, “é dar aos nossos alunos alguns critérios de discernimento e desenvolver as competências e capacidades necessárias que possibilitam e permitem a essa transformação da sociedade e da sua vida. (Com a EMRC)

⁹⁹ Ambrósio, Juan. *Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares*. In Pastoral Catequética nº 31/21 (2015), p. 73.

¹⁰⁰ Podemos evidenciar esta preocupação em quase todas as Unidades Letivas dos anos que compõem o 3º ciclo. No secundário, é evidente nas Unidades Letivas *Política, Ética e Religião, Ética e Economia, A Religião como modo de habitar e transformar o mundo, Um sentido para a vida, Ciência e Religião*.

queremos contribuir para a formação de pessoas diferentes que sejam capazes de construir uma história diferente, mais humana e mais fraterna, mais de acordo com o sonho de Deus”¹⁰¹. Daí que a frequência das Metas M e O sublinhem o propósito da disciplina de EMRC favorecer uma educação ético-moral assente em “princípios e valores que preservem e desenvolvam a dignidade da pessoa humana”¹⁰². Estes princípios e valores englobam todas as dimensões do aluno enquanto pessoa, chamado a algo maior. Nas palavras do jesuíta Vasco Pinto Magalhães, “a ética trata do bem do homem para o homem. Não trata de qualquer bem, pois, como sabemos, o bem moral não é mais um, a par com outros bens: o físico, o social ou cultural, por exemplo. A perspetiva ética é a globalidade da pessoa-sujeito, em ordem ao Bem – Bem Maior”¹⁰³. Pretende-se com as Metas do Domínio 3 que os alunos possam encontrar o fundamento do agir ético pela vivência da fé, compreender que ser pessoa é ser responsável, caridade e dom de si como geradoras de sentido, a títulos de exemplo.

Porém, para ler a vida através da perspetiva religiosa e intervir mediante uma ação transformadora, é necessário concretizá-las com base numa proposta concreta. Essa proposta está radicada no cristianismo na sua vertente católica (Domínio 2 *Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida*) e justifica-se pela forte impregnação cristã e católica presente na cultura portuguesa, e na qual os alunos estão inseridos. Sendo o campo da cultura o ponto de encontro entre o professor e o aluno, no caso da EMRC trata-se de trabalhar o facto cristão enquanto fenómeno cultural. É necessário considerar a influência que a fé religiosa teve na nossa cultura. Pela cultura, o aluno tem consciência de que pertence a uma comunidade. E esta comunidade tem uma história que se dirige para o futuro. Nesta trajetória, não se pode perder de vista a memória e o seu contributo na evolução dinâmica da cultura¹⁰⁴. Com a disciplina de EMRC, a memória religiosa é analisada e estudada enquanto geradora de cultura e de mundividências. Assim, os

¹⁰¹ Ibidem.

¹⁰² Carvalho, Cristina de Sá, et al. Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, p. 163.

¹⁰³ Magalhães, Vasco. *O Olhar e o Ver*, Coimbra, Tenacitas, 2001, p. 23.

¹⁰⁴ Sobre esta temática Cf. Policarpo, José da Cruz. *Cultura, Escola e Religião*. In Pastoral Catequética, nº 31/32 (2015), 17-27.

alunos podem, por exemplo, compreender o universo de valores religiosos e sua fundamentação, fazer uma crítica sobre factos históricos provocados pela vivência da fé, conhecer a influência dos textos bíblicos na cultura e agir ético, entre outros.

Em jeito de conclusão, todas as Metas estão orientadas de forma a que haja uma dinâmica relacional entre os diversos Domínios de Aprendizagem. Com base numa chave de leitura, neste caso cristã, os alunos leem a realidade à sua volta e agem, à sua maneira em ordem à sua transformação. A “espinha dorsal”, se assim podemos chamar, que une todas as partes do Programa de EMRC é o aprofundamento do fenómeno religioso perante o qual o aluno aprende a assumir uma posição.

Do que foi exposto, o Programa de EMRC vem ao encontro de muitas intuições que revêm no ensino religioso um valioso aliado para o desenvolvimento integral e responsável dos alunos. A disciplina de EMRC ajuda a ampliar os horizontes para se poder dizer Deus.

3. Dizer Deus na escola: lugar e relevância da EMRC

O que distingue a EMRC das outras disciplinas é o facto de a EMRC ter como objetivo “mudar as vidas” dos alunos e não ser apenas mais um repositório de informações, mais uma entre as demais disciplinas. Inserida dentro de um determinado projeto educativo, consoante a escola que o implementa, a EMRC visa as várias dimensões da pessoa humana.

A novidade da EMRC dentro do contexto escolar consiste no facto de apresentar uma outra linguagem, uma outra forma de ler e interpretar a pessoa e o mundo. Reduzir a educação apenas à linguagem da matemática, da ciência, da história, entre outras, não querendo de forma alguma desvalorizar o seu contributo, seria privar os alunos de uma dimensão que lhes é natural e que não pode ser ignorada. As linguagens das outras disciplinas dispõem de uma parte muito vasta do itinerário escolar, onde, de muitas maneiras, expõem a sua versão do mundo. No entanto, a EMRC, com a sua linguagem, oferece uma perspetiva de que as coisas ainda podem ser vistas de outro modo. A EMRC pretende ser “uma janela” que oferece uma nova luz para

aquilo que o olho humano não pode ver, um espaço onde o mundo se possa conceber como lugar onde habita o transcendente. Com tudo isto, convém salvaguardar que a EMRC não aparece como “concorrente” em relação às demais disciplinas. Pelo seu carácter interdisciplinar, a EMRC converge a sua linguagem com as linguagens das outras disciplinas contribuindo, desta forma, para uma educação integral dos alunos na exploração das várias dimensões que constituem o seu ser. Tal como o cristianismo, a EMRC favorece o diálogo com a diversidade cultural, pois esta característica está saliente no acontecimento de Pentecostes. Como elucida com clareza o Papa Francisco: “[...] o dia de Pentecostes é um gesto que expressa a sua (da Igreja) opção pela diversidade cultural”¹⁰⁵. Sem esta capacidade dialogante com a cultura e outros saberes, o ser humano estagna-se na história, não dá passos concretos no seu futuro alicerçado na sabedoria do passado cultural e do contributo da religião cristã na sua génese.

Vimos atrás que as mutações culturais e tecnológicas cada vez evidentes e em crescendo nos dias de hoje, obrigam a que as diferentes linguagens acompanhem este processo. A linguagem religiosa não se pode abster desta tarefa se quiser dar o seu contributo na leitura dos sinais dos tempos e nas respostas às inquietudes do homem. Esta tarefa está bem patente na Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual *Gaudium et Spes* quando afirma: “É dever de todo o Povo de Deus e sobretudo dos pastores e teólogos, com a ajuda do Espírito Santo, saber ouvir, discernir e interpretar as várias linguagens do nosso tempo, e julgá-las à luz da Palavra de Deus, de modo que a verdade revelada possa ser cada vez mais intimamente percebida, melhor compreendida e apresentada de um modo conveniente” (GS 44).

Um forte indicativo da pouca familiaridade com a linguagem da religião, e que poderá servir de incentivo para uma mudança neste posicionar-se face à cultura contemporânea, é a falta de ligação entre a linguagem religiosa e a experiência mundana em que vive o homem de hoje, e os nossos alunos em particular. É aqui – e tendo em conta a análise às finalidades e

¹⁰⁵ Papa Francisco. *Um futuro de fé*, Lisboa, Planeta, 2018, p. 238.

metas do Programa de EMRC – que a EMRC pode oferecer um contributo valioso na medida em que, ao trabalhar o fenómeno religioso e tudo a ele inerente, utiliza uma linguagem religiosa, neste caso específico a cristã, que não está desfasada com a cultura contemporânea. No atual Programa de EMRC é patente a preocupação em estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé, de apresentar uma linguagem religiosa que vá ao encontro daquilo que constitui as “alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje” (GS 1), traduzindo, a partir dela, a mensagem de Jesus Cristo e aplicando-a às circunstâncias concretas da vida. A disciplina de EMRC, sendo uma extensão da Igreja, deve, como ela, ser sinal de unidade na diversidade. Cada aluno tem a sua linguagem e nesta confluência de linguagens, quer-se que haja entendimento entre todos. Por isso, a linguagem para dizer Deus “deve ser uma linguagem viva, bela, poética e inteligível, e não uma artificial «língua de Igreja», cheia de frases feitas e piedosamente doces, nem uma imitação fácil e intrometida da gíria que está na moda”¹⁰⁶.

O fosso entre linguagem religiosa e linguagem secular foi e continua a estar fortemente marcada pelos processos de secularização. O vocabulário cristão já não faz verdadeiramente parte da cultura viva das sociedades, circulando apenas no ambiente de praticantes muito empenhados e dos responsáveis pastorais. Neste cenário, o papel que a EMRC desenvolve é possibilitar a construção de pontes entre a linguagem secular e a linguagem religiosa apresentando uma palavra que possa circular nos dois sentidos¹⁰⁷. A linguagem cristã trabalhada nas aulas de EMRC procura sublinhar os aspetos fundamentais do cristianismo, capazes de exercer uma força de impacto na vida dos alunos. Além de informativa, dando a conhecer a visão religiosa da pessoa e do mundo, a EMRC procura ser igualmente performativa ao procurar penetrar a vida dos alunos, transformando-a à luz da mensagem evangélica. Ou seja, a linguagem que se quer apresentar em EMRC não se pode basear apenas em conhecimentos sobre Deus, a religião, mas tornar-se decisiva quando revela aos alunos o sentido da vida. Desta

¹⁰⁶ Halík, Tomás. *O tempo das Igrejas vazias*, Prior Velho, Paulinas, 2020, p. 144.

¹⁰⁷ Tremblay, Sophie. *O diálogo pastoral revisitado*. In Bacq, Philippe; Theobald, Christoph. *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, Prior Velho, Paulinas, 2013, p. 171.

forma, e na especificidade de EMRC, os alunos descobrem o “sentido pleno que Jesus Cristo confere às várias dimensões da sua vida, pelo que todo o processo de educação na fé consiste num exercício permanente de releitura (...) das suas experiências de vida à luz do Evangelho”¹⁰⁸. Ao privilegiar a exploração das imagens, dos símbolos e da arte, componentes imprescindíveis da linguagem religiosa, a EMRC auxilia os jovens a entrarem na dinâmica dessa linguagem compreendendo o seu sentido. No entender de Tomás Halik, “a educação religiosa deveria, porventura, ser mais do que uma simples apropriação dos factos, a partir de narrativas históricas bíblicas, deveria ser antes um esforço para aprender a linguagem destes símbolos, sem os quais corremos o risco, sobretudo em tempos de provas de vida, de nos tornarmos prisioneiros desesperados e isolados”¹⁰⁹.

A escola é um lugar de encontro e de confronto dos alunos com diferentes mundividências, que nada mais são senão pequenos fragmentos que constituem uma totalidade. Daí que, pela EMRC, o professor se deva munir das ferramentas essenciais que o capacitem para lhes “oferecer um corajoso e fundamentado contributo de rigor no entendimento da questão do lugar da pessoa humana na natureza e na sociedade, no contexto da diversidade cultural e da mudança civilizacional que experimentamos”¹¹⁰. Assim, os alunos adquirem os “meios para interpretar a imensidão do universo e os desafios da convivência humana e, assim bem guiados, procurar dar um sentido à sua existência e ao mistério que a envolve”¹¹¹.

O sentido da existência e do mistério que circunda toda a existência tem em EMRC um nome: Jesus Cristo. Dizer Deus, é deixar-se transformar pela pessoa de Cristo, sendo o sal e o fermento no mundo. Por isso, a linguagem cristã da fé “não é uma ciência. Não é uma ideologia, não é uma ONG: o cristianismo é o encontro com uma pessoa”¹¹². Deus, o transcendente, é também imanente. E o testemunho mais credível desta imanência é Jesus Cristo, Deus e homem,

¹⁰⁸ Gomes, Miguel Ângelo. *A linguagem religiosa*. In *Theologica*, 2ª Série, 49, 2 (2014), p. 299.

¹⁰⁹ Halik, Tomás. *O meu Deus é um Deus ferido*, Prior Velho, Paulinas, p. 126.

¹¹⁰ Carvalho, Cristina de Sá, et al. Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, p. 164.

¹¹¹ *Ibidem*.

¹¹² Papa Francisco. *Um futuro de fé*, p. 175.

Espírito e matéria, transcendente e imanente, eterno e histórico, que nos mostra um Deus conosco e não um Deus longe de nós.

A EMRC ao trabalhar a dimensão religiosa da pessoa, mediante a chave cristã, proporciona esta experiência de encontro tornando o homem mais homem. Para Fernando Moita, “criado à imagem do próprio Deus, o homem encontra em Cristo, na sua morte e ressurreição, a plenitude do seu destino que é viver em comunhão filial com o Pai e com os irmãos. Por isso, a visão cristã da educação possui uma centralidade cristológica e visa um sentido comunitário, de plena realização da pessoa humana”¹¹³.

No fundo, a EMRC ajuda a descobrir a profundidade do ser humano, lugar onde radica a presença de um Deus que é amor. Coloca e educando naquele horizonte pessoal e comunitário onde questiona o sentido, a crítica e a capacidade de escolher. Ou seja, trata-se de ajudar a formar pessoas capazes de buscar a verdade, capazes de amar, de servir, de transcender-se. Ao conseguir isto, a EMRC consegue dizer Deus.

¹¹³ Moita, Fernando. *Catequese e Educação Moral*. In Fórum de Catequese, nº 1, Lisboa, SNEC, p. 244.

CONCLUSÃO

Ao longo deste relatório final, a reflexão sobre o tema subjacente ao mesmo, permite-nos vislumbrar o quão pertinente e quão valioso é o contributo da EMRC não só a nível escolar, como também a nível da vida de cada aluna e aluno que frequenta a disciplina.

O tema desenvolvido ao longo dos capítulos obedeceu a abordagens sociológicas, filosóficas e teológicas, o que demonstra a complexidade do tema e a atualidade que o mesmo ocupa no panorama educativo, social e eclesial.

Dizer Deus num tempo pós-secular parece revestir-se de elementos paradoxais. No Ocidente, as pessoas vivem num mundo marcado pela secularização. No entanto, crescem as experiências religiosas, fenómenos e movimentos religiosos, enquanto a fé em Deus se encontra em crise.

Durante boa parte do século XX assumiu-se como dado adquirido que as religiões iriam paulatinamente desaparecer do espaço público e, finalmente, também do espaço privado. Tradicionalmente, a religião era portadora de sentido para a vida, jogava um papel determinante na identidade e na coesão das sociedades, motivava o comportamento ético e a conduta social, e respondia a muitas necessidades educativas e assistenciais. A religião foi parte fundamental da cultura e da sociedade ao longo da história.

O processo sociocultural da secularização levou a que a religião fosse perdendo esta relevância social e a limitar-se às fronteiras do privado. Passou a ser um assunto pessoal. A instituição eclesial perdeu o monopólio do religioso. Os templos das igrejas já não são os lugares onde se podem encontrar rituais religiosos, formação religiosa ou praticar diferentes formas de aproximação ao Mistério. Hoje, a religiosidade deambula fora dos muros das igrejas. São as denominadas novas formas de religiosidade. A unidade entre a religião institucional e a crença pessoal perde-se. Já não se segue a religião dos pais. Pelo contrário, hoje em dia, cada um opta pela sua fé. A crença religiosa tende a ser mais subjetiva e o *homo religiosus* faz a sua

busca do transcendente naquilo que mais lhe está mais próximo às suas necessidades e inquietações, mediante a oferta com que se depara, fazendo com que as crenças sejam muitos mais difusas e diversas.

A secularização proporcionou uma visão plural do fenómeno religioso. Até há pouco tempo, era predominante a concepção geral de que era o cristianismo a religião verdadeira. No entanto, hoje, predomina uma opinião contrária: todas as religiões são caminhos de acesso ao Mistério sendo o cristianismo um deles, o mais predominante no Ocidente.

A “morte de Deus”, traz também consigo uma crise cultural e de valores que, por sua vez, afeta também a filosofia, a ética a educação e a própria ciência. O desenvolvimento da racionalidade científica não foi acompanhado nem pelo humanismo, nem pela ética e pela espiritualidade.

Face a estes cenários provocados pelo processo de secularização, percebeu-se que a utopia oferecida por estas novas cosmovisões e crenças, alicerçadas na ciência e no progresso científico, e que serviram de alternativa à religião, caíram em descrédito pois percebeu-se que as mentalidades hedonistas e consumistas impulsionaram uma deriva na superficialidade e um egocentrismo que leva a um estéril culto do indivíduo¹¹⁴. O homem tem necessidades espirituais juntamente com as materiais porque tem que dar um significado pessoal e social à sua vida.

Posto isto, conclui-se que perante a insuficiência da resposta secular e perante a inegável demanda de espiritualidade que se verifica nos dias de hoje, abre-se um caminho para uma presença do religioso que só tem sentido na medida em que é uma busca pessoal tanto de sentido como de plenitude humana. Na tradição cristã, esta plenitude vem do “Outro” por excelência que é Deus, e também nos “outros” que reconhecemos não só como irmãos, mas igualmente o rosto de Deus.

¹¹⁴ Bento XVI. *Aprender a acreditar*, Lisboa, Paulus, 2012, p. 54.

Percebeu-se, também, que as religiões desempenham um papel relevante nas sociedades e, no momento histórico em que nos encontramos, não se pode desaproveitar a sua contribuição na busca de sentido e a sua práxis humanista. O Magistério da Igreja ao longo dos anos, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II, tem sido uma voz muito ativa ao sublinhar a importância que as religiões desempenham para uma vivência pacífica entre as pessoas enquanto promotoras de fraternidade e de paz. Ignorar esta contribuição das religiões seria descuidar um elemento essencial gerador e impulsionador de cultura.

Para que as religiões possam desempenhar esta função, verificámos que é imprescindível que os Estados se concebam como laicos. A “laicidade sadia” no entender de Bento XVI, “exige que o Estado não considere a religião como um simples sentimento individual, que poderia ser confinado exclusivamente no âmbito particular. Pelo contrário, a religião deve ser reconhecida como presença comunitária pública. Além disso, ela comporta que a cada uma das confissões religiosas seja garantido o exercício livre das atividades de culto – espirituais, culturais, educativas e caritativas – da comunidade dos fiéis”¹¹⁵. Qualquer forma hostil que atente contra a relevância política e cultural da religião redundaria no laicismo que é o extremo oposto da laicidade. Concluímos que o melhor modelo de sociedade não segue os ditames de uma corrente ideológica, religiosa, secular ou atea, mas permite a convivência pacífica de cidadãos com distintas sensibilidades e crenças.

É com base na laicidade do Estado que se entende e se legitima a presença de um ensino religioso confessional dentro do sistema público de educação. Desta forma, é salvaguardado o direito constitucional de se ser educado de acordo com a confissão religiosa com que se identifique. Assim, combate-se a iliteracia religiosa e percebe-se a influência religiosa na edificação cultural do país. Dada a pluralidade religiosa presente no nosso país, mais pertinente se torna estudar o fenómeno religioso nas suas várias derivações e manifestações de forma a

¹¹⁵ Ibidem, p. 59.

educar cidadãos para o respeito pelo outro independentemente das suas diferenças étnicas, sociais e religiosas.

Vimos que o Programa de EMRC oferece uma contribuição muito rica no que ao estudo do fenómeno religioso diz respeito. Aliás, o cerne da disciplina nada mais é senão aprofundar o fenómeno religioso e possibilitar ao aluno uma tomada de posição face ao mesmo. Todas as finalidades e metas curriculares convergem neste sentido. O diálogo entre a cultura e a fé e a abertura crítica da busca de sentido com base em todas as dimensões da pessoa humana, constituem a dinâmica da EMRC. O Programa oferece as ferramentas necessárias para que o aluno possa “Dizer Deus” além das fronteiras pastorais (Igreja, Eucaristia, catequese), o que denota a clara distinção entre EMRC e catequese. Os alunos também podem encontrar Deus e dizê-lo na sociedade, nas pessoas, sobretudo nos que sofrem. À imagem de Jesus, o propósito da EMRC não é negar o tempo e a cultura em que se vive, mas de abrir portas a um tempo novo, mostrar a sua alternativa, a sua proposta de caminho através do convite “Vinde e vede” (Jo 1, 39).

Por fim, à questão levantada “É possível dizer Deus aos nossos alunos, nos dias de hoje?” a resposta é positiva. Com a EMRC, “evocam-se os valores mais excelsos da existência, que dão sentido à vida e podem saciar a inquietação do coração humano em busca da felicidade: a dignidade da pessoa humana e a sua liberdade, a igualdade entre todos os homens, o sentido da vida e da morte e daquilo que nos espera depois da conclusão da existência terrena”¹¹⁶. Mas para poder dizer Deus, tudo tem de começar por uma experiência. A experiência de abertura ao Mistério e à transcendência e a oferta de uma esperança, de um futuro e de um sentido pleno para a vida. Com o contributo da EMRC, esta experiência e oferta dá-se no encontro com Jesus, que revela ao coração do homem e o capacita para dizer Deus que é Pai, amor incondicional e que dá a salvação, ou seja, o Sentido Último.

¹¹⁶ Ibidem, p. 55.

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes e Documentos

Avaliação Externa das Escolas. Relatório Agrupamento de Escolas da Damaia – 2013/2014. Disponível em http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE_2014_Sul/AEE_2014_AE-Damaia-Amadora_R.pdf. Consultado a 17-10-2017.

Bento XVI, Audiência Geral de 7 novembro 2012. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121107.html Consultado a 10/02/2021.

_____. *Aprender a acreditar*, Lisboa, Paulus, 2012.

_____. Entrevista a jornalistas alemães e da Rádio Vaticana em preparação para a viagem à Alemanha. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/august/documents/hf_ben-xvi_spe_20060805_intervista.html Consultado a 02/08/2021.

Bíblia Sagrada. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2002.

Catecismo da Igreja Católica. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993.

Carvalho, Cristina de Sá, et al. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC), 2014.

Comissão Episcopal da Educação Cristã. Alicerces - *Os Novos Movimentos Religiosos*. Lisboa, Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2009.

Conferência Episcopal Portuguesa. EMRC: um valioso contributo para a formação da personalidade. In *Pastoral Catequética*, nº 5. (2006), 7-16.

Concílio Vaticano II, Braga, Editorial A.O., 1992.

Constituição da República Portuguesa. Disponível em: <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>. Consultado a 12/05/2021.

Francisco, PP. «Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual» Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papafrancesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Consultado a 15/03/2021.

_____. Carta encíclica *Laudato Si*, sobre o cuidado da casa comum. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Consultado a 18/03/2021.

_____. *Um futuro de fé*, Lisboa, Planeta, 2018.

Lei nº 16/2001 sobre a Liberdade Religiosa. Disponível em: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/362699/details/maximized>. Consultado a 12/05/2021.

Projeto Educativo Agrupamento de Escolas da Damaia, *Uma escola de todos...a construir o futuro*. Disponível em http://www.aedamaia.pt/media/media/Projeto_Educativo.pdf. Consultado a 17-10-2017.

Secretariado Nacional da Educação Cristã. Manual de Educação Moral e Religiosa Católica, Unidade Letiva 02 – *Valores e ética cristã*, Lisboa, SNEC, 2015.

2. Estudos e Ensaios

Ambrósio, Juan. *Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares*. In Pastoral Catequética nº 31/21 (2015), 63-81.

Arends, Richard. *Aprender a Ensinar*. Madrid, Editora Mc Graw-Hill Interamericana de Espanha, 2008.

BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph. *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, Prior Velho, Paulinas, 2013.

Bingemer, Maria Clara. *Experiências de Deus na contemporaneidade*, Prior Velho, Paulinas, 2018.

Borges, Anselmo (Coord.). *Deus no Século XXI e o Futuro do Cristianismo*, Porto, Campo das Letras, 2007.

Carvalho, Cristina Sá. Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica, edição 2014. In *Pastoral Catequética*, nº31/32 (2015), 29-61.

Catroga, Fernando. *Entre deuses e césores. Secularização, laicidade e religião civil*, Lisboa, Almedina, 2010

Chenu, Bruno; Neusch, Marcel. *Deus no século XXI*, Lisboa, Instituto Piaget, 2002.

Coutinho, Jorge. *Caminhos da razão no horizonte de Deus*, Coimbra, Tenacitas, 2010

Duque, J.M. O Ensino da Religião como resposta à laicização. In *Theologica*, 2ª Série, 51, 2 (2016), pp. 11-20.

Ferraz, Lara. *Religião se Aprende na Escola*. Texto de apoio à disciplina de Didática em EMRC. Lisboa, 2016.

Ferreira, António Matos – Laicismo ideológico e laicidade, In *Theologica*, 2ª Série, 39, 2 (2004), 313-330.

- Gallagher, Michael P. *Mapas de fé. Dez exploradores religiosos de Newman a Joseph Ratzinger*, Braga, Frente e Verso, 2015
- Gomes, Miguel Ângelo. A linguagem religiosa. In *Theologica*, 2ª Série, 49, 2 (2014), 285-324.
- González-Carvajal, Luis. *Ideas y creencias del hombre actual*, Maliaño, Sal Terrae, 1991
- Halík, Tomás. *A noite do confessor*, Prior Velho, Paulinas, 2014.
- _____. *O tempo das Igrejas vazias*, Prior Velho, Paulinas, 2020.
- _____. *O meu Deus é um Deus ferido*, Prior Velho, Paulinas, 2015.
- Libânio, João Batista. *A Religião no início do milênio*, São Paulo, Edições Loyola, 2002
- Magalhães, Vasco. *O Olhar e o Ver*, Coimbra, Tenacitas, 2001.
- Martínez, Jesús Romano. *Cultura atual e pastoral juvenil*, Porto, Edições Salesianas, 2018
- Mendes, P. M. O ensino da Religião na Escola Laica. Uma leitura do relatório de Debray. *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões*. Lisboa: Lusófona, Ano XI, (2012), 11-30.
- Moita, Fernando. Catequese e Educação Moral. In *Fórum de Catequese*, nº 1, Lisboa, SNEC.
- Pajer, Flávio. *Educación escolar y cultura religiosa*, Cuadernos Mel, nº 6, p. 3. Disponível em: https://www.lasalle.org/wp-content/uploads/2019/09/06cahier_mel_es.pdf. Consultado a 03/04/2021.
- Policarpo, José da Cruz. Cultura, Escola e Religião. In *Pastoral Catequética*, nº 31/32 (2015): 17-27.
- Procópio, Carlos Eduardo. *Uma interpretação da sociologia da religião de Danièle Hervieu-Léger*. In CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, ano 3, ed. 7, mai./ago. 2009. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17119> (Consultado a 06/01/2021).
- Silva, José Antunes da. *O Encontro de Assis; marco simbólico do diálogo inter-religioso*. In *Theologica*, 2.ª Série, 41, 2 (2006), 273-297.
- Taylor, Charles. *A era secular*, Lisboa, Instituto Piaget, 2012
- Teixeira, Alfredo (Coord.). *Identidades religiosas em Portugal: representações, valores e práticas*. Centro de Estudos e Sondagens de Opinião & Centro de Estudos de Religiões e Culturas da Universidade Católica Portuguesa, 2012.
- _____. *Guia para o estudo de Património Religioso e Transmissão Cultural*. Documento Policopiado, Lisboa, Faculdade de Teologia-Universidade Católica Portuguesa, 2017.
- _____. A cultura religiosa na escola. In *Pastoral Catequética*, nº 5 (2006), 41-67.
- Velasco, Juan Martín. *¡Ojalá escuchéis hoy su voz!*, Madrid, PPC, 2012.
- Willaime, Jean-Paul. *As condições socioculturais da religião na ultramodernidade contemporânea*. In Borges, Anselmo (Coord.). *Deus ainda tem futuro?* Lisboa, Gradiva, 2014.

_____. Escola Pública e religiões na Europa de hoje. In *Communio*. 32, (2006). 403-410.

ANEXOS

Anexo 1 (Aula 12).....	I
Anexo 2 (Aula 12).....	I
Anexo 3 (Aula 12).....	II
Anexo 4 (Aula 12).....	III
Anexo 5 (Aula 13).....	IV
Anexo 6 (Aula 13).....	V
Anexo 7 (Aula 13).....	VII
Anexo 8 (Aula 14).....	VIII
Anexo 9 (Aula 14).....	IX
Anexo 10 (Aula 15).....	XI
Anexo 11 (Aula 16).....	XII
Anexo 12 (Aula 17).....	XIII
Anexo 13 (Aula 17).....	XIV
Anexo 14 (Aula 17).....	XV
Anexo 14.1 (Aula 17).....	XVI
Anexo 15 (Aula 18).....	XVII
Anexo 15.1 (Aula 18).....	XVIII
Anexo 15.2 (Aula 18).....	XIX
Anexo 15.3 (Aula 18).....	XX
Anexo 16 (Aula 19).....	XXI
Anexo 16.1 (Aula 19).....	XXII
Anexo 16.2 (Aula 19).....	XXIII
Anexo 17 (Aula 21).....	XXIV

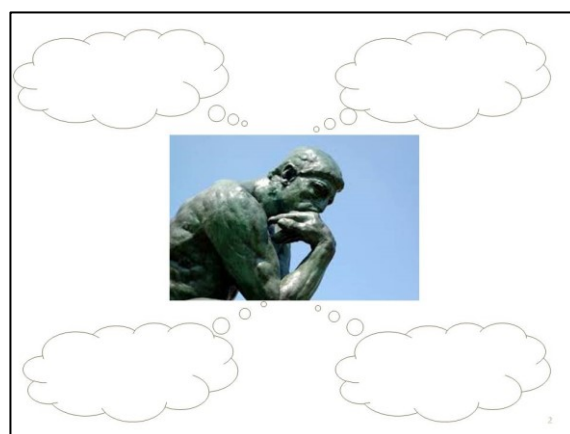
9º ano - Unidade Letiva 2

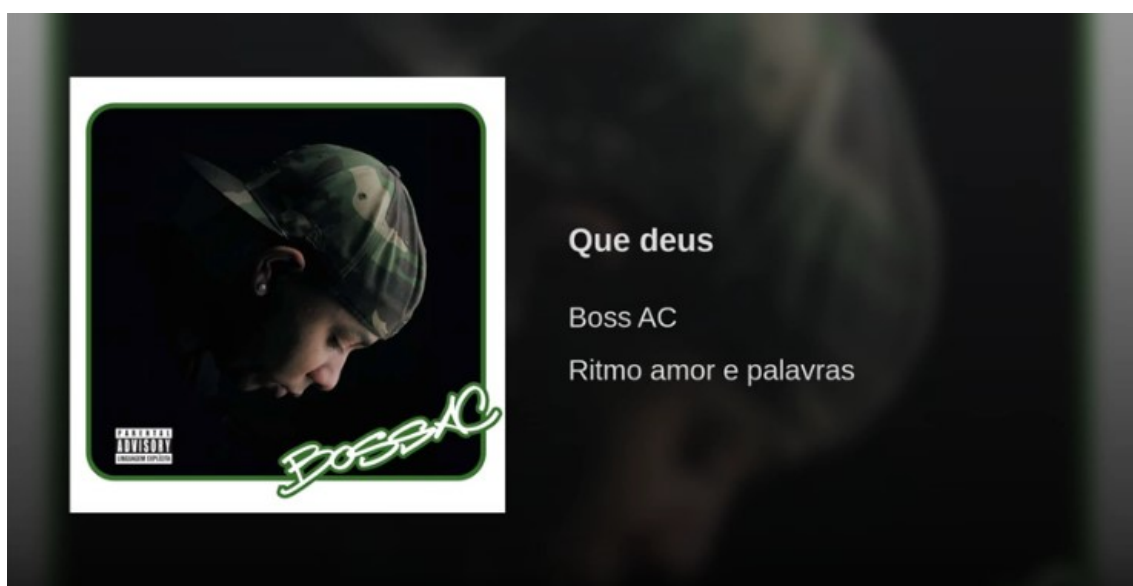
Deus, mistério de Amor

"A questão da existência de Deus"

Vídeo: A questão da existência de Deus

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=06k0B_R6yr8





Vídeo: Boss AC – *Que Deus?*

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=7h34F-6_AHI. Acesso a 13/12/2017.

Há perguntas que têm que ser feitas...

Quem quer que sejas, onde quer que estejas,
Diz-me se é este o mundo que desejas,
Homens rezam, acreditam, morrem por ti,
Dizem que estás em todo o lado mas não sei se já te vi,
Vejo tanta dor no mundo pergunto-me se existes,
Onde está a tua alegria neste mundo de homens tristes?
Se ensinas o bem porque é que somos maus por natureza?
Se tudo podes porque é que não vejo comida á minha mesa?
Perdoa-me as dúvidas, tenho que perguntar,
Se sou teu filho e tu amas porque é que me fazes chorar?
Ninguém tem a verdade o que sabemos são palpites
Se sangue é derramado em teu nome é porque o permites?
Se me destes olhos porque é que não vejo nada?
Se sou feito á tua imagem porque é que durmo na calçada?
Será que pedir a paz entre os homens é pedir demais?
Porque é que sou discriminado se somos todos iguais?

Porquê?!

Porquê que os Homens se comportam como irracionais?
Porquê que guerras, doenças matam cada vez mais?
Porquê que a Paz não passa de ilusão?
Como pode o Homem amar com armas na mão?
Porquê?
Peço perdão pelas perguntas que tem que ser feitas
E se eu escolher o meu caminho, será que me aceitas?
Quem és tu? Onde estás? O que fazes? Não sei...
Eu acredito é na Paz e no Amor...

Por favor não deixes o mal entrar no meu coração,
Dou por mim a chamar o teu nome em horas de aflição,
Mas tens tantos nomes, és Rei de tantos tronos,
E se o Homem nasce livre porque é que é alguns são donos?
Quem inventou o ódio, quem foi que inventou a guerra?
As vezes acho que o inferno é um lugar aqui na Terra,
Não deixes crianças sofrer pelos adultos,

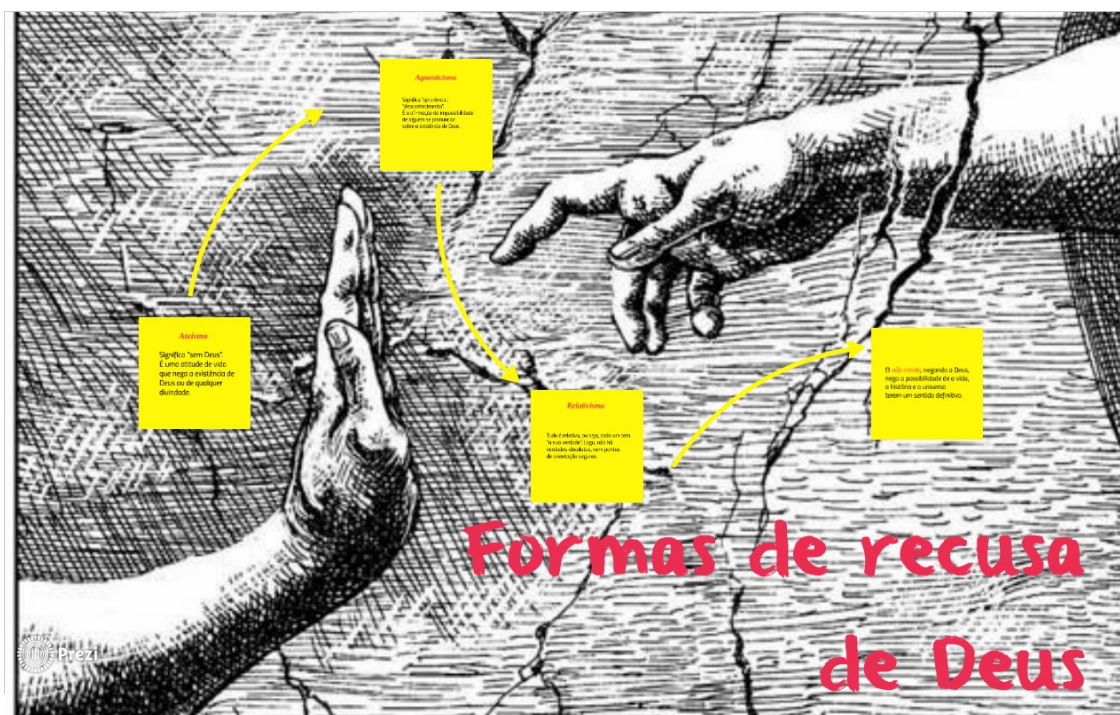
Os pecados são os mesmos o que muda são os cultos,
Dizem que ensinaste o Homem a fazer o bem,
Mas no livro que escreveste cada um só leu o que lhe convém,
Passo noites em branco quase sem dormir a pensar,
Tantas perguntas, tanta coisa por explicar,
Interrogo-me, penso no destino que me deste,
E tudo que acontece é porque tu assim quiseste,
Porque é que me pões de luto e me levas quem eu amo?
Será que essa é a justiça pela qual eu tanto reclamo?
Será que só percebemos quando chegar a nossa altura?
Se calhar desse lado está a felicidade mais pura,
Mas se nada fiz, nada tenho a temer,
A morte não me assusta o que assusta é a forma de morrer...

Porquê que os Homens se comportam como irracionais?
Porquê que guerras, doenças matam cada vez mais?
Porquê que a Paz não passa de ilusão?
Como pode o Homem amar com armas na mão?
Porquê?
Peço perdão pelas perguntas que tem que ser feitas
E se eu escolher o meu caminho, será que me aceitas?
Quem és tu? Onde estás? O que fazes? Não sei...
Eu acredito é na Paz e no Amor...

Quanto mais tento aprender, mais sei que nada sei,
Quanto mais chamo o teu nome menos entendo o que te chamei!
Por mais respostas que tenha a dúvida é maior,
Quero aprender com os meus defeitos, acordar um homem melhor,
Respeito o meu próximo para que ele me respeite a mim,
Penso na origem de tudo e penso como será o fim,
A morte é o fim ou é um novo amanhecer?
Se é começar outra vez então já posso morrer...

(Ao largo ainda arde, a barca da fantasia,
o meu sonho acaba tarde,
acordar é que eu não queria...)

Boss AC – *Que Deus?*
Álbum: Ritmo, Amor e Palavras (2005)
Género: Hip-hop/Rap



Apresentação Prezi: Formas de recusa de Deus

Fonte: <https://prezi.com/1isfk4lce1qb/formas-de-recusa-de-deus/>

Ateísmo
Significa "sem Deus".
É uma atitude de vida que nega a existência de Deus ou de qualquer divindade.

Agnosticismo
Significa "ignorância", "desconhecimento".
É a afirmação da impossibilidade de alguém se pronunciar sobre a existência de Deus.

Relativismo
Tudo é relativo, ou seja, cada um tem "a sua verdade". Logo, não há verdades absolutas, nem pontos de orientação seguros.

O não crente, negando a Deus, nega a possibilidade de a vida, a história e o universo terem um sentido definitivo.



Agrupamento de Escolas da Damaia

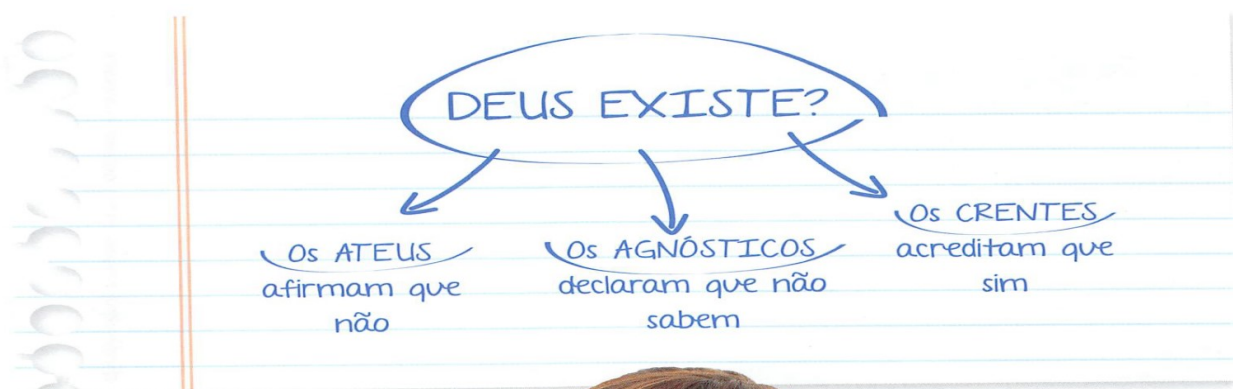
UNIDADE LETIVA 2 DEUS, O GRANDE MISTÉRIO



Educação Moral e Religiosa Católica

FICHA DE TRABALHO Nº 1 - 16/01/2018

Nome:	Ano:	Turma:	Nº
-------	------	--------	----



EMRC – 9º Ano – *Quero ser!*, SNEC, Torres Novas, 2015, p.66

Coloca o número da frase no conceito a que se refere.

	Frases
Ateísmo	
Agnosticismo	
Fé (crença)	

Frases:

1. “Achar que o mundo não tem um criador é o mesmo que afirmar que um dicionário é o resultado de uma explosão numa tipografia.” (Benjamin Franklin – cientista e escritor americano do século XVIII)
2. “Tenho consciência do sagrado, do mistério que há no ser humano, e não vejo por que não confessar a emoção que sinto diante de Cristo e do seu ensinamento... Sinto grande respeito diante de Cristo, mas não creio na sua ressurreição.” (Alberto Camus – escritor francês do século XX)
3. “Não tenho necessidade de Deus, nem saberia o que fazer com ele.” (Jean-Paul Sartre – filósofo e escritor francês do século XX)
4. “Não sou um ateu total, todos os dias tento encontrar um sinal de Deus, mas infelizmente não o encontro.” (José Saramago – escritor português do século XX)
5. “Hoje Deus é verdade! Passem para cá papel e tinta. Se preferem, escreverei a sangue esta notícia: Hoje, Deus é verdade como o Sol.” (Sebastião da Gama – poeta português do século XX)
6. “Deus está morto!” (Nietzsche – filósofo alemão do século XIX)

Bom trabalho!



Vídeo: Pachelbel – *Canon in D*

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=rNsgHMkIBW0>



Apresentação Powtoon: O fenómeno religioso e seus elementos constituintes

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=UZAo1cek19Y&t=81s>

Representações de Deus no Judaísmo e em Jesus de Nazaré



1

No Judaísmo

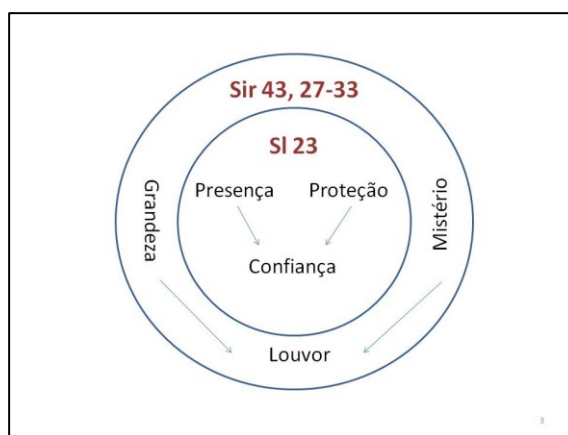
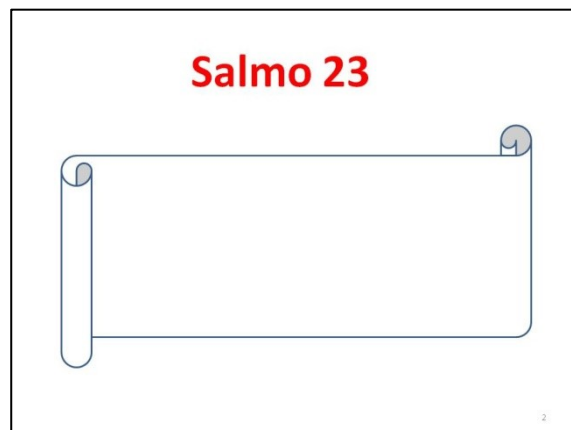
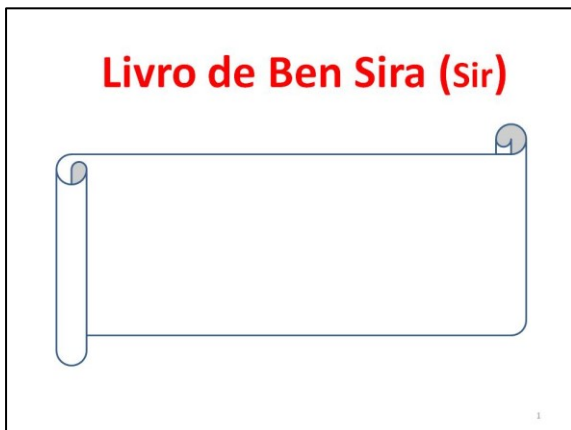


2

O Deus de Jesus Cristo



3





Vídeo: Awake, uma experiência Lipton

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=L5RCYvcXRrk>. Acesso a 06/02/2018.

As obras de



Obras de misericórdia

O que são?

As obras de misericórdia são ações caridosas pelas quais vamos em ajuda do nosso próximo, nas suas necessidades corporais e espirituais.

Obras de misericórdia **corporais**

- ▶ Dar de comer a quem tem fome
- ▶ Dar de beber a quem tem sede
- ▶ Vestir os nus
- ▶ Dar pousada aos peregrinos
- ▶ Visitar os doentes
- ▶ Visitar os presos
- ▶ Enterrar os mortos


Obras de misericórdia **espirituais**

- ▶ Dar bons conselhos
- ▶ Ensinar os ignorantes
- ▶ Corrigir os que erram
- ▶ Consolar os tristes
- ▶ Perdoar as injúrias
- ▶ Sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo
- ▶ Rezar a Deus pelos vivos e pelos defuntos



Dar de comer a quem tem fome

1



Dar de beber a quem tem sede

2



Vestir os nus

3



Dar pousada aos peregrinos

4



Visitar os doentes

5



Visitar os presos

6



Enterrar os mortos

7



Dar bons
conselhos

8



Ensinar os
ignorantes

9



Corrigir os que
erram

10



Consolar os
tristes

11



Perdoar as
injúrias

12



Suportar com
paciência as
fraquezas do
nosso próximo

13



Rezar a Deus
pelos vivos e
pelos defuntos

14

Grupo 1

Nomes:

S. João de Deus



Após a leitura atenta do manual, apresenta a pessoa de Deus com base nos seguintes tópicos:

de S. João

1- Data e local de nascimento e de morte:

2. Como é que S. João de Deus viveu o seu amor por Deus?

3. Indica a obra fundada por S. João de Deus:

4. Exemplo deixado por S. João de Deus.

Grupo 2

Nomes:

S. Vicente de Paulo



Após a leitura atenta do manual, apresenta a Vicente de Paulo com base nos seguintes tópicos:

_____ pessoa de S.

1- Data e local de nascimento:

2. Como é que S. Vicente de Paulo viveu o seu amor por Deus?

3. Indica a obra fundada por S. Vicente de Paulo:

4. Exemplo deixado por S. Vicente de Paulo.

Grupo 3

Nomes:

Aristides de Sousa Mendes



Após a leitura atenta do manual, apresenta a **Aristides de Sousa Mendes** com base nos seguintes tópicos: **peessoa de**

1- Data e local de nascimento e de morte:

2. Como é que Aristides de Sousa Mendes viveu o seu amor por Deus?

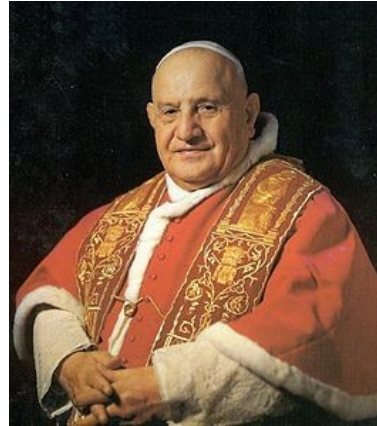
3. Indica a “desobediência” de Aristides Sousa Mendes a Salazar:

4. Exemplo deixado por Aristides de Sousa Mendes:

Grupo 4

Nomes:

Papa João XXIII



Após a leitura atenta do manual, apresenta a João XXIII com base nos seguintes tópicos:

_____ pessoa de

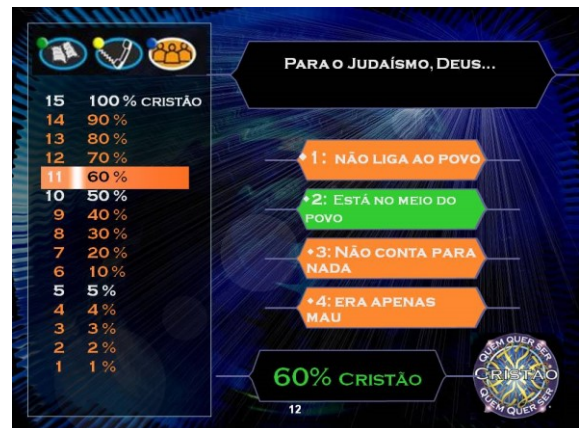
1- Data e local de nascimento e de morte:

2. Como é que o papa João XXIII viveu o seu amor por Deus?

3. Indica a grande reforma que o papa João XXII levou a cabo na Igreja:

4. Refere dois gestos de solidariedade do papa João XXIII:







Parabéns!!!

MAS ATENÇÃO!

NÃO BASTA QUE SAIBA TUDO SOBRE A UL2!

100% É PRECISO VIVER O QUE SE APRENDEU!

17



Agrupamento de Escolas
da Damaia

FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO – 9ºA

Aluno: _____

Nº _____

COMPETÊNCIAS A AVALIAR	2º Período				
	Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Fui assíduo e pontual					
Respeitei o professor, os colegas e as regras estabelecidas					
Mostrei interesse e disponibilidade para aprender					
Fui responsável com o material, TPC e prazos estipulados					
Colaborei em trabalhos de grupo e respeitei as regras implícitas					
Demonstrei autonomia					
Participei nas tarefas propostas na aula					
Mostrei espírito de entajuda e de cooperação com colegas e professor					
Desenvolvi espírito de tolerância/respeito pelo outro diferente de mim					
Utilizo corretamente a língua portuguesa oralmente e por escrito					
Nível que mereço no final do período					